MARIA LÚCIA VIEIRA

O NICOLAU, UM JORNAL CULTURAL

VOLUME II

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Literatura Brasileira, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Édison José da Costa

CURITIBA
1999

CAPÍTULO V

ENTREVISTA

Liberdade é essencial. Agora, liberdade com orientação, senão pode levar ao caos. Não é possível haver liberdade absoluta. Nada existe de absoluto, a não ser Deus. Temos que ter liberdade, mas dentro de limites, porque, ao contrário de que se pensa, eles não restringem o homem, mas o enriquecem.

(Newton Freire Maia, Entrevista a Telma Serur, *Nicolau I*, n° 6, p. 6)

Manoel de Barros

concerto a céu aberto para solo de poeta

vens do céu de Campo Grande/MS, o panta-
ıoel de Barros — considerado por muitos
ɔoeta vivo do Brasil — concede entrevista
a **Nicolau**, onde reafirma a convicção sempre
ıtual em sua vida: a de que o homem que
n pente e uma árvore pode servir para a

ro. Manoel de Barros mora no asfalto. Na hoje nada bucólica Campo
s cinco da manhã, ele já está acordado para tomar, em jejum, um
ıí, que deve ser bem "relado" com grosa das usadas — para não
. Depois, faz longas caminhadas todas as manhãs. Por vezes, ao
n arquitetada residência, descansa nos muros de um terreno baldio,
ujos fazem morada. Equilibra-se no meio-fio da calçada, faceiro
nquanto o fotógrafo Marcelo Buainain pretende uma pose sua.
as décadas de 30 e 40, o poeta palmilhou estradas da América do
ıdo personagens nada celestiais, como a peluda boliviana que engendra
ıria Pelego Preto. Se não viajava, ouvia histórias de viajantes, como
uquinha de Curitiba que também virou poesia, cujos dois últimos
lorificados — em carta — por Drummond de Andrade. Foi para
dar cinema e pintura. Foi a Paris, conhecer os mestres em fecundos
ndarilho sempre a observar gentes e coisas insignificantes.
s do chão surgem personagens imortais, como o peão-filósofo Aristeu.
o seguinte reparo em conversa com seu pai: a estridência do grilo
75 vezes. Este personagem é da memória de sua infância, quando
te anos era um bugrinho do Pantanal, apelidado Nequinho. Outro
ıda existe, mora na fazenda de Manoel: é o Bernardo da Mata.
ıara outro desistiu de falar, apenas ri, bebe pinga e atrai passarinhos
beça fosse árvore. "É um ser tão bom que inveja não acopla nele".

las Santa Cruz e Buritizinho, no pantanal de Nhecolândia, vai às
tório da cidade. Manoel Venceslau Leite de Barros acompanha os
ıuários. No gabinete reservado da residência, escreve poemas durante
rias. "Poesia para mim é trabalho, caso contrário seria distração".
ssa da exaustão do fazer poético: "Ninguém é pai de um poema

eciso uso de zinga para puxar as histórias de Manoel de Barros:
ısador também. Conta, por exemplo, que seu primeiro livro, aquele
para sempre graças ao rigor que a poesia exige, continha 150 sonetos
atólica. Sumiu durante uma blitz do Estado Novo, em 1936, no
ɔensão no Catete (Rio), onde morava. Era todo manuscritado com
poeta não se importa com o sumiço: "Só o título era bom: Nossa
ha Solidão".
anhãs, tardes e noites de conversas imbicadas, principalmente, para
n o Pantanal que borda e lambe sua poesia. Mas não se queira
s poeta pantaneiro. O cótulo regionalista enche o sapicuá dos poetas
al, diz ele, "quem comanda toda a minha poesia é a infância. O
o poeta é o gene". Assim, "minha infância no Pantanal reforçou
as coisas pequenas do chão. Mas esse milagre estético poderia acontecer
na casa em Paris".
pouco dessas conversas, poemas inéditos de seu futuro livro e, outra
ara **Nicolau**, *desenhos de seu próprio traço. Conversas iniciadas*
ıde e continuadas por telefone e por carta.

foto: Marcelo Buainain

entrevista a Adélia Maria Lopes

n i c

ilustrações: Manoel de Barros

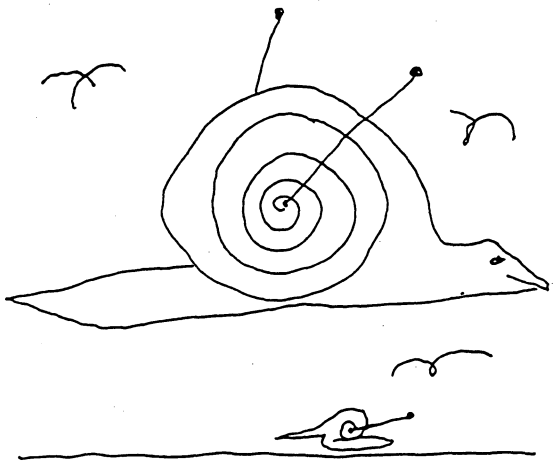
Do poema
Couvert a céu aberto para solos de aves

XIX
Ouço uma frase de aranquã: han? há! Hum?! cuã...
Não tive preparatório em linguagem de aranquã.
Caligrafei seu nome assim *: Mas pode uma palavra*
chegar à perfeição de se tornar um pássaro?
Antigamente podia.
As letras aceitavam pássaros.
As árvores serviam de alfabeto aos Gregos.
A letra mais bonita era a *(palmeira).*
As coisas mesmo só davam aspecto.
Caratujei meus pássaros até a última natureza.
Notei que descobrir novos lados de uma palavra
é o mesmo que descobrir novos lados do Ser.
Paisagens comiam no meu olho.

I
Quando eu nasci
o silêncio foi aumentado.
Meu pai sempre entendeu
Que eu era torto.
Mas sempre me apoiou.
Passei anos me procurando por lugares nenhuns
Até que não me achei — e fui salvo.
Às vezes caminhava como se fosse um bulbo.

Nicolau — O senhor disse, uma vez, que os poetas precisam reaprender a errar a língua. É preciso tanto?

Manoel — *Assisti, ainda jovem, a uma exposição de Portinari, no prédio do antigo Ministério da Educação, no Rio, quando o Rio era ainda Capital Federal. A exposição constava do esboço de um peixe, que o artista, aos poucos, ia deformando. Eram cinqüenta peixes, ao todo. O primeiro só faltava nadar. Seria uma cópia da natureza. Na seqüência, lá pelo 25º esboço, o artista alcançou o "não-peixe". Portinari, então, iniciaria sua obra de arte a partir do não-peixe. Começava a propor seus caminhos até atingir não um peixe qualquer, mas o seu peixe. Uma outra coisa. Uma obra de arte. Um ente de linguagem. De outro modo, em Miró, por exemplo, uma nódoa de mosca na tela podia ser o início de um amanhecer. Acredito que certos escultores costumam partir dos defeitos de uma pedra para chegar ao seu ente de linguagem: um objeto onde ele, o artista, esteja posto em sangue e emoções. Acho saudável ao poeta partir do inominável, da primeira fala engrolada, dos mistérios iniciais com que a ignorância nos brinda... partir desse ponto para a criação do poema. Então, reaprender a errar a língua seria encostar-se de novo nos germínios da fala. Começar do início da voz. E esse privilégio de chegar ao início da voz, ao seu primeiro balbucio, esse privilégio é dos poetas. Reaprender a errar a língua foi uma expressão que me pareceu boa para dizer dessas natências. As palavras que cheguem banhadas de nossas natências é certo que chegarão molhadas de nós, merejando (?) marejando.*



Nicolau — Essa pergunta é inevitável: por que a fixação por bichos gosmentos, como lesmas e caracóis?

Manoel — *Já me fizeram a pergunta umas trinta vezes. E eu, deveras, deveras mesmo, o que sei dos caracóis é que são enrolados. A palavra é árabe, ou vem do árabe, e quer dizer isso mesmo, enrolado. Vem de 'karkara', que é voltear, tornear, em árabe. Sei também que a espiral de sua concha é um símbolo de eterna renovação, sendo também coisa erótica. Espécie de um bicho contráctil, que se esconde ao primeiro toque, mas se alguém lhe acaricia os pêlos, a lesma mija. Sempre inventei coisas para explicar o meu gosto por esses bichinhos. E penso que as verdades que invento sobre eles são mais verdadeiras que as da enciclopédia. Essas róseas conchas na verdade me entregam às suas lesmas. E eu enfio nelas, com unção, as minhas palavras. Eu também não sei por que tenho essa fixação. A lesma, ela tem uma luxúria do ínfimo. Ela bem poderia dizer: "Eu dou às coisas do chão o meu orvalho, a minha vagina lenta. Eu passeio sem calças sobre as coisas. Eu sou o sexo da borra". E posso inventar outros volteios para explicar meu gosto por caracóis. Que, pois, o caracol, com a sua casa às costas, divulgue meus hábitos de andarilho. De andarilho estático. Esse ente que viaja para dentro e é capaz de viscosidades, pois. Até nas minhas frases a gosma se prega. Um dia, como ~~poeta, precisei de compor~~ uma parede para um caramujo. O caramujo me seguia em sonho e cantos. Fiz uma parede asséptica para ele. Mas ele queria uma parede suja. Queria uma parede cariada. Descobri que é nas escórias que o caramujo alimenta as suas fantasias. Custei muito para descobrir isso. Precisei quase até de usar fita métrica. A chuva e o tempo logo fizeram aquela parede apodrecer. Então era ver o desabrochar dos caramujos nela... sementavam de muda!*

ENTREVISTA: ÍNDICE ALFABÉTICO DE PERSONALIDADES ENTREVISTADAS

ABRAMO, Lívio. II (nº 13): 22, 23, jul. 88.

Entrevista inversão-invenção dos mestres da gravura brasileira feita a Jorge Canese.

ALLEGRETTI, Mary. III (nº 27): 4-6, set., out., nov. 89.

Mostra a Malu Maranhão, sua defesa dos povos da floresta.

ANDREATO, Elifas. I (nº 7): 6, 7, jan. 88.

Carlos Arruda entrevista o artista gráfico mais conhecido do Brasil.

ASSUMPÇÃO, Itamar. III (nº 25): 4-7, jul. 89.

Neuzza Pinheiro e Rodrigo Garcia Lopes são os entrevistadores. Tendo como interlocutores Ademir Assumpção e Alice Ruiz, Itamar fala sobre seu começo de carreira de músico em Londrina, os rumos da MPB e de sua parceria com Paulo Leminski.

AUTRAN, Paulo. II (nº 26): 4-6, ago. 89.

Presença viva da dramaturgia brasileira, entrevistado por Celina Alvetti.

BABENCO, Hector. VII (nº 53): 4-7, maio, jun. 94.

Mauro Alice entrevista o cineasta mais sofisticado da América Latina.

BACK, Sylvio. I (nº 11): 6-8, maio, 88.

Dalva Ventura entrevista o cineasta mais polêmico, contestador do cinema brasileiro.

BARNABÉ, Arrigo. I (nº 2): 6, 7, ago. 87.

O dia em que Ademir Assunção o entreouviu.

BARROS, Manoel de. V (nº 40): 4-6, ago., set. 91.

Adélia Lopes conversa com o pantaneiro, considerado por muitos o maior poeta vivo do Brasil.

BIANCHI, Sérgio. III (nº 23): 8-11, maio 89.

Nesta entrevista a *Nicolau* o diretor de *Romance* e da *Ópera Don Giovanni* fala de política cultural, ecologia, cinema brasileiro e tantas outras mais.

BOCHINO, Alceo. VII (nº 53): 18-21, maio, jun. 94.

Nicolau entrevista um dos nomes mais expressivos do cenário musical brasileiro.

BORGES, Jorge Luis. VIII (nº 55): 4-7, set., out. 94.

Clark M. Zlotchew faz a última entrevista deste escritor argentino.

BOTAFOGO, Ana. III (nº 22): 6-8, abr. 89.

Dalva Ventura revela uma das melhores bailarinas do país.

BRACKHAGE, Stan. VI (nº 48): 20-23, maio, jun. 93.

Rodrigo Garcia Lopes entrevista um dos mais importantes cineastas experimentais norte-americanos.

BRITTO, Paulo Henriques. III (nº 26): 24-25, ago. 89.

Nicolau entrevista um dos poetas recém editado pela Coleção Claro Enigma da Editora Duas Cidades.

BRECHT, Bertold. I (nº 10): 4, abr. 88.

Paulo Motta tece uma entrevista fictícia com o poeta e dramaturgo alemão.

BURROUGHS. III (nº 21): 22, 23, mar. 89.

Fala com exclusividade para Angelo Petrin e Rudolph Link sobre sua seita, cut-up e ficção.

CAMARGO, Iberê VI (nº 46): 4-7, nov., dez. 92.

Olga Weinheber e Armindo Trevisan entrevistam um dos mais importantes artistas plásticos brasileiros.

CAMPOS, Haroldo de. II (nº 15): 6-9, set., 88.

O poeta crítico e transcriador entrevista-se com Carlos Ávila, especialmente para *Nicolau*.

CARNEIRO, David. II (nº 16): 6-8, out., 88.

Entrevista ao *Nicolau*, feita por Malu Maranhão.

COLIN, Flávio. III (nº 28): 4-6, dez. 89.

O mais importante quadrinista é entrevistado pela equipe de *Nicolau*.

CORRÊA, José Celso Martinez. IV (nº 35): 4-6, out., nov. 90.

Nicolau entrevista o diretor do "Teatro Oficina".

DANIEL, Herbert. IV (nº 34): 28, 29, ago., set. 90.

Em entrevista a Gigio Venturelli, o escritor denuncia como pornográfico o vírus ideológico embutido na AIDS.

ESQUIVEL, Adolfo Pérez. V (nº 39): 4-6, jun., jul. 91.

Perla Melchertz entrevista o argentino que recebeu o prêmio Nobel da Paz de 1980.

FARIAS, Victor. I (nº 12): 23, 24, jun. 88.

Em Berlim, João Antônio entrevista com exclusividade, para *Nicolau*, o autor de "Heidgger e o Nazismo".

FRANCIS, Paulo. VI (nº 43): 4-7, maio, jun. 92.

Toninho Vaz conversa, em Nova York, com o anti-homem das letras.

FONTOURA, Ary. I (nº 9): 6-8, mar. 88.

Esta celebridade é entrevistada por Dalva Ventura.

FREUD, Sigmund. VI (nº 48): 4-7, maio, jun. 93.

George Sylvester Wiereck encontra uma entrevista rara, na Biblioteca da Sociedade Sigmund Freud.

GIL, Gilberto. III (nº 23): 24, maio, 89.

Fala a Caco de Paula, sobre seu último disco, "Baticum".

GILSON, Léo. IV (nº 36): 4, 5, dez. 90/jan. 91.

Jõao Antônio e Perla D. Melcherts ocasiona ao entrevistado traçar uma radiografia do momento cultural brasileiro.

GREBOGI. I (nº 10): 6-8, abr. 88.

O diretor do *Departamento de Caos* da Universidade de Maryland, Washington (EUA) é entrevistado por Eduardo Sganzerla e Nilson Monteiro.

GUERRA, Ademar. IV (nº 33): 22, 23, maio, jun., jul. 90.

Entrevista feita pelo *Nicolau*, revelando aspectos da adaptação para o teatro dos textos de Dalton Trevisan.

HELIODORA, Bárbara. VII (nº 55): 18-20, jul., ago. 94.

Carlos Tautz entrevista esta crítica teatral e também a maior tradutora de Shakespeare no Brasil.

HILST, Hilda. VI (nº 51): 4-7, nov., dez., 93.

Nicolau e Inês Mafra entrevistam a mais importante escritora viva do Brasil.

JACON, Nitis. III (nº 21): 6-8, mar., 89.

Marcelo Hollanda entrevista a diretora do Grupo de Teatro.

JARDIM, Reynaldo. II (nº 14): 6-8, ago., 88.

Um fazedor de artes e anartes, desnuda-se de Brasília para *Nicolau*, através de Silvana Marchi.

JOFFILY, José. II (nº 13): 6-8, jul. 88.

Entrevista a Apolo Mário Theodoro, fala de histórias que fizeram a História Brasileira.

JUNG, Carl Gustav. V (nº 38): 4-6, abr., maio, 91.

João Carlos Machado faz uma entrevista imaginária a um dos maiores humanistas do século.

KOLODY, Helena. I (nº 8): 6-8, fev., 88.

Telma Serur entrevista a poeta.

LARANJEIRA, Pires. I (nº 5): 6, 7, nov., 87.

Marilu Silveira mostra a última flor do Lácio nas letras afro.

LAROCA, Sebastião. III (nº 20): 6-8, fev. 89.

Lições de ciência e amor à natureza, são alguns dos tópicos revelados a Malu Maranhão.

LATTES, Cesar. VI (nº 44): 4-7, jul., ago., 92.

Um dos maiores físicos nucleares do mundo fala com exclusividade para a equipe de *Nicolau*.

LEMINSKI, Paulo. III (nº 19): 6-10, jan. 89.

Fala a Denise Guimarães sobre "quase-tudo e quasares".

MADARIAGA, Francisco. V (nº 41): 4-6, out., nov. 91.

Floriano Martins e Nestor Perlongher entrevistam o poeta, uma das maiores vozes surrealistas contemporâneas.

MAIA, Newton Freire. I (nº 6): 6, 7, dez. 87.

Entrevistadora: Telma Serur.

MARTINEZ e Requião. IV (nº 35): 13, out., nov. 90.

Nicolau formula três perguntas sobre política cultural aos dois candidatos a governador que vão para o 2º turno.

MARTINS, Wilson. I (nº 3): 6, 7, set. 87.

Tato Taborda, entrevista o crítico literário Wilson Martins.

MELO, Luis. VII (nº 52): 18-20, mar., abr. 94.

Jotabê Medeiros entrevista o paranaense Luis Melo que fala sobre os tempos do Teatro Guaíra.

MIRAN. IV (nº 33): 4-7, maio, jun., jul. 90.

Entrevista do artesão do papel feita para o *Nicolau*.

MONK, Meredith. VI (nº 49): 4-7, jul., ago. 93.

Rodrigo Garcia Lopes entrevista uma das maiores expressões da música contemporânea.

MOREYRA, Cida. IV (nº 29): 4-6, jan. 90.

O artista de teatro é entrevistado por Paulo Klein.

NEGRI, Toni. VI (nº 42): 18, 19, mar., abr. 92.

Gilles Deleuze relata o encontro com o líder intelectual do grupo terrorista "Brigadas Vermelhas".

OHNO, Kazuo. VI (nº 47): 18-20, mar., abr. 93.

Kazuo Ohno é o mais velho bailarino do mundo.

PACIORNIK, Moysés. IV (nº 30): 8-10, fev. 90.

Telma Serur entrevista o médico que revolucionou a obstetrícia.

PAES, José Paulo. IV (nº 31): 4-7, mar. 90.

Antonio Paulo Klein revela as aventuras de um escritor.

PAIK, Nam June. VIII (nº 54): 4-7, jul. ago. 94.

Nicolau entrevista o sul coreano Nam Paik, pioneiro da videoarte.

PELLEGRINI, Domingos. I (nº 4): 6, 7, out., 87.

Apolo Mário Theodoro entrevista o escritor.

PERLONGHER, Néstor. VI (nº 47): 4-6, mar., abr. 93.

Entrevistado por Ademir Assunção é um dos mais expressivos nomes da vanguarda argentina.

POTY, I (nº 2): 6, jul. 87.

Valêncio Xavier faz uma entrevista apócrifa com Poty.

PRESTES, Luis Carlos. I (nº 12): 6-9, jun. 88.

O Velho Cavaleiro, hoje aos 90 anos revela seus ideais a Dalva Ventura.

RAMOS, Toni. II (nº 18): 6-8, dez., 88.

Sua infância, o teatro, a novela, o cinema, são alguns tópicos revelados a Dalva Ventura.

RIBEIRO, Jackson. II (nº 17): 6-8, nov., 88.

Adélia Maria Lopes é a entrevistadora deste artista que está lidando com o projeto "Decorrências Modulares".

RUBIÃO, Murilo. VI (nº 49): 20-22, jul., ago. 93.

Nicolau faz a última conversa com o escritor mineiro, um dos mestres do conto brasileiro.

RUIZ, Alice. IV (nº 34): 4-6, ago., set., 90.

A poesia de Alice Ruiz é revelada através de *Nicolau*.

SALGADO, Sebastião. VIII (nº 55): 14-18, set., out. 94.

Nicolau entrevista um dos mais importantes fotógrafos do mundo.

SCHAFER, Murray. VI (nº 50): 18-20, set., out., 93.

Janete El Haouli faz uma entrevista exclusiva com o compositor canadense.

SCHIAVON, João Perci. VI (nº 50): 4-7, set., out., 93.

Fernando Karl, entrevista um dos mais expressivos psicanalistas do Paraná.

SIENKIEWCZ, Bill. VII (nº 52): 4-7, mar., abr. 94.

Nicolau entrevista o quadrinista norte-americano.

SNEGE, Jamil. VI (nº 42): 4-7, mar., abr. 92.

Marília Kubota fala com o poeta e publicitário sobre as mil caras de Curitiba e os divinos detalhes do mundo.

SOUZA, Alduísio Moreira de; Alfredo Nestor Jerusalinsky e Contardo Luigi Calligaris. IV (nº 36): 24, 25, dez. 90/jan. 91.

Nicolau realiza uma coletiva com os membros da Biblioteca Freudiana de Curitiba.

TEIXEIRA, Cleber. IV (nº 32): 4-7, abr. 90.

Fábio Bruggemann revela para *Nicolau* as peripécias tipográficas do artesão de palavras e imagens.

THORAU, Henry. II (nº 16): 24, out., 88.

Silveira Marilu entrevista o dramaturgo alemão em visita ao Brasil.

TINHORÃO, José Ramos. VI (nº 45): 4-7, set., out. 92.

Moacir Amâncio entrevista o guardador de Polifonias, considerado um dos mais importantes "experts" em cultura popular brasileira.

TITÃS, Grupo de Rock. *Duelo de Titãs no país dos banguelas.*II (nº 18): 10, 11, dez. 88

Nicolau entrevista Arnaldo Antunes, Sérgio Britto e Toni Bello, componentes do grupo Titãs. Na entrevista expõem os pressupostos da tese de mestrado que pretendem apresentar na USP.

TORRES Filho, Rubens Rodrigues. III (nº 26): 24, 25, ago. 89.

Nicolau entrevista um dos poetas recém editado pela Coleção Claro Enigma da Editora Duas Cidades.

TREVISAN, Dalton. IV (nº 33): 24, maio, jun., jul. 90.

Távora Araken consegue esta entrevista histórica.

WINDMÜLLER, Hugo. III (nº 22): 16, 17, abr. 89.

Entrevistado por Dimas Floriani, o grande naturista alemão radicado há 66 anos no Brasil.

WISNIK, José Miguel. V (nº 37): 4-6, fev., mar. 91.

Alice Ruiz conversa com o músico sobre origens, alma eslava, Fernando Pessoa, Debussy e Curitiba como lugar de passagem.

ENTREVISTA: ÍNDICE ALFABÉTICO DE ENTREVISTADORES

ANTÔNIO, João. *Victor Farias: nos rastros de "Heidegger"*. I (n°12): 23, 24, jun. 88.

Em Berlim, João Antônio entrevista, com exclusividade, para *Nicolau* o autor de "Heidgger e o Nazismo": Víctor Farias.

ALICE, Mauro. *Hector Babenco - Um olho na cabeça*. VII (n° 53): 4-7, maio, jun. 94.

O argentino brasileiro Hector Babenco, considerado por muitos o cineasta mais sofisticado da América Latina.

ALVETTI, Celina. *Paulo Autran. A vida é só uma sombra móvel*. III (n° 26): 4-6, ago. 89.

Presença viva da dramaturgia brasileira. Paulo Autran, está há quatro meses em Curitiba, preparando e apresentando "A Vida de Galileu"- montada pelo teatro de Comédia do Paraná.

AMÂNCIO, Moacir . *José Ramos Tinhorão, Todo o avesso*. VI (n° 45): 4-7. set., out. 92.

O guardador de Polifonias, José Ramos Tinhorão - considerado um dos mais importantes "experts" em cultura popular brasileira.

ARAKEN, Távora. *Meu encontro com o vampiro.* IV (nº 33): 24, maio, jun., jul. 90.

Entrevista histórica com Dalton Trevisan.

ARRUDA, Carlos. *O olhar em cor de Elifas Andreato.* I (nº 7): 6, 7, jan. 88

Elifas Andreato é o artista gráfico mais conhecido do Brasil: volta-se contra o jogo das aparências para distorcer o real.

ASSUNÇÃO, Ademir. *Onde andará Arrigo Barnabé?* I (nº 2): 6, 7, ago. 87.

O dia em que Ademir Assunção o entreouviu.

———, *Néstor Perlonger, estação neon barroca.* VI (nº 47): 4-6, mar., abr. 93.

O entrevistado é um dos mais expressivos nomes da vanguarda argentina.

ÁVILA, Carlos. *A pluripalavra de Haroldo de Campos.* II (nº 15): 6-9, set. 88.

No cenário dos anjos, astrólogos, volutas e trombetas, no "chiaroscuro" das barrocas Minas Gerais, o poeta crítico e transcriador Haroldo de Campos entrevista-se com Carlos Ávila, especialmente para *Nicolau*.

BRÜGGEMANN, Fábio. *Cleber Teixeira: o tipógrafo inventor,* IV (nº 32): 4-7, abr. 90.

Artesão de palavras e imagens em livro, Cleber traça letra a letra, para *Nicolau* suas peripécias tipográficas.

CANESE, Jorge. *O avesso do direito da gravura.* II (nº 13): 22, 23, jul. 88.

Entrevista inversão-invenção, do mestre da gravura brasileira: Lívio Abramo.

DELEUZE, Gilles. *Toni Negri, revoluções da idealogia.* VI (nº 42): 18, 19, mar., abr.92.

Encontro do filósofo francês Gilles Deleuze com o líder intelectual do grupo terrorista Brigadas Vermelhas.

FLORIANI, Dimas. *Hugo Windmüller - Você tem fome de quê?* III (nº 22): 16, 17, abr. 89.

Filho de alemães, naturista radicado há 66 anos no Brasil.

GUIMARÃES, Denise. *Leminski.* III (nº 19): 6-10, jan. 89.

Leminski fala sobre quase-tudo e quasares. Caboclo back e zen, monge beat, cosmopolita, surrealista, bairrista.

HAOULI, Janete El. *Murray Schafer, o ouvido pensante.* VI (nº 50): 18-20, set., out. 93.

Entrevista com o compositor canadense.

HOLLANDA, Marcelo. *Nitis Jacon.* III (nº 21): 6-8, mar. 89.

Nitis Jacon é diretora do Grupo Prometeu, realizou a I Mostra Latino-Americana de Teatro. Está imune à peste da estagnação cultural, desce o pano e fala a *Nicolau* de como faz para mudar a cena, sempre.

ANTÔNIO, João e Perla D. Melcherts. *Léo Gilson Ribeiro - Cultura brasileira: do sublime ao grotesco.* IV (nº 36): 4, 5, dez. 90/jan. 91.

O entrevistado Léo Gilson Ribeiro traça uma radiografia do momento cultural brasileiro.

KARL, Fernando. *João Perci Schiavon - A educação pelo sim.* VI (nº 50): 4-7, set., out. 93.

João Perci Schiavon, um dos mais expressivos psicanalistas do Paraná.

KLEIN, Antônio Paulo. *Cida Moreyra: importante é ser gauche na vida* . IV (nº 29): 4-6, jan. 90.

Cida Moreyra: artista de teatro.

———, *José Paulo Paes: aventuras de um escritor.* IV (nº 31): 4-7, mar. 90.

KUBOTA, Marília. *Jamil Snege, inquietações de um profano.* V (nº 42): 4-7, mar., abr. 92.

O poeta e publicitário Jamil Snege fala com sensibilidade sobre as mil caras de Curitiba e os diurnos detalhes do mundo.

LOPES, Adélia Maria. *Manoel de Barros. Concerto a Céu Aberto para solo de poeta.* V (nº 40): 4-6, ago., set. 91.

O pantaneiro Manoel de Barros - considerado por muitos o maior poeta vivo do Brasil.

———, *Jackson Ribeiro.* II (nº 17): 6-8, nov. 88.

Jackson é artista, está lidando com o projeto "Decorrências Modulares" e quer levar a linha ao micro do absurdo.

LOPES, Rodrigo Garcia. *Stan Brakhage, Visões.* VI (nº 48): 20-23, maio, jun. 93.

Stan Brakhage, um dos mais importantes cineastas experimentais norte-americanos.

———, *Meredith Monk* VI (nº 49): 4-7, jul., ago. 93.

A norte-americana, aos 50 anos, uma das maiores expressões da música contemporânea.

———, *Nam June Paik - a lua é a mais antiga TV.* VIII (nº 54): 4-7, jul., ago. 94.

Pioneiro da Videoarte - o sul coreano Nam June Paik - é um misto de sensibilidade oriental e lúcida inquietação com o futuro.

MACHADO, João Carlos. *Carl Gustav Jung - Os malabarismos do mago.* V (nº 38): 4-6, abr., maio 91.

Entrevista imaginária a João Carlos Machado de um dos maiores humanistas do século: Carl Gustav Yung.

MAGALDI, Sábato e Perla D. Melcherts. *José Celso Martinez Corrêa: 'rexistir' é preciso.* IV (nº35): 4-6, out., nov. 90.

José Celso Martinez Corrêa é diretor do "Teatro Oficina".

MARANHÃO, Malu. *Mary Alegretti: em defesa dos povos da floresta.* III (nº 27): 4-6, set., out., nov. 89.

Mary Allegretti deixou o emprego e a universidade e se embrenhou pelo mato, em defesa da natureza.

———, *Sebastião Laroca,* III (nº 20): 6-8, fev. 89.

Lições de ciência e amor à natureza com o mestre das abelhas.

———, *David Carneiro*. II (nº 16): 6-8, out. 88.

Entrevista ao *Nicolau*, onde David Carneiro fala sobre tudo, mostrando além da Memória, um grande senso de humor e fina ironia.

———, *O fim do museu David Carneiro*: *Tiro e queda na cultura brasileira*. II (nº 16): 8, out. 88.

MARCHI, Silvana. *Reynaldo Jardim - O feiticeiro inventor*. II (nº 14): 6-8, ago. 88.

Reynaldo Jardim, um poliplurisingular *fabbro*, um fazedor de artes e anartes, desnuda-se de Brasília, para *Nicolau*.

MARTINS, FLoriano e Nestor Perlongher. *Madariaga - Entre Sáurios e Serpentes*. V (nº 41): 4-6, out., nov. 91.

O poeta Francisco Madariaga, aos 66 anos, vem construindo uma obra que o coloca entre as maiores vozes surrealistas contemporâneas.

MEDEIROS, Jotabê. *Luis Melo, a Vertigem das Máscaras.* VII (nº 52): 18-20, mar., abr. 94.

O paranaense Luis Melo fala a *Nicolau* sobre os tempos no Teatro Guaíra.

MELCHERTS, Perla. *Adolfo Pérez Esquivel, paisagem de chumbo.* V (nº 39): 4-6, jun., jul. 91.

O argentino Adolfo Pérez Esquivel recebeu o prêmio Nobel da Paz de 1980.

MOTTA, Paulo. *Brecht - um simpático senhor de 90 anos.* I (nº 10): 4, abr. 88.

O estudioso de teatro Paulo Motta tece uma entrevista fictícia - diálogo intertextual com o poeta e dramaturgo alemão Bertold Brech, que completaria em 88, 90 anos.

NETO, Ignácio Dotto. *Alceo Bocchino, as mãos aéreas.* VII (nº 53): 18-21, maio, jun. 94.

Alceo Bocchino, um dos nomes mais expressivos do cenário musical brasileiro.

NICOLAU. *Clarenigmagens.* III (nº 26): 24, 25, ago. 89.

Paulo Henriques Britto e Rubens Rodrigues Torres Filho - recém-editados pela Coleção Claro Enigma da Editora Duas

Cidades, falam a *Nicolau* sobre diversos signos que giram em torno da poesia.

———, II (nº 18): 10, 11, dez. 88.

Entrevista com o grupo Titãs.

———, *Sérgio Bianchi: Le Lumiére de l'enfant terrible.* III (nº 23): 8-11, maio 89.

———, *Flávio Colin: A Vida na ponta do Lápis.* III (nº 28): 4-6, dez. 89.

O traçado perfeito. A pureza do preto e branco. Artista e profissional, o mais importante quadrinista brasileiro.

———, *Martinez/Requião.* IV (nº 35): 13, out., nov. 90.

Nicolau formula três perguntas sobre política cultural aos dois candidatos a governador que vão para o 2º turno.

———, *Decifra-me ou te devoro.* IV (nº 36): 24, 25, dez. 90/jan. 91.

Coletiva realizada pelos membros da Biblioteca Freudiana de Curitiba - Centro de trabalho em Psicanálise.

Entrevistados: Alduísio Moreira de Souza, Alfredo Nestor Jerusalinsky e Contardo Luigi Calligans.

———, *Miran: a arte no papel.* IV (nº 33): 4-7, maio, jun., jul. 90.

———, *Os mistérios de Ademar Guerra.* IV (nº 33): 22, 23, maio, jun., jul. 90.

Ademar Guerra adaptou para o teatro os textos de Dalton Trevisan.

———, *Alice Ruiz A Ikebana Visigoda.* IV (nº 34): 4-6, ago., set. 90.

A poesia de Alice Ruiz se aproxima da música e procura o esquisito, o difícil, na cidade zen do país.

———, *Cesar Lattes, No coração do átomo.* VI (nº 44): 4-7, jul., ago. 92.

Um dos maiores físicos nucleares do mundo, o paranaense Cesar Lattes, fala com exclusividade para a equipe de *Nicolau.*

NICOLAU e Inês Mafra. *Hilda Hilst, um coração em segredo.* VI (nº 51): 4-7, nov., dez. 93.

Hilda Hilst a mais importante escritora viva do Brasil.

NILSON, João. *Murilo Rubião - a última entrevista.* VI (nº 49): 20-22, jul., ago. 93.

A última conversa com o escritor mineiro Murilo Rubião (1916-1991) - um dos mestres do conto brasileiro.

NOLASCO, Irion. *Kazuo Ohno - O dançarino do invisível.* VI (nº 47): 18-20, mar., abr. 93.

Kazuo Ohno é o mais velho bailarino do mundo.

OLIVEIRA, Luiz Claúdio. *Sebastião Salgado, Sentimento do mundo.* VIII (nº 55): 14-18, set., out. 94

Um dos mais importantes fotógrafos do mundo.

PAULA. Caco de. *Gil.* III (nº 23): 24, maio 89.

Gilberto Gil fala, entre outras coisas, sobre seu último disco "Baticum".

PETRIN, Angelo e Rudolph Link. *Burroughs, a Linguagem em curto-circuito.* III (nº 21): 22, 23, mar. 89.

Aos 75 anos, o avô da revolução beat e líder espiritual de uma seita que inclui Lou Reed, Patti Smith e Sex Pistols. Reduz todas as perguntas feitas em Koam e fala com exclusividade para *Nicolau* sobre passado, pesadelo da história, demência, cut-up e ficção.

PINHEIRO, Neuzza e Rodrigo Garcia Lopes. *Itamar Assumpção.* III (nº 25): 4-7, jul. 89.

Tendo como interlocutores Ademir Assumpção e Alice Ruiz, Itamar fala sobre seu começo de carreira de músico em Londrina, os rumos da MPB e de sua parceria com Paulo Leminski.

RUIZ, Alice. *José Miguel Wisnik, os sentidos do som.* V (nº 37): 4-6, fev., mar. 91.

Ruiz conversa com o músico José Miguel Wisnik sobre origens, alma eslava, livros, Fernando Pessoa, Debussy e Curitiba como lugar de passagem.

SERUR, Telma. *Newton Freire-Maia. Queda de Braço com o absoluto.* I (nº 6): 6, 7, dez. 87.

———, *O coração numeroso de Helena Kolody.* I (nº 8): 6-8, fev. 88.

———, *Moysés Paciornik: idas e vidas ao nascer natural.* IV (nº 30): 8-10, fev. 90.

Aprender a viver com os índios. Descoberta de Paciornik que revolucionou a obstetrícia.

SGANZERLA, Eduardo e Nilson Monteiro. *Grebogi, Brasil.* I (nº 10): 6-8, abr. 88.

Há quatorze anos nos Estados Unidos, Grebogi é hoje diretor do "Departamento de Caos" da Universidade de Maryland, Washington (EUA).

SILVEIRA, Marilú. *Pires Laranjeira: a última flor do Lácio nas letras afro.* I (nº 5): 6, 7, nov. 87.

———, *Henry Thorau.* II (nº 16): 24, out. 88.

Marilú entrevista o dramaturgo alemão Henry Thorau em visita ao Brasil.

TABORDA, Tato. *Wilson Martins: A História de um Brasil Diferente.* I (nº 3): 6, 7, set. 87.

TAUTZ, Carlos. *Bárbara Heliodora, Lady Shakespeare.* VII (nº 54): 18-20, jul., ago. 94.

Crítica teatral, também a maior tradutora de Shakespeare no Brasil.

———, *Bill Sienkiewicz - não ligo mais para super-heróis.* VII (nº 52): 4-7, mar., abr.94.

Entrevista o quadrinista norte-americano Bill Sienkiewicz.

THEODORO, Apolo Mário. *Domingos Pellegrini: Cultura, um tecido muito especial.* I (nº 4): 6, 7, out. 87.

———, *José Joffily.* II (nº 13): 6-8, jul. 88.

Entrevista a Apolo Theodoro, José Joffily, paraibano, radicado em Londrina, letras Paulo Francis.

VENTURA, Dalva. *Ary Fontoura. Da Província aos palcos da corte.* I (nº 9): 6-8, mar. 88.

Com 55 anos, o curitibano Ary da Beira Fontoura é hoje uma celebridade.

———, *Ana Botafogo. Do Guaíra à Broadway.* III (nº 22): 6-8, abr. 89.

Considerada uma das melhores bailarinas do país. Atualmente bailarina do corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

———, *Toni Ramos. Brega ou chique?* II (nº 18): 6-8, dez. 88.

Toni Ramos memora a infância de 40 anos em Arapongas no interior do Paraná, o teatro, a novela, e o cinema.

———, *Sylvio Back - Em busca de novos desafios.* I (nº11): 6-8, maio 88.

Dalva Ventura entrevista Sylvio Back, polêmico, contestador, meticuloso. Sylvio Back conquistou um espaço muito particular no cinema brasileiro.

VENTURA Dalva e Manoel Wambier. *Prestes.* I (n° 12): 6-9, jun. 88.

Hoje, aos 90 anos, o Velho Cavaleiro, sem perder a lucidez, continua acreditando nos mesmos ideais e princípios a que dedicou sua vida.

VENTURELLI, Gigio. *Herbert Daniel: AIDS, uma metáfora.* IV (n° 34): 28, 29, ago., set. 90.

Em entrevista a *Nicolau*, o escritor Herbert Daniel denuncia como pornográfico o vírus ideológico embutido na AIDS.

VIERECK, George Sylvester. Sigmund Freud - um olhar sobre a Vida. VI (n° 48): 04-07, maio, jun. 93.

Entrevista rara, encontrada na biblioteca da Sociedade Sigmund Freud.

XAVIER, Valêncio. *Entrevista apócrifa com Poty.* I (n° 1): 6, jul. 87.

Texto psicografado pelo escritor. Ilustrações de Poty.

ZLOTCHEW, Clark M. *Jorge Luis Borges, a última entrevista.* VIII (nº 55): 4-7, set., out. 94.

A última entrevista de Jorge Luis Borges, escritor argentino.

ENTREVISTA: ÍNDICE DE ENTREVISTADOS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (nº 1): 6, jul. 87. *Entrevista apócrifa com Poty.*

Valêncio Xavier.

Entrevista feita de uma forma simulada com Poty, artista plástico paranaense, com residência no Rio de Janeiro. O entrevistador revela o estilo do artista que tem sua parte totalmente voltada para o ser humano.

NICOLAU I (nº 2): 6, 7, ago. 87. *Onde andará Arrijo Barnabé? O dia em que Ademir Assunção o entreouviu.*

Ademir Assunção.

O entrevistado, Arrigo Barnabé, é músico e compositor, autor de "Clara Crocodilo", Tubarões Voadores", "Cidade Oculta". Seu 1º disco em 1979, provocou polêmica e trouxe elementos novos à música popular feita no Brasil, como a entrada de elementos atonais, dissonantes, retomando a linha evolutiva que Caetano falava na Tropicália. Sua música retoma a linguagem das histórias em quadrinhos, compondo através da imagem, do ritmo, cenas, cenários como um quadrinho. Também merece elementos novos na tradição ao retomar a música tonal, com o objetivo de

expandir a música popular brasileira, inclusive a bossa-nova, que permite colocar uma harmonia atonal.

NICOLAU I (nº 3): 6, 7, set. 87. *Wilson Martins: A História de um Brasil Diferente.*

Tato Taborda.

Entrevistado: Wilson Martins, crítico literário, paulista de nascimento (1921), criado no Paraná. Foi professor da Universidade do Paraná e atualmente é professor titular da Universidade de Nova York.

Autor de "História da inteligência brasileira" (1976/79), "História Política do Paraná" e outros...

O teor da entrevista versou sobre tópicos da História Política do Paraná, fazendo uma análise histórica através dos dirigentes como Manoel Ribas, Governo de Lupion (1947/51), Bento Munhoz da Rocha e Álvaro Dias, sobre a educação no Brasil e sobre a "Nova História" que não deve ser polêmica destinada a destruir o passado em nome de valores atuais.

NICOLAU I (nº 4): 6, 7, out. 87. *Cultura, um tecido muito especial.*

Apolo Mário Theodoro.

Entrevistado: Domingos Pellegrini, escritor paranaense, residente em Londrina, Paraná, gerente de uma agência de publicidade.

Na entrevista, fala das dificuldades de ser escritor, de seus livros: *O Homem Vermelho* (1977) que ganhou o prêmio "Jaboti" da Câmara Brasileira do livro, *As sete pragas* (1979) Ed. Civilização Brasileira; *Os meninos* (Ed. Vertente); *Árvore que dava dinheiro* (1981); *As batalhas do Castelo,* (Ed. Moderna) e faz um balanço da literatura brasileira nos tempos de transição.

NICOLAU I (nº 5): 6, 7, nov. 87. *Pires Laranjeira: a última flor do Lácio nas letras afro.*

Marilú Silveira.

Entrevistado: Pires Laranjeira, professor de Literatura Africana de expressão Portuguesa em Coimbra, nascido em Melgaço, Portugal. Versa sobre os seguintes assuntos: Vida e Literatura da África, literatura do Brasil em Portugal, escritores e política, influência dos brasileiros nos africanos de língua portuguesa.

NICOLAU I (nº 6): 6, 7, dez. 87. *Newton Freire-Maia. Queda de Braço com o absoluto.*

Telma Serur.

Entrevistado: Newton Freire Maia, cientista, professor da Universidade Federal do Paraná, um dos nomes mais considerados no campo da genética. Autor de 430 trabalhos científicos publicados em mais de 15 países, cientista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), da Comissão Nacional de Energia Nuclear, Fundação Rockfeller e da Organização Mundial de Saúde, entre outros.

Nesta entrevista fala de sua difícil trajetória espiritual, que o levou do agnosticismo ao ateísmo e deste ao cristianismo. Fala ainda sobre o enorme terreno divisório entre ciência e religião, sobre guerra e paz, vida e morte, e sobre o poder dos homens.

NICOLAU I (n° 7): 6, 7, jan. 88. *O olhar em cor de Elifas Andreato.*

Carlos Arruda.

Elifas Andreato é o artista gráfico mais conhecido do Brasil: volta-se contra o jogo das aparências para distorcer o real.

Entrevistado : Elifas Andreato, artista gráfico, chefe do setor de arte e cenografia do Fantástico, nasceu em Caviúna, hoje Rolândia, cidade do norte do Paraná, Nesta entrevista fala de seu trabalho, fazendo especiais para a TV, criando roteiros, cenografia, capas de disco, que

transformou em arte, das dificuldades frente à mídia que se industrializou, deixando o artista como apenas mais um funcionário, não impondo mais nada, da indústria cultural moderna que liquidou todo o romantismo de sua geração.

NICOLAU I (nº 8): 6-8, fev. 88. *O coração numeroso de Helena Kolody.*

Telma Serur.

Entrevistada: Helena Kolody, poeta, foi professora, veio para Curitiba em 1927, depois de viver em Cruz Machado, Três Barras e Rio Negro.

Nesta entrevista, fala de sua família, de seu pai, por exemplo, que veio da Ucrânia ainda menino em 1894; de sua experiência em passar por duas guerras mundiais, da gripe espanhola pela qual foi contaminada ainda menina, da Aids, um perigo curto que está criando uma neurose no mundo, de sua juventude, da poesia quando começou a florescer, de Curitiba, cidade vibrante e universitária, do "Joaquim", revista literária da década de 40, da morte que está sempre presente e de seus projetos de vida que considera ex-projetos, porque agora a cada momento tem menos tempo de vida.

NICOLAU I (nº 9): 6-8, mar. 88. *Ary Fontoura. Da Província aos palcos da corte.*

Dalva Ventura.

Com 55 anos, o curitibano Ary da Beira Fontoura é hoje uma celebridade.

Entrevistado: Ary Fontoura, artista paranaense atuando em novelas da Rede Globo como "Roque Santeiro", um sucesso internacional. Recebeu *Nicolau* no Teatro Tereza Raquel, no Rio, contou em detalhes o início de sua carreira ainda no Paraná até chegar à Rede Globo representando personagens excêntricos e neuróticos.

NICOLAU I (nº 10): 4, abr. 88. *Brecht, um simpático senhor de 90 anos.*

Paulo Motta.

Entrevistado: Bertold Brecht, poeta e dramaturgo alemão. Entrevista fictícia - diálogo intertextual em Berlim, por ocasião de seu aniversário. A conversa gira em torno de seu percurso como dramaturgo e seu estilo expressionista de trabalhar esteticamente, da briga que teve com Thomas Mann. No final da entrevista expõe as razões que o levaram a morar na Alemanha Oriental, mesmo com um regime que não suportava suas críticas sobre o mundo.

NICOLAU I (nº 10): 6-8, abr. 88. *Grebogi, Brasil.*

Eduardo Sganzerla e Nilson Monteiro

Entrevistado: Celso Grebogi, nascido em Curitiba, formado em Química pela UFPR, doutor em Física da fusão termonuclear, com pós-doutoramento na Universidade da Califórnia em Berkley, onde se especializou em "caos". Mora há quatorze anos nos Estados Unidos e é diretor da Universidade de Maryland. Nesta entrevista responde sobre a "Teoria do Caos" que vem estudando com maior intensidade as causas de fenômenos aparentemente inexplicáveis.

NICOLAU I (n° 11): 6-8, maio 88. *Sylvio Back - Em busca de novos desafios.*

Dalva Ventura.

Entrevistado: Sylvio Back, cineasta, produziu curtas, médias e longa-metragens, detentor de mais de 50 prêmios nacionais e internacionais.

Nesta entrevista relata, entre outros fatos, como conseguiu fazer mais de 30 filmes, sendo seis longa-metragens, sem sair do Paraná. Também fala de seus filmes, *Guerra do Brasil*, *Lance Maior* seu primeiro longa metragem, *Guerra dos Pelados* (1970), *Aleluia Gretchen*, *Revolução de 30*, *República Guarani*, quando denuncia o papel civilizador e predador da Igreja de ontem e de hoje.

NICOLAU I (nº 12): 6-9, jun. 88. *Prestes.*

Dalva Ventura e Manoel Wambier.

Hoje, aos 90 anos, o Velho Cavaleiro, responde sem perder a lucidez.

Entrevistado: Luiz Carlos Prestes, líder comunista.

Nesta entrevista fala sobre a eleição da Constituinte, que estava sendo elaborada sendo a mais reacionária da República, sobre a questão agrária, o analfabetismo e a mortalidade infantil que crescia não só no Brasil mas também na Argentina, no Uruguai, no Peru e no México, sobre o que estava se passando na União Soviética em relação a Glasnot, e a Perestroika; dá sua opinião sobre a social-democracia, evoluindo para a direita, abandonando o marxismo. Como Cavaleiro da Esperança, como é chamado, convencido pela ciência marxista, profetiza surpresas muito grandes para a classe operária brasileira, tendo certeza de que a Revolução ainda irá acontecer.

NICOLAU I (nº 12): 23, 24, jun. 88. *Victor Farias: nos rastros de "Heidegger".*

João Antônio.

Em Berlim, João Antônio entrevista, com exclusividade, para *Nicolau* o autor de "Heidegger e o Nazismo": Victor Farias. Na entrevista, relata como resolveu pesquisar a

origem do pensamento de Heidegger que considerava as idéias democráticas uma nulidade, suas dificuldades para consultar arquivos na Alemanha ou fora dela, e as razões que o levou a publicar o livro na França. Victor Farias é hoje um dos intelectuais mais solicitados na Alemanha e fora dela.

NICOLAU II (nº 13): 6-8, jul. 88. *José Joffily*

Apolo Mário Theodoro.

Entrevistado: José Joffily, paraibano, erradicado em Londrina, norte do Paraná, historiador e empresário marxista, fez comícios em praça pública, distribuiu boletins do Partido Comunista e presenciou a ascensão do nazifacismo, com cujos militantes vivia em constantes conflitos.

Com a experiência que teve fala para o *Nicolau* de histórias que fizeram a história brasileira como, por exemplo, a Revolução de 30, o assassinato do Presidente João Pessoa (26 de julho de 1930), o Estado Novo (1945), a reação da opinião pública contra o golpe e dos dias que antecederam a deposição do presidente Getúlio Vargas. Finalmente, fala como foi seu reencontro com os comunistas, 10 anos depois e suas convicções políticas.

NICOLAU II (nº 13): 22, 23, jul. 88. *O avesso do direito da gravura.*

Jorge Canese.

Entrevistado: Lívio Abramo. Entrevista sem gravador com resposta dadas antes de perguntas feitas - diálogo mudo entrevisto no silêncio das entrelinhas; entrevista inversão-invenção, num procedimento similar ao da própria arte da gravura feita pelo entrevistado.

Fala sobre gravura e expõe seu manifesto artístico, das condições de ser artista com total liberdade para criar, ameaçado pelos mil e um artifícios da sociedade de consumo que está se constituindo cada vez mais em um perigo para a independência pessoal do artista.

NICOLAU II (nº 14): 6-8, ago. 88. *Reynaldo Jardim. O feiticeiro inventor.*

Silvana Marchi.

Entrevistado; Reynaldo Jardim, ator, autor, editor, um poliplurisingular fazedor de artes e anartes, responsável por uma das mais profundas reformas da imprensa brasileira, a empreendida no Jornal do Brasil (1950); nesta entrevista fala, entre outras coisas, de literatura, política, alternativos enjeitados, suplementos, rádios, anexos, polacos, profanos

litúrgicos. Depõe sobre suas andanças pelo Brasil, com desejos de trabalhar em Portugal.

NICOLAU II (n° 15): 6-9, set. 88. *A pluripalavra de Haroldo de Campos.*

Carlos Avila.

Entrevistado: Haroldo de Campos, poeta, crítico transcriador e ensaísta. Nesta entrevista enfatiza a importância do Barroco dentro de uma perspectiva não linear da historiografia literária, comenta sobre as traduções do hebraico de alguns fragmentos poéticos da Bíblia; fala sobre a revisão crítica da Formação da Literatura Brasileira, do Antônio Cândido; sobre os rumos que segue a sua poesia depois da publicação de *A Educação dos Cinco Sentidos*, seu último livro, Finalmente faz uma análise do momento cultural brasileiro num país carcomido pela inflação que ele classificou criticamente de marimbôndico".

NICOLAU II (n° 16): 6-8, out. 88. *David Carneiro.*

Malu Maranhão.

Entrevistado: David Carneiro, historiador, cronista e poeta paranaense, criador do Museu David Carneiro que corre o risco de desaparecer na voragem capitalista. Nesta entrevista fala sobre Curitiba, a cidade do seu

coração, pois cultiva a sua memória, de personagens e acontecimentos que marcaram sua vida e a de Curitiba, da história que foi entrando aos poucos na sua vida, principalmente da história do Paraná e sobre política pois acompanhou a elaboração de duas das três Constituições que o país já teve.

NICOLAU II (nº 16): 24, out. 88. *Henry Thorau.*

Marilú Silveira.

Entrevistado: Henry Thorau, professor de teatro, português nascido em Coimbra, explicou a quantas anda o teatro alemão. Thorau é o homem que leva textos brasileiros para a Alemanha. É o responsável pelas versões de *Dois perdidos numa noite suja* e *Quando as máquinas param.*

NICOLAU II (nº 17): 6-8, nov. 88. *Jackson Ribeiro.*

Adélia Maria Lopes.,

Entrevistado: Jackson Ribeiro, artista, faz esculturas, molduras, pinturas e afins; está lidando com o projeto "Decorrências Modulares" e quer levar a linha ao micro do absurdo. Nesta entrevista, entre outros assuntos, fala sobre a Bienal da Escultura, criada pelo crítico Frederico Moraes que vai ser inaugurada no carioca Parque Lage, da matéria-prima que compõe suas obras, da própria

confecção de seu trabalho, todo manual feito em módulos, de seu projeto chegando ao micro do absurdo, e sobre Torquato Neto que considera um poeta iluminado.

NICOLAU II (n° 18): 6-8, dez, 88. *Toni Ramos. Brega ou chique?*

Dalva Ventura.

Entrevistado: Toni Ramos, artista global, contratado exclusivo da globo há 13 anos, nasceu em Arapongas, em 1948. Nesta entrevista memora a infância no interior do Paraná, fala de seus planos junto à TV Globo, da importação de filmes americanos ou de outros países, lamentando a perda de produções regionais em função daqueles enlatados, das novelas, grande entretenimento popular, de Curitiba, de seus personagens nas telenovelas, do teatro engajado, entre outros assuntos.

NICOLAU II (n° 18): 10, 11, dez. 88. *Duelo de Titãs no país dos banguelas.*

Nicolau

Entrevistados: Arnaldo Antunes, Sérgio Britto e Toni Bello, componentes do grupo Titãs. Na entrevista expõem os pressupostos da tese de mestrado que pretendem apresentar na USP.

NICOLAU III (n° 19): 6-8, jan. 89. *Leminski.*

Denise Guimarães

Entrevistado: Paulo Leminski, escritor, paranaense. "De volta à tribo depois de um winterverno em São Paulo", ele fala sobre quase-tudo e quasares, sobre a relação homem/mulher de um modo muito maniqueísta na nova fase da revolução dita feminista, sobre os hábitos dos macacos como o orangotango e o chimpanzé que apresentam um nível de performance intelectual altíssimo, porém não sociáveis, sobre o carisma de ser escritor, professor e poeta e dos problemas do escritor brasileiro.

NICOLAU III (nº 20): 6-8, fev. 89. *Sebastião Laroca,*

Malu Maranhão

Entrevistado: Sebastião Laroca, um dos defensores e estudiosos mais fiéis do meio-ambiente. Nesta entrevista ao *Nicolau*, que contou com a participação do professor João Carlos Magalhães, do Departamento de Genética da UFPR, fala sobre Ciência, saber popular, Ecologia, Entomologia que considera um movimento que traça rotas, envolve homens e raças, une os quatro cantos do planeta em torno de uma luta comum e cada vez mais urgente: a preservação da natureza, sobre a Universidade, e até política ambiental.

NICOLAU III (nº 21): 6-8, mar. 89. *Nitis Jacon.*

Marcelo Hollanda

Entrevistada: Nitis Jacon, psiquiatra,diretora do grupo Protéu, em Londrina, Paraná. Realizou a I Mostra Latino-Americana de Teatro com a participação de importantes grupos do continente e da Europa. Nesta entrevista fala a Nicolau sobre sua profissão de psiquiatra, considerada louca na medida em que perdia tempo com o teatro, suas articulações arrojadas, promovendo festivais com a participação de grupos do exterior, sobre a crítica teatral e sobre seus planos de futuro.

NICOLAU III (nº 21): 22, 23, mar. 89. *Burroughs, a Linguagem em curto-circuito.*

Angelo Petrin e Rudolph Link.

Aos 75 anos, o avô da revolução beat e líder espiritual de uma seita que inclui Lou Reed, Patti Smith e Sex Pistols. Reduz todas as perguntas feitas em Koam e fala com exclusividade para *Nicolau* sobre passado, pesadelo da história, demência, cut-up e ficção.

NICOLAU III (nº 22): 6-8, abr. 89. *Ana Botafogo. Do Guaíra à Broadway.*

Dalva Ventura

Entrevistada: Ana Maria Botafogo, considerada uma das melhores bailarinas do corpo de baile do Teatro Municipal

do Rio de Janeiro. Nesta entrevista fala sobre seus tempos de Ballet Guaíra, sua vida, sobre "Giselle", o balé que a lançou nacionalmente, e sobre a situação do balé no Brasil.

NICOLAU III (nº 22): 16, 17, abr. 89. *Você tem fome de quê?*

Dimas Floriani.

Entrevistado: Hugo Windmuller, filho de alemães, naturista inglês, radicado há 66 anos no Brasil, morando atualmente em Curitiba. Nesta entrevista fala sobre o que é ser naturista, qual o seu papel neste movimento, como viver saudavelmente numa sociedade moderna, sobre alimentação, uma das suas principais preocupações, e sobre suas traduções de autores célebres como Gunther Schwab, que escreveu, *A dança com o diabo,* sendo um profundo conhecedor de fatos e dados de ecologia.

NICOLAU III (nº 23): 8-11, maio 89. *Le Lumiére de l'enfant terrible.*

Nicolau.

Entrevistado: Sergio Bianchi, cineasta, produtor de "Romance", participante dos festivais de Rotterdam, Montreal, Berlim, Toronto, Nova York, Edinburgo e Munique. Nesta entrevista, o diretor da Ópera Giovanni

ataca, provoca, fala de política cultural, ecologia, cinema brasileiro e tantas outras mais.

NICOLAU III (nº 23): 24, maio 89. *Gil.*

Caco de Paula.

Gilberto Gil fala, entre outras coisas, sobre seu último disco "Baticum".

NICOLAU III (nº 25): 4-7, jul. 89. *Itamar Assumpção.*

Neuzza Pinheiro e Rodrigo Garcia Lopes.

Entrevistado: Itamar Assumpção, considerado o príncipe negro da música, com quatro LP gravados (*Beleléia, Às Próprias Custas, Sampa Midnight* e *Intercontinental*). Em São Bernardo do Campo e tendo como interlocutores os poetas Ademir Assumpção e Alice Ruiz, falou ao *Nicolau* sobre seu começo de carreira em Londrina, mulheres, o tempo dos festivais, os rumos da MPB, e de sua parceria com o poeta Paulo Leminski e a importância de sua convivência no processo criativo.

NICOLAU III (nº 26): 4-6, ago. 89. *Paulo Autran. A vida é só uma sombra móvel.*

Celina Alvetti.

Entrevistado: Paulo Autram, ator, considerado uma presença viva na dramaturgia brasileira. Nesta

entrevista, fala sobre seu livro autobiográfico que está escrevendo, seu processo de trabalho, influências em sua carreira citando principalmente Tônia Carreiro e Adolfo Celi, o grande organizador do TBC, o Teatro Brasileiro de Comédia, as performances do ator brasileiro, com níveis completamente diferentes, sobre a vanguarda no teatro, que descobre novos caminhos, que capta no ar aquilo que pode interessar futuramente, sobre a crítica teatral, as qualidades de um crítico de teatro, sobre o livro de Paulo Francis, *O afeto que se encerra*, e suas relações com a televisão.

NICOLAU III (n° 26): 24, 25, ago. 89. *Clarenigmagens.*

Nicolau.

Paulo Henriques Britto e Rubens Rodrigues Torres Filho - recém-editados pela Coleção Claro Enigma da Editora Duas Cidades, falam a *Nicolau* sobre diversos signos que giram em torno da poesia.

NICOLAU III (n° 27): 4-6, set., out., nov. 89. *Mary Alegretti: em defesa dos povos da floresta.*

Malu Maranhão.

Entrevistada: Mary Allegretti, antropóloga, envolvida há 12 anos no trabalho junto ao movimento de seringueiros no Acre e no resto da Amazônia. Nesta entrevista conta como

se envolveu no trabalho com os seringueiros como foi criado o Conselho Nacional dos Seringueiros e sua proposta sobre o Instituto de Estudos Amazônicos, a perspectiva de futuro para os seringueiros dentro das reservas extrativistas na Amazônia, sobre a morte de Chico Mendes.

NICOLAU III (nº 28): 4-6 dez. 89. *Flávio Colin: A Vida na ponta do Lápis*:

Entrevistado: Flávio Colin, artista e profissional, o mais importante quadrinista brasileiro. Na entrevista menciona vários trabalhos importantes: "Universidade dos Bairros", "História de Curitiba em Quadrinhos", "A Guerra dos Farrapos", "O Continente do Rio Grande" para a Ipiranga. Fala sobre as influências em seu traçado, como de Milton, de Caniff, do argentino Guillermo Ares, grande desenhista, do português Cortez, e de Vizunga, autor de "Mestres da Ilustração", "A Técnica do Desenho" e o "Manual do Ilustrador."

NICOLAU IV (nº 29): 4-6, jan. 90. *Cida Moreyra: importante é ser gauche na vida* .

Antônio Paulo Klein.

Cida Moreyra: artista de teatro.

Entrevistada: Cida Moreyra, artista, inteiramente voltada para o canto, para a representação. Nesta entrevista faz uma biosíntese da sua carreira e cita seus preferidos de cantar como "Surabaya Johnny", de Brecht e Weill, "Beatriz" do Chico e Edu Lobo, e "Vocalize" do Arrigo. Sua discografia está mais preocupada com a qualidade do que com a quantidade.

NICOLAU IV (nº 30): 8-10, fev. 90. *Moysés Paciornik: idas e vidas ao nascer natural.*

Telma Serur.

Entrevistado: Moysés Paciornik, médico, obstetra, fala ao *Nicolau* sobre sua biografia, sobre os avanços tecnológicos da medicina, sendo favorável ao parto com o menos de intervenção possível, sobre a indústria da cirurgia no Brasil, especialmente nos casos de cesariana, sobre os mafiosos de branco, sobre a Previdência Social, e sobre seu método de parto, voltando às origens, adotando o parto de cócoras, sobre a legalização do aborto e as mudanças de comportamento de homens e mulheres a partir da AIDS.

NICOLAU IV (nº 31): 4-7, mar. 90. *José Paulo Paes: aventuras de um escritor.*

Antônio Paulo Klein.

Entrevistado: José Paulo Paes, alquimista do texto, poeta, ensaísta, tradutor de poetas antigos ou modernos. Em duas horas de entrevista comentou sobre as suas relações literárias com o Paraná, sobre sua produção poética, sobre seu próximo livro de ensaios, chamado *Aventura Literária*, a sair pela Companhia das Letras, sobre seus maiores prazeres, encontros e lembranças em termos literários, sua passagem por Curitiba, a revista Joaquim, a convivência com Dalton Trevisan, Temístocles Linhares, entre outros, sobre suas traduções preferidas como "Três Vidas" de Gertrude Stein e "Tristam Shandy", romance inglês de Laurence Sterne, considerado um trabalho revolucionário em termos de forma.

NICOLAU IV (nº 32): 4-7, abr. 90. *Cleber Teixeira: o tipógrafo inventor.*

Fábio Bruggemann.

Entrevistado: Cleber Teixeira, poeta, editor artista plástico, mestre artífice da editora Noa Noa. Artesão de palavras e imagens. Em livro, conta para *Nicolau* suas peripécias tipográficas, sobre como começou a editora Noa Noa que editou a 1ª tradução de Mallarmé no país, os trabalhos de tradução dos concretistas e outros...

NICOLAU IV (n° 33): 4-7, maio, jun., jul. 90. *Miran: a arte no papel.*

Nicolau.

Entrevistado: Miran, paranaense de 41 anos, pioneiro nas artes gráficas. Por três horas recebeu *Nicolau* em seu estúdio no alto do bairro Jardim Mercês e conversou com o professor Joaquim Redig, com os designers Ivens Fontoura e Airton Caminha, da UFPR, e com o repórter Gigio Venturelli sobre os temas: os primeiros contatos com os maiores artistas gráficos do mundo, o aprendizado, o estilo, a linguagem visual compreendida aquém e além dos trópicos, sobre projetos de futuro, como a criação de um veículo capaz de mesclar trabalhos gráficos e jornalismo, fez uma avaliação sobre a maturidade de designers atuais, comenta os preparativos para a Bienal e as dificuldades encontradas ao longo de seu trabalho e finalmente a solidão que invade o diretor ao ver o espetáculo montado tomar seus próprios rumos.

NICOLAU IV (n° 33): 22, 23, maio, jun., jul. 90. *Os mistérios de Ademar Guerra.*

Nicolau.

Entrevistado: Ademar Guerra, um dos mais conceituados diretores do teatro brasileiro, recebeu *Nicolau* e contou um pouco de sua aventura ao adaptar para teatro os textos

de Dalton Trevisan. Falou da preocupação em ser fiel ao autor, da sutil economia dos cenários e como seu olhar estrangeiro ajudou a entender os mistérios de Curitiba no palco. Falou, ainda, surpreso, do respeito de Dalton com relação ao seu trabalho, procurando não interferir durante os ensaios, por fim confessou a profunda solidão que invade o diretor ao ver o espetáculo montado tomar seus próprios rumos.

NICOLAU IV (n° 34): 4-6, ago., set. 90. *A Ikebana Visigoda Nicolau.*

Entrevistada: Alice Ruiz

A poesia de Alice Ruiz se aproxima da música e procura o esquisito, o difícil, na cidade zen do país.

NICOLAU IV (n° 34): 28, 29, ago., set. 90. *Herbert Daniel: Aids, uma metáfora*

Gigio Venturelli.

Em entrevista a *Nicolau*, o escritor Herbert Daniel denuncia como pornográfico o vírus ideológico embutido na AIDS.

NICOLAU IV (n° 35): 4-6, out., nov. 90. *José Celso Martinez Corrêa: rexistir é preciso.*

Sábato Magaldi e Perla D. Melcherts.

Entrevistado: José Celso Martinez Corrêa, diretor do polêmico Teatro Oficina, falou para *Nicolau* numa entrevista exclusiva, e antológica. Nas quatro horas de conversas, comentou sobre a década de 60, quando sintetizou no palco do Oficina a experiência de quase um século, retrabalhando as conquistas de Stanislavski, Brecht, Grotowski e outros mestres, sobre sua trajetória de artista e sobre o teatro atual feito no Brasil pelo Gerald Thomas e Cacá Rosset.

NICOLAU IV (nº 35): 13, out., nov. 90. *Martinez/Requião.*

Nicolau formula três perguntas sobre política cultural aos dois candidatos a governador que vão para o 2º turno.

NICOLAU IV (nº 36): 4, 5, dez. 90/jan. 91. *Léo Gilson Ribeiro, cultura brasileira: do sublime ao grotesco.*

Antônio João e Perla D. Melcherts.

Entrevistado: Léo Gilson Ribeiro, um dos mais combativos e polêmicos críticos literários brasileiros, teórico, ex-professor de Literatura Brasileira na Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Nesta entrevista traça uma radiografia do momento cultural brasileiro que se restringe, ao "terrorismo cultural" dos irmãos Campos e ao stalinismo dos meios universitários; afirma ainda que

o ensino atual de literatura brasileira é demasiado acadêmico, sem criatividade.

NICOLAU IV (nº 36): 24, 25, dez. 90/jan. 91. *Decifra-me ou te devoro.*

Coletiva realizada pelos membros da Biblioteca Freudiana de Curitiba - Centro de trabalho em Psicanálise.

Entrevistados: Alduísio Moreira de Souza, Alfredo Nestor Jerusalinsky e Contardo Luigi Calligans.

Três das maiores expressões da psicanálise deixam, nas entrelinhas, questões que foram motivo de conferência, seminários e debates (que por sua vez deixaram outras entrelinhas) na II jornada de Psicanálise da Biblioteca Freudiana de Curitiba - Centro de Trabalho em Psicanálise. Os debates trouxeram enriquecimento sobre cura, cultura e instituição em psicanálise.

NICOLAU V (nº 37): 4, 6, fev., mar. 91. *José Miguel Wisnik, os sentidos do som.*

Alice Ruiz.

Entrevistado: José Miguel Wisnik, músico, autor de *O som e o sentido*, poeta, letrista, mestre na música da poesia, poeta na maestria da música.

NICOLAU V (nº 38): 4-6, abr., maio 91. *Carl Gustav Jung, os malabarismos do mago.*

João Carlos Machado.

Entrevistado: Carl Gustav Jung, um dos maiores humanista do século. Nesta entrevista imaginária, coloca em pauta temas como: a vida, que lhe parece um desencadeamento psíquico, sendo difícil um julgamento definitivo sobre si mesmo ou sobre ela; a importância do mito para a psicologia; o simbolismo da alquimia, a relação psíquica entre o alquimista e a pedra, ou entre o homem e o si-mesmo; Freud, assumindo uma atitude frente a ele que lhe custou o rompimento de sua amizade; sonhos, um assunto espinhoso, considerando manifestações não falsificadas da atividade criativa inconsciente; arquétipos, um órgão presente em cada um de nós; arte, uma cura para muitos males; Lao-Tsé, exemplo de sabedoria superior e ainda falou a respeito da solidão, da velhice e sobre o significado da vida.

NICOLAU V (nº 39): 4-6, jun., jul. 91. *Adolfo Pérez Esquivel. paisagem de chumbo.*

Perla Melcherts.

O argentino Adolfo Pérez Esquivel recebeu o prêmio Nobel da Paz de 1980.

Entrevista: Adolfo Pérez Esquivel, arquiteto e professor de escultura, argentino, recebeu prêmio Nobel da Paz de 1980. Falou com exclusividade para *Nicolau* sobre violência praticada contra os meninos de rua, como analisar essa agressividade social generalizada no interior de processos democráticos, sobre a integração regional e as conseqüências da união proposta pelo Cone Sul entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai; sobre a ditadura no que dizia respeito à perseguição política; sobre a queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria, sobre o papel da Teologia da Libertação e da Igreja como um todo, diante de algumas tendências religiosas e comerciais; sobre a arte popular latino-americana e sobre a influência de Henri Moore em seu trabalho como escultor e especificamente em sua obra "Monumento À Mãe Argentina".

NICOLAU V (n° 40): 4-6, ago., set. 91. *Manoel de Barros - Concerto a Céu Aberto para solo de poeta.*

Adélia Maria Lopes:

Entrevistado: Manuel de Barros, considerado por muitos o maior poeta vivo do Brasil, concedeu entrevista exclusiva a *Nicolau*, quando reafirmou a convicção de que o homem que possui um poente e uma árvore pode servir para a poesia; falou sobre seu novo livro *Concerto a céu aberto*

para solos de aves; sobre sua fixação por bichos gosmentos, como lesmas e corações, entre outros assuntos.

NICOLAU I (nº 41): 4-6, out., nov. 91. *Madariaga - Entre Sáurios e Serpentes.*

FLoriano Martins e Nestor Perlongher

Entrevistado: Francisco Madariaga, 66 anos, poeta argentino que vem construindo uma obra que o coloca entre as maiores vozes surrealistas contemporâneas. Em entrevista exclusiva para *Nicolau* comenta sobre o que nos fala a poesia que eclode do fundo solar do poeta, sobre suas influências, como os poetas de todos os tempos desde Hesíodo que se mesclaram com a sua natureza, sobre "Corrientes" o ponto de partida de sua poesia, sobre sua passagem pelo surrealismo, sobre as drogas que têm se tornado potências destrutivas, sobre o seu Deus, Ras e do horizonte entre o céu, a terra e água e finalmente fala sobre a situação da poesia argentina.

NICOLAU V (nº 42): 4-7, mar., abr. 92. *Jamil Snege - inquietações de um profano.*

Marília Kubota.

Entrevistado: Jamil Snege, poeta e publicitário, fala com sensibilidade sobre as mil caras de Curitiba, uma cidade bem-humorada, sobre seus livros, sobre o ato de escrever,

seu estilo ríspido, sobre a relação da literatura com a publicidade, sobre seus mestres, como João Cabral, Gilberto Mendonça Telles, Affonso Romano de Sant´Anna, sobre a prosa brasileira, sobre política e muitos outros assuntos.

NICOLAU VI (n° 42): 18, 19, mar., abr. 92. *Toni Negri, revoluções da ideologia.*

Gilles Deleuze.

Entrevistado: Toni Negri, líder intelectual do grupo terrorista Brigadas Vermelhas. No encontro com o filósofo francês Gilles Deleuze revela o que é preciso hoje para que a "revolução" forme comitês de sonhos e aconteça.

NICOLAU VI (n° 43): 4-7, maio, jun. 92. *Paulo Francis, o senhor das polêmicas.*

Toninho Vaz.

Entrevistado: Paulo Francis, jornalista radicado em Nova York, considerado o anti-homem das letras. Nesta entrevista, entre outros temas, coloca em pauta a nunca revelada fraqueza do Japão, o semi-alfabetismo de Lula, o fracasso político de Fidel Castro, os dois primeiros anos do governo Collor, a morte de Kennedy e suas edições, como "Nós Sozinhos".

NICOLAU VI (nº 44): 4-7, jul., ago. 92. *Cesar Lattes, No coração do átomo.*

Nicolau.

Entrevistado: Cesar Lattes, paranaense, considerado pela comunidade científica internacional um dos mais importantes físicos nucleares do mundo, responsável pela descoberta da quinta e sexta partículas da matéria. Nesta entrevista, fala com exclusividade a *Nicolau*, entre outros assuntos, sobre os raios cósmicos, sua visão pessoal de Deus, suas experiências parapsicológicas, a dicotomia sexo/amor e a importância da simplicidade na aventura insensata de estar vivo.

NICOLAU VI (nº 45): 04-07, set., out. 92. *José Ramos Tinhorão, Todo o avesso.*

Moacir Amâncio.

Entrevistado: José Ramos Tinhorão, paulista, considerado um dos mais importantes "experts" em cultura popular brasileira; é hoje o maior estudioso da Música Popular Brasileira. Nesta entrevista falou a *Nicolau* sobre o íntimo avesso das coisas e a necessidade de rever, sob todos os pontos de vista, a cultura popular no Brasil.

NICOLAU VI (nº 46): 4-7, nov., dez. 92. *Iberê Camargo - O silêncio da cor.*

Olga Weinheber e Armindo Trevisan.

Entrevistado: Iberê Camargo, um dos mais importantes artistas plásticos brasileiros. Em entrevista exclusiva para *Nicolau*, revela, entre outras coisas, sobre as condições de ser artista, sua temática que lembra uma pós-hecatombe, dos grandes nomes que o impressionaram como artista, citando De Chirico, por exemplo, de sua paixão pela linha escura e flutuante com que sonha a tela em branco.

NICOLAU VI (n° 47): 18, 19, mar., abr. 93. *Kazuo Ohno - O dançarino do invisível.*

Irion Nolasco.

Kazuo Ohno é o mais velho bailarino do mundo.

NICOLAU VI (n° 47): 4-6, mar., abr. 93. *Néstor, Perlonger, estação néon barroca.*

Ademir Assunção.

Entrevistado: Néstor Perlongher, um dos mais expressivos nomes da vanguarda argentina. Nesta entrevista concedida há três anos ao *Nicolau*, entre diversos temas, reaviva as elegâncias do espírito, a realidade alucinante do barroco e o perigo da linguagem tornar-se um rio de gravata e paletó.

NICOLAU VI (n° 48): 20-23, maio, jun. 93. *Stan Brakhage, Visões.*

Rodrigo Garcia Lopes.

Entrevistado: Stan Brakhage, um dos mais importantes cineastas experimentais norte-americanos. Nesta entrevista, concedida pela primeira vez a uma publicação brasileira, entre vários assuntos coloca em pauta a obsessão pela "art of vision" a imaginação como rede para captar o eterno, a "rosa" de Gertrhude Stein, o silêncio musical da imagem, o cinema comercial e o cinema obra de arte.

NICOLAU VI (n° 48): 4-7, maio, jun. 93. *Sigmund Freud - um olhar sobre a Vida.*

George Sylvester Viereck.

Entrevista rara, encontrada na biblioteca da Sociedade Sigmund Freud.

NICOLAU VI (n° 49): 4-7, jul., ago. 93. *Meredith Monk*

Rodrigo Garcia Lopes.

Entrevistada: Meredith Monk, norte-americana, aos 50 anos vem construindo uma obra que a destaca entre as maiores expressões da música contemporânea. Nesta entrevista, concedida com exclusividade para *Nicolau* em Nova York, fala entre outras coisas, sobre o seu trabalho como

cantora, compositora, diretora de teatro, coreógrafa, atriz e cineasta, sobre seu sentimento em relação à música, sobre a música brasileira, destacando Caetano Veloso, sobre sua fonte de inspiração, sobre a cantora Ima Sumak e sobre seu processo emotivo.

NICOLAU VI (nº 49): 20-22, jul., ago. 93. *Murilo Rubião, a última entrevista.*

Entrevistado: Murilo Rubião, escritor mineiro, um dos mestres do conto brasileiro. Em sua última conversa exclusiva para *Nicolau*, comenta sobre os contos, gênero sintético que corresponde a uma literatura magra, bem contida, sobre a questão de uma escrita fantástica que exige um linguagem muito enxuta, sobre a importância da Bíblia em suas histórias, sobre suas crônicas e sobre suas publicações.

NICOLAU VI (nº 50): 18-20, set., out. 93. *Murray Schafer, o ouvido pensante.*

Janete El Haouli.

Entrevista com o compositor canadense para quem a música pode radiografar a íntima paisagem das coisas, sugere a delicadeza do ouvir como forma de resgatar a perdida pureza da audição humana.

NICOLAU VI (n° 50): 4-7, set., out. 93. *João Perci Schiavon - A educação pelo sim.*

Fernando Karl.

Entrevistado: João Perci Schiavon, um dos mais expressivos psicanalistas do Paraná. Nesta entrevista fala a *Nicolau*, entre outros assuntos, sobre a borboleta de Chuang-tsé, uma historieta que Lacan menciona num de seus seminários, sobre o ouro fundo da palavra, sobre a importância de bem-dizer o mal-dito e sobre a verdade como peça essencial para o desvelamento de que o indivíduo é seu lugar de estréia.

NICOLAU VI (n° 51): 4-7, nov., dez. 93. *Hilda Hilst, um coração em segredo.*

Inês Mafra e *Nicolau*.

Entrevistada: Hilda Hilst, a mais importante escritora viva do Brasil. Fala à equipe de *Nicolau* entre outros assuntos, sobre a cantada de Marlon Brando em 1957, por ocasião de sua primeira visita a Paris, sobre a vertigem e a fé, sobre suas raízes, seus hábitos, como criar muitos cães, sobre seu estilo confessional, um dado muito presente em sua obra, sobre como ser escritor no Brasil, uma compulsão apaixonada, sobre seus textos, como *O Unicórnio, Ficções* e sobre sua concepção de morte.

NICOLAU VI (nº 52): 4-6, mar., abr. 94. *Bill Sienkiewicz, não ligo para super-heróis.*

Carlos Tautz.

Entrevistado: Bill Sienkiewicz, quadrinista norte-americano, forma ao lado de Will Eisner Moebius e Frank Miller, o quarteto que veio dar um sentido mais ardente ao imaginário. Em entrevista exclusiva a *Nicolau*, o artista traz à tona, entre vários assuntos, a estratégia azul das crianças, suas influências artísticas, como Neal Adams e alguns ilustradores, sobre seu estilo eclético, sobre artistas e roteiros preferidos e sobre seus projetos como a série em quatro edições: Stray Toasters.

NICOLAU VII (nº 52): 18-20, mar., abr. 94. *Luis Melo, a Vertigem das Máscaras.*

Jotabê Medeiros.

Entrevistado: Luis Melo, ator paranaense, comparado a atores como Lawrence Olivier, Rubens Corrêa e John Gielgud. Se desnuda e fala a *Nicolau*, entre outras coisas, sobre os tempos no Teatro Guaíra, sobre a influência do cinema mudo em sua técnica de representar, e sobre o artista como sendo o avatar das emoções mais rigorosas.

NICOLAU VII (nº 53): 4-7, maio, jun. 94. *Hector Babenco - Um olho na cabeça.*

Mauro Alice.

Entrevistado: Hector Babenco, o argentino/brasileiro considerado por muitos o cineasta mais sofisticado da América Latina. Concedeu entrevista a *Nicolau* e entre vários assuntos, enfocou a psicose da má vontade que contamina os que patrocinam filmes no Brasil, sobre seus filmes, nada convencionais como *O Beijo da Mulher Arranha, Brincando nos campos do Senhor*, filmes de estrutura muito complexa.

NICOLAU VII (nº 53): 18-21, maio, jun. 94. *Alceo Bocchino, as mãos aéreas.*

Ignácio Dotto Neto.

Entrevistado: Alceo Bocchino, um dos nomes mais expressivos do cenário musical brasileiro. Nesta conversa com *Nicolau*, recorda concertos, desconcertos, modinhas, serestas, cantos de macumba, a amizade com Villas-Lobo, o compositor mais autenticamente nacional, suas preferências por canções e muitos outros assuntos.

NICOLAU VIII (nº 54): 4-7, jul., ago. 94. *Nam June Paik - a lua é a mais antiga TV.*

Rodrigo Garcia Lopes.

Entrevistado: Nam June Paik.

Sul coreano que vive em Nova York, pioneiro da video-arte. Em entrevista exclusiva a *Nicolau*, decifra o que há na tela de luz puríssima da TV, e entre outras, instiga: "O vídeo não é eu vejo, mas eu vôo".

NICOLAU VII (nº 54): 18-20, jul., ago. 94. *Bárbara Heliodora, Lady Shakespeare.*

Carlos Tautz.

Entrevistada: Bárbara Heliodora, a maior tradutora de Shakespeare no Brasil. Fala a *Nicolau* sobre a genialidade malandra de Nelson Rodrigues, sobre Romeu e Julieta, sobre a censura, sobre Shakespeare, sua tese de doutorado, sobre as traduções, que tenta se manter fiel ao texto original, respeitando o autor e o espectador e outros assuntos mais.

NICOLAU VIII (nº 55): 14-18, set., out. 94. *Sebastião Salgado, Sentimento do mundo.*

Luiz Claudio Oliveira.

Entrevistado: Sebastião Salgado.

Um dos mais importantes fotógrafos do mundo. Concede entrevista a *Nicolau* onde, entre outros assuntos, surpreende com a idéia de que a pessoa fotografada tem

mais consciência do lado documental da imagem do que o próprio fotógrafo.

NICOLAU VIII (nº 55): 4-7, set., out. 94. *Jorge Luis Borges, a última entrevista.*

Clark M. Zlotchew.

Entrevistado: Jorge Luis Borges, um dos mais importantes escritores da atualidade. Nesta entrevista, que *Nicolau* publica pela primeira vez em língua portuguesa, o mestre argentino falou sobre diferenças entre o tango e a milonga, uma música valente, alegre, Oscar Wilde, muralhas, sonhos dentro de sonhos, a arte de escrever, amor à etimologia, e ainda, sobre seu país.

ENTREVISTA: Quadro geral da seção

Entrevista constitui uma seção fixa no *Nicolau*, apresentando-se em todos os exemplares, com exceção do nº 24, quase sempre ocupando as páginas 4 a 7; em alguns dos exemplares, esta matéria se repete, como acontece nos números 10, 12, 13, 16, 22, 36, 42, 49, 50, 52, 53 e 55, ou seja, aparecem duas ou mais entrevistas num só exemplar.

Como o nome indica, esta seção teve como objetivo manter conversação com pessoas para obter informações sobre seus atos, idéias, projetos, etc. Desta forma, o critério para a escolha das pessoas a serem entrevistadas foi, além de outros, levar em consideração o fato de serem pessoas de renome nas mais variadas áreas do conhecimento.

Algumas entrevistas apresentavam uma peculiaridade, pois eram entrevistas simuladas, como, por exemplo, a entrevista apócrifa com Poty, psicografada por Valêncio Xavier[82], não sendo possível, desta forma, provar sua autenticidade. O mesmo procedimento aconteceu em outros exemplares,[83] quando Paulo Motta teceu uma entrevista fictícia, um diálogo intertextual com Bertold Brecht, poeta e dramaturgo alemão, quando João

[82] **Nicolau**, nº 1
[83] **Nicolau**, nº 10

Carlos Machado[84] fez uma entrevista imaginária com Carl Gustavo Jung, um dos maiores humanistas do século.

Outras entrevistas foram privilegiadas, pois, por coincidência ou não, se constituíram na última fala de personalidades importantes como, por exemplo, a entrevista de Jorge Luiz Borges,[85] concedida ao ensaísta norte-americano Clark M. Zlotchew, a última do calígrafo amoroso que *Nicolau* publicou, pela primeira vez, em língua portuguesa, entrevista realizada em 16 de julho de 1984, em Buenos Aires, dois anos antes de sua morte, ocorrida em 12 de junho de 1986. Também neste aspecto, pode-se registrar a última entrevista de Murilo Rubião, escritor mineiro, um dos mestres do conto brasileiro, falecido em 1991, feita a João Nilson[86], em agosto de 93.

No setor de artes plásticas foram entrevistados os expoentes: Poty, desenhista, entalhador, um nome importantíssimo para a cultura não só paranaense como nacional[87], Elifas Andreato, artista gráfico[88], Lívio Abramo[89], um mestre da gravura brasileira que concedeu uma entrevista nada convencional a Jorge Canese, intelectual e poeta paraguaio, Jackson Ribeiro, paraibano[90], escultor, pintor e emoldurador, artista que expôs seus trabalhos em várias

---

[84] **Nicolau**, nº 38
[85] **Nicolau**, nº 55
[86] **Nicolau**, nº 49, p. 20
[87] **Nicolau**, nº 1
[88] **Nicolau** nº 7
[89] **Nicolau**, nº 13
[90] **Nicolau**, nº 17

Bienais internacionais representando o Brasil, Flávio Colin[91] o mais importante quadrinista brasileiro; Miran[92], artista paranaense, pioneiro nas artes gráficas, Iberê Camargo[93] um dos mais importantes artistas plásticos brasileiros. *Nicolau* expôs, através desta seção, de um modo geral, os artistas paranaenses que se projetaram em nível nacional, revelando assim o potencial existente no Paraná, com exceção de Lívio Abramo,[94] paulista, vivendo no Paraguai, exercendo também funções ligadas à diplomacia brasileira, e de Bill Sienkiewicz, quadrinista norte-americano[95], celebrado pela crítica como um dos traços mais geniais dos quadrinhos.

No que se refere à música, foram entrevistados os artistas brasileiros: Arrigo Barnabé[96], artista polêmico, que trouxe elementos novos à música popular brasileira, Itamar Assumpção[97], considerado o príncipe negro da música; Cida Moreyra[98], pianista, contemporânea de Arrigo Barnabé; José Miguel Wisnik[99], músico, também ensaísta, que está sempre questionando, descobrindo, garimpando harmonias complexas, buscando novas linguagens, dando mais sentidos aos sentidos do som; e, ainda os estrangeiros: Meredith Monk, compositora

---

[91] **Nicolau**, nº 28
[92] **Nicolau** nº 33
[93] **Nicolau** n– 46
[94] **Nicolau**, nº 13
[95] **Nicolau**, nº 52
[96] **Nicolau**, nº 2
[97] **Nicolau**, nº 25
[98] **Nicolau**, nº 29
[99] **Nicolau** nº 37

norte-americana[100], uma das maiores expressões da música contemporânea, Alceo Bocchino,[101] um dos nomes mais expressivos do cenário musical brasileiro e Murray Schafer[102], compositor canadense. Em todos os artistas brasileiros que foram escolhidos e depois selecionados para as entrevistas, pode-se observar características em comum como contribuir para expandir o território da música popular brasileira, inserindo informações da música erudita moderna e contemporânea dentro da música popular, através do atonalismo, por exemplo, como fez Arrigo Barnabé,[103] ora fazendo ressurgir o clima de rebeldia do tempo dos festivais como fez Itamar Assumpção.[104] Os articulistas do *Nicolau* tinham em mente atender leitores que já haviam mudado em relação à diluição da música nos anos 80, esse sub-rock que estava sendo produzido na época. Ainda com a presença de artistas como Meredith Monk[105] e Murray Schafer,[106] *Nicolau* deu o recado de que era possível criar um "novo mundo luminoso" pela combinação de elementos, épocas e meios diferentes.

Através desta seção, *Nicolau* também expôs seus poetas como Helena Kolody,[107] Paulo Leminski,[108] Jamil Snege,[109] ao lado

---

[100] **Nicolau**, nº 49
[101] **Nicolau**, nº 53
[102] **Nicolau**, nº 50
[103] **Nicolau**, nº 2
[104] **Nicolau**, nº 25
[105] **Nicolau**, nº 49
[106] **Nicolau**, nº 50
[107] **Nicolau**, nº 50
[108] **Nicolau**, nº 8
[109] **Nicolau**, nº 19

de outros poetas como Reynaldo Jardim,[110] que desembarcou em Curitiba para passar três meses e acabou ficando por mais de 7 anos, José Paulo Paes,[111] ensaísta e tradutor, relacionado literariamente com o Paraná, Haroldo de Campos,[112] além de poeta, crítico, ensaísta e tradutor, Manuel de Barros,[113] poeta pantaneiro, Francisco Madariaga,[114] poeta argentino, Cleber Teixeira,[115] poeta e editor.

Além dos poetas, *Nicolau* também expôs seus escritores como Wilson Martins,[116] crítico literário, paulista de nascimento, criado no Paraná, Domingos Pellegrini,[117] residente em Londrina, José Joffily,[118] historiador e empresário, paraibano, radicado também em Londrina, David Carneiro,[119] historiador, cronista e poeta, nomes que se colocam ao lado de outros escritores importantes como Leo Gilson Ribeiro,[120] um dos mais combativos e polêmicos críticos literários brasileiros, Paulo Francis,[121] Pires Laranjeira,[122] professor de Literatura Africana, Murilo Rubião,[123] escritor mineiro, Hilda Hilst,[124] a mais importante escritora viva do Brasil, e os

---

[110] **Nicolau**, nº 14
[111] **Nicolau**, nº 31
[112] **Nicolau**, nº 15
[113] **Nicolau**, nº 40
[114] **Nicolau**, nº 41
[115] **Nicolau**, nº 32
[116] **Nicolau**, nº 3
[117] **Nicolau**, nº 4
[118] **Nicolau**, nº 13
[119] **Nicolau**, nº 16
[120] **Nicolau**, nº 36
[121] **Nicolau**, nº 43
[122] **Nicolau**, nº 5
[123] **Nicolau**, nº 49
[124] **Nicolau**, nº 51

estrangeiros Jorge Luis Borges, um dos mais importantes escritores da atualidade e Nestor Perlongher,[125] um dos mais expressivos nomes da vanguarda argentina. A galeria de poetas e escritores foi vasta, revelando, assim, a preferência de *Nicolau* em projetar a literatura não só brasileira mas também internacional.

Os atores também tiveram seu espaço nesta seção, inclusive alguns artistas paranaenses que se projetaram nacionalmente, atuando em novelas da Rede Globo de Televisão como Ary Fontoura,[126] Toni Ramos,[127] Luís Melo[128] e outros como Nitis Jacon,[129] diretora do Grupo Proteu em Londrina; ainda nesta seção, foram entrevistados Paulo Autran,[130] presença viva da dramaturgia brasileira, Ademar Guerra,[131] um dos mais conceituados diretores do teatro brasileiro, José Celso Martinez Corrêa,[132] diretor do polêmico Teatro Oficina, Bárbara Heliodora,[133] crítica teatral, e Henri Thoreau,[134] professor de teatro em Portugal.

A sétima arte não foi esquecida, e muitos cineastas, detentores de prêmios nacionais e internacionais, foram entrevistados como Sylvio Back[135], produtor de mais de 30

---

[125] **Nicolau**, nº 47
[126] **Nicolau**, nº 9
[127] **Nicolau**, nº 18
[128] **Nicolau**, nº 52
[129] **Nicolau**, nº 21
[130] **Nicolau**, nº 26
[131] **Nicolau**, nº 33
[132] **Nicolau**, nº 35
[133] **Nicolau**, nº 55
[134] **Nicolau**, nº 16
[135] **Nicolau**, nº 11

filmes sendo 6 longa-metragens, Sérgio Bianchi[136], participante dos festivais de Rotterdam; também o norte-americano Stan Brakhage[137], um dos mais importantes cineastas experimentais e o argentino Hector Babenco[138], considerado por muitos o cineasta mais sofisticado da América Latina.

Na dança, foi entrevistada Ana Botafogo[139], considerada uma das maiores bailarinas do país.

Na fotografia, Sebastião Salgado,[140] um dos mais importantes fotógrafos do mundo.

No vídeo-arte, Nan June Paik,[141] sul-coreano, reconhecido como um dos pioneiros no ramo.

A Psicanálise e a Psicologia foram representadas por Alduísio Moreira de Souza,[142] Alfredo Nestor Jerusalinski,[143] Contardo Luigi Calligari,[144] três das maiores expressões deste ramo; João Pires Schiavom,[145] um dos mais expressivos psicanalistas do Paraná, bem como Carl Gustavo Jung[146], também um dos maiores humanistas do século.

Nicolau, nesta seção, se preocupou com a ecologia do país, entrevistando, Sebastião Laroca[147], um dos defensores e

---

[136] **Nicolau**, nº 11
[137] **Nicolau**, nº 23
[138] **Nicolau**, nº 48
[139] **Nicolau**, nº 53
[140] **Nicolau**, nº 55
[141] **Nicolau**, nº 54
[142] **Nicolau**, nº 36
[143] **Nicolau**, nº 36
[144] **Nicolau**, nº 36
[145] **Nicolau**, nº 60
[146] **Nicolau**, nº 22
[147] **Nicolau**, nº 38

estudiosos mais fiéis ao meio-ambiente, Hugo Windmuller[148], naturista inglês, radicado há 66 anos no Brasil e Mary Allegretti[149], que veio em defesa dos povos da floresta.

Na ciência, a presença de Newton Freire Maia[150], consideradíssimo no campo da genética, Celso Grebogi[151], especialista em "caos" e Cesar Lattes,[152] físico de renome internacional.

Na política, os entrevistados foram Luis Carlos Prestes,[153] líder comunista e Victor Farias,[154] autor de *Heideggar e o Nazismo*, Toni Negri[155], líder intelectual do grupo terrorista. Mais uma vez, nesta entrevista, *Nicolau* firmou o propósito de democracia num regime político empurrado pelos princípios de liberdade e participação. Dentro de tal perspectiva esse exercício de liberdade de expressão do pensamento inseriu a discussão aberta das idéias e a confrontação de problemas de existência.

Na área da medicina, foi entrevistado Moisés Paciornik,[156] médico e obstetra paranaense.

Na área da cultura, José Ramos Tinhorão,[157] considerado um "expert" em cultura popular, tendo oportunidade para expor as

---

[148] **Nicolau**, nº 20
[149] **Nicolau**, nº 22
[150] **Nicolau**, nº 27
[151] **Nicolau**, nº 6
[152] **Nicolau**, nº 44
[153] **Nicolau**, nº 12
[154] **Nicolau,** nº 12
[155] **Nicolau**, nº 15
[156] **Nicolau,** nº 30
[157] **Nicolau**, nº 45

suas idéias e, finalmente, *Nicolau* abriu espaço para a voz de Adolfo Perez Esquivel,[158] detentor do prêmio Nobel da Paz de 1980.

O leitor de *Nicolau* pode, através desta seção, ampliar seu repertório com tantas entrevistas de pessoas renomadas nas mais diferentes áreas da construção do conhecimento.

O PERFIL DO ENTREVISTADOR

Os entrevistadores deixam transparecer, pessoalmente, preparação universitária e, em muitos casos, especialização numa área específica. Na atividade de entrevistar, mostram-se, na quase totalidade dos casos, informados, coesos e lúcidos; foram minuciosamente selecionados para cada entrevista revelando conhecimento do tema e daquilo que está nas entrelinhas do assunto. Possuem ordenação lógica e fazem perguntas convenientes. Por isso, em vários casos, poeta entrevista poeta, literato entrevista escritor e assim por diante.

Entrevistador e entrevistado realizam uma fusão em espiral cuja iniciativa parte especialmente do entrevistador ao se aprofundar no tema com antecedência. Não se observam estagnações lineares e sim o processo dinâmico cujas características se manifestam nas perguntas abertas,

---

[158] **Nicolau**, nº 39

objetivando respostas abertas, e questões de esclarecimento e análise, por se procurar com a opinião do entrevistado, bem como descobrir as causas da mesma frente ao momento atual. As entrevistas são:

- diretas: trazem riqueza de matizes e visam atrair o leitor;
- diferidas: editadas antes da escrita, lembrando que uma entrevista possui duas fases: uma expositiva (dados espontâneos e desordenados) e a outra redundante (mais elaborada literariamente). O repetitivo é retirado;
- de caráter: com o eixo na personalidade do entrevistado. Suas respostas importam, não só pelo que ele diz, mas porque é ela quem as dá. São observados os movimentos do pé, o sair para beber água, etc.[159];
- noticiosas: partem do eixo da informação em potencial, exemplo o lançamento do livro, do disco, de um novo trabalho e daí, para outras áreas;
- de informação em profundidade: com papel reflexivo.

Esses aspectos alternam-se na realização das entrevistas, ora aparecendo separados, ora condensados conforme a personalidade de entrevistado.

---

[159] Exemplo, entrevista com Paulo Francis, n° 43.

O entrevistador interpela de modo a não matar a naturalidade do diálogo, agilizando-o; desvia-se pouquíssimas vezes do tema central e, quando acontece, o faz com o fim de enriquecer a entrevista.

O PERFIL DO ENTREVISTADO

Os entrevistados têm perfil ativo e linguagem adaptada ao assunto em questão, mas que exige leitores adequados (que também entendam ou gostem do assunto, ou, ainda, se interessem por ele). Defendem a mudança e, em geral, criticam a política adotada no país, que inclui a concentração de renda, a institucionalização da cultura e a marginalização de artistas e escritores que fazem trabalhos independentes. Têm visão de totalidade. Os valores mais defendidos são aqueles respectivos ao trabalho de vanguarda.

A leitura de todas as entrevistas proporciona ao leitor uma visão nova das coisas, sempre a partir do interior do indivíduo ou do invisível. Parece que o entrevistado é alguém corajoso que não receou inovar, nem publicar sua inovação. Poetas, escritores, músicos, artistas, cantores, designers, enfim intelectuais práticos e ativos. É deles que brota, ora em brisa suave, ora em vento forte, a força do novo. Afinal, são pessoas de vanguarda.

Exemplo disso pode ser Haroldo de Campos que, ao lado da sua transcrição, estende sua crítica ao chamar o Brasil de país dos marimbondos por viver um panorama de mediocridade; o historiador e cronista Davi Carneiro que critica especialmente os políticos constituintes; o cineasta de Ponta Grossa, Sérgio Bianchi, que chama o Brasil e Curitiba de hipócrita e culturalmente incompetente; o escritor Herber Daniel que denuncia a linguagem militar do país ao se referir a AIDS; o jornalista Paulo Francis que afirma ser o maior problema do jornalismo o não dizer as coisas como são; o pesquisador e escritor José Ramos Tinhorão, crítico da universidade; Nitis Jacom pela crítica do movimento fraco do teatro de Curitiba no período; ó cientista César Lattes que critica os cursos de pós-graduação pela falta de verbas; Nestor Perlonguer que acusa o Brasil por tornar a hora de escrever sombria e professoral, embora seja um país do êxtase.

O pioneirismo traz o novo na redescoberta do parto de cócoras pelo Dr. Moysés Paciornik, a exemplo dos índios e como volta à natureza; o escritor pantaneiro Manoel de Barros, que musicou a lama; o poeta e publicitário Jamil Snege, visto como poeta renovador, que acha ser artista um indivíduo em desacordo; José Tinhorão, que consegue articular o novo e o velho como um grande pensador; o conflito da crença em Deus de Iberê Camargo que prefere o preto às cores; a ciência psicanalista de Freud e Jung; Néstor Perlonguer, que busca

devolver à língua a sina de ser máquina da mutação; a arqueóloga da voz, a norte-americana Meredith Monk, que ensina a ouvir a pedra do som atravessando o silêncio, por meio dos trabalhos da multimídia.

Utilizando as palavras de REQUIÃO [160]

> "O *NICOLAU* já abrigou em suas páginas praticamente todos os grandes nomes da cultura brasileira em artigos inéditos e especiais. Não foram raros os casos em que expoentes do nosso mundo cultural, tomando conhecimento do jornal, ofereceram-se, espontaneamente, para colaborar, manifestando seu entusiasmo por uma proposta que se destaca na aridez do panorama cultural do país. Por outro lado, o *Nicolau* quer ser, também, um espaço aberto aos valores paranaenses. Em outros termos, é uma proposta de jornal nacional, aberto especialmente aos nomes do Paraná, sem contudo transformar-se num veículo de caráter provinciano (e, portanto, ultramontano). Sem dúvida, podemos dizer que nunca os produtores de cultura do Paraná tiveram tanto espaço para divulgar seus trabalhos, inserindo-se no espaço maior da cultura cosmopolita".

Embora acusada de regionalista, a seção *Entrevista* respeita a interação com outros estados e países.

As entrevistas propriamente literárias referem-se, entre outros:

- ao tradutor Haroldo Campos, que considera a cultura feita de discussão das idéias e não em torno dos pensadores apenas. Ele critica a escrita da formação da literatura brasileira por Antônio Cândido. Considera o barroco fundamental. É um dos criadores da poesia

[160] **Nicolau**, nº 46, p. 3.

concreta presente em Caetano Veloso e Titãs, que tem a força da investigação;[161]

- ao radar joycesano, surrealista, bairrista e feminista de Paulo Leminski, para quem o real é surrealista. Afirma: "Sou um ser vivo primeiro, depois um escritor" e considera o poema uma reserva ecológica;[162]
- a Itamar Assumpção, que faz letras em forma de poesia;[163]
- à tradutora Alice Ruiz, que procura traduzir o espírito das coisas, misturando poesia concreta e prosa. Aprendeu com o simbolismo, mas afirma não ser simbolista, nem concretista. Aprendeu com os poetas japoneses e se diz tocada pelo tropicalismo. Diz-se poeticamente formada por Fernando Pessoa;[164]
- a Manoel de Barros, que faz poesia na contramão e tira a poesia do chão;[165]
- o poeta Francisco Mandariaga, uma das maiores vozes surrealistas contemporâneas, pois foi aliado ao surrealismo;[166]

---

[161] **Nicolau,** nº 15.
[162] **Nicolau,** nº 19.
[163] **Nicolau,** nº 25.
[164] **Nicolau,** nº 33:.
[165] **Nicolau,** nº 40.
[166] **Nicolau,** nº 41.

- a Jamil Snege, publicitário lírico, que sabe trabalhar com a linguagem literária. Na ficção ou poesia, sempre parte de uma imagem. É considerado um dos maiores escritores do país, para quem: "Escrever é um gesto solitário, é também buscar o corte mais profundo do real.";[167]
- a Paulo Francis, um dos fundadores do Pasquim, seguidor de Trotski, jornalista polêmico e escritor; considera a cultura do Brasil tribal, restritiva e provinciana. Procura a beleza fundamental e define a beleza didática por "nascer da idéia, uma idéia que tem que ser tão forte, tão rara, tão original, que ela seja bela em si, sem acréscimo de uma sílaba, de um adjetivo, de uma proposição, de nada"; [168]
- ao pesquisador independente, José Ramos Tinhorão, cultor das raízes sonoras, historiador da área da cultura popular;[169]
- a Iberê Camargo, um dos maiores artistas plásticos, que passa da fase expressionista para o abstracionismo gestual. É considerado um clássico que se reporta ao romântico;[170]

---

[167] **Nicolau,** nº 42.
[168] **Nicolau,** nº 43.
[169] **Nicolau,** nº 45.
[170] **Nicolau**, nº 46.

- a Nestor Perlonguer que reaviva a realidade alucinante do barroco e do neobarroco que, segundo ele, se caracterizam por uma fúria antiocidental mais ligado a uma corrente oracular. O barroco é poético e pode se cruzar com o realismo alucinante de alguma forma. O neobarroco se sustenta sobre a tradição surrealista e sobre a prática surrealista;[171]
- a Bil Sienkiewicz, considerado o melhor desenhista, pós-modernista em mistura com o realismo;[172]
- ao escritor polilíngüe, José Paulo Paes, cuja poesia se debruça na imanência, fala da permanência na precariedade;[173]
- ao poeta à margem da mídia argentina, Francisco Madariaga, que fala do surrealismo: "seu grande salto ao amor (e por amor) deixaram, sim, muitas trilhas em mim";[174]
- a Nam June Paike, pioneiro do vídeo-arte oriental: pós-modernista, propõe mudanças nas relações entre a arte e a tecnologia.[175]

Esta seção colabora para colocar o *Nicolau* como uma das seis melhores publicações culturais do país, na década de 80, com tiragem significativa, demonstrando sua postura inovadora

---

[171] **Nicolau, nº 47.**
[172] **Nicolau, nº 52.**
[173] **Nicolau, nº 31.**
[174] **Nicolau, nº 41.**
[175] **Nicolau, nº 54.**

como veículo da Secretaria de Cultura/Imprensa Oficial do Estado, servindo como "interlocutor entre o produtor cultural e o leitor, o pesquisador e o historiógrafo."[176]

O aspecto literário presente no *Nicolau* mereceu de Paulo Leminski[177] o elogio de:

> Filho mais bonito da época, uma tradição de uma imprensa bem anos 70, criativa, inventiva, inovadora e, sobretudo, viável. (...) Reflete realmente os novos tempos. É absolutamente natural que ele seja editado por um órgão do Estado, que pode colocar dinheiro num negócio que não tem retorno publicitário.

A seção mostrou ainda a proposta de "um jornalismo cultural independente, aberto às correntes de pensamento e às influências estéticas mais variadas"[178], sendo louvado nacional e internacionalmente, surgindo como protótipo de um órgão oficial da cultura propriamente dita, recebendo, até 1993, cinco prêmios nacionais.

A colocação crítica que se faz no final dessa análise do quadro geral da seção é a seguinte: um jornal com entrevistas tão admiráveis, com a presença de uma literatura tão rica, que chegou às universidades, bibliotecas, órgãos nacionais e internacionais, às prefeituras e a estudantes, ficou restrito, como veículo de comunicação, àqueles que já tinham meios de possuírem a cultura.

Se for levado em conta que a literatura é um processo

---

[176] ALVES, **Nicolau,** nº 29, p.3.
[177] **Nicolau,** nº 19, p.9.
[178] REQUIÃO, **Nicolau,** nº 46, p.3.

vivo dentro da sociedade e que o texto é apenas a cristalização da forma gráfica de um dos momentos do seu processo, a prioridade que pertence a ela, "envolve os dramas sociais, os conflitos ideológicos, as crises individuais, o movimento cultural, a dinâmica dos discursos, os azares da política, que são o nascedouro e a razão de ser da obra literária". Esses aspectos fazem parte da vida de todos os membros da sociedade, também da classe trabalhadora que, muitas vezes, tem sido deixada de lado devido ao seu dialeto, sendo a obra literária "despida de seu interesse humano e histórico".[179]

[179] RIBEIRO, **Nicolau**, nº 33, p. 3.

CAPÍTULO VI

DEPOIMENTOS

"É fazendo cultura, saúde e política que nós queremos contribuir para a formação de uma nova unidade paranaense."

(Márcio Almeida - *"Nós do Paraná"*, *Nicolau* I, nº 2).

NÓS DA ESTRADA

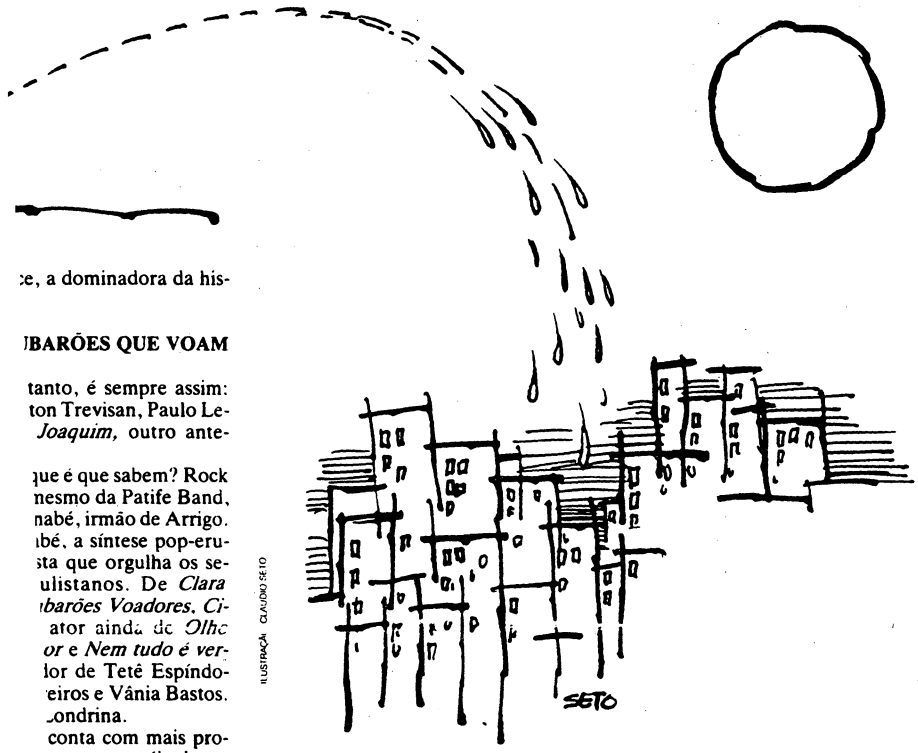


ILUSTRAÇÃO CLAUDIO SETO

:e, a dominadora da his-

IBARÕES QUE VOAM

tanto, é sempre assim:
ton Trevisan, Paulo Le-
Joaquim, outro ante-

ıue é que sabem? Rock
nesmo da Patife Band,
nabé, irmão de Arrigo.
ıbé, a síntese pop-eru-
sta que orgulha os se-
ulistanos. De *Clara*
ıbarões Voadores, Ci-
ator ainda de *Olho*
or e *Nem tudo é ver-*
lor de Tetê Espíndo-
eiros e Vânia Bastos.
Londrina.
conta com mais pro-
ma, a epopéia de to-
os, beleléus, vulgos
ıscavéis? Itamar As-
o marginal recusado
atei um no Paraná,
.)

EFESA LEGÍTIMA

ım algumas vanta-
que vos fala, com
ais abertas. Mas é
:nos do que pode-
literatura que não
ı, muitos batem no
ı pode dizer que
er de Guimarães
rande romancista,

habemus Valên-
ımente, já objeto
lemias, as produ-
mioticos e outros
estamos na esti-
Valêncio vale
pesquisa formal
e (novela?), da
iste no Inferno
grande, magní-
com Poty Laza-
a?).

Não falarei de Ernani Reichmann, filósofo desconhecido. Não de Milton Carneiro, de um tríptico mestre de Sérgio Rubens Sossélla e de outra ainda grande poesia ("Milton Carneiro chutava o mar, revoltado.") E nem de Sossélla, o juiz de rabo-de-cavalo de Assis Chateaubriand, que se auto-exila em Mandaguari, em vez de estar trocando gibi na porta do Cine Curitiba, lendo *X-9*, e mostrando um pouco de sua imensa alma para nós da estrada, que estamos necessitados.

Muito menos de Jaques Mario Brand, que tem e nos deve sofisticada poesia, além de ser candidato ao congresso e outros ostracismos.

E por essas e outras que repito o lema grafitado num muro curitibano, simples e evidente: gente, deixemos de timidez: "outubro ou nada".

O VALOR DE UM MACHADÃO

Porque só pode ser timidez tanto cuidado, excessivo recato.

Qualquer guri que já leu meia dúzia de opúsculos e segue atentamente os cadernos ilustrados dos jornais arrota grosso e se dedica aos recitais poéticos. Outros acreditam ser os cronistas de suas gerações, com a grossura e falta de talento substituindo o que acham ser irreverência. É a epidemia de *hai-kais*, moderno *gonococus*.

Mas há quem tanto se elogie que acabe arrumando seguidores. E a Bahia de Todos os Santos, por exemplo, exporta pouca economia e saúde, mas tem seu *lobby*, o *marketing* das turmas: Caetano que ama Gil que ama Gal que ama Betânia que ama Risério que ama a si mesmo e a todos eles.

No Rio, o besteirol. Mas fora a bossa nova, o *jazz* que virou samba, já existiu alguma coisa? O cinema era novo?

Gente, não há editoras, a imprensa é fraca, mas nossa carne é forte: somos polacos e tomamos leite, quente e gostoso. Vamos em frente, que atrás vem gente.

Otavio Duarte é editor de jornalismo da Rede Globo de Televisão em São Paulo

a perdida...

DEPOIMENTOS: ÍNDICE ALFABÉTICO DE DEPOENTES

(Aspectos da experiência paranaense).

ALENCAR, Francisco de. *Nós da Tríplice Fronteira*. I (nº 7): 4, jan. 88.

Foz de Iguaçu, a terra das cataratas; geograficamente situada na tríplice fronteira Brasil-Paraguai-Argentina, é o Éden preservado do planeta.

ALICE, Mauro. *Nós na linha de montagem*. V (nº 38): 20-22, abr., maio 91.

Mauro Alice é considerado um dos maiores montadores do cinema brasileiro.

ALMEIDA, Márcio. *Nós do Paraná*. I (nº 2): 5, ago. 87.

"É fazendo cultura, saúde e política que nós queremos contribuir para a formação de uma nova unidade paranaense." (...)

ALVETTI, Celina. *Nós sob os céus de Berlim*. II (nº 17): 5, nov. 88.

Celina, seleciona imagens, impressões da viagem que fez a Berlim.

ATEM, Reinoldo. *Nós ao pé da lírica.* V (nº 37): 22, 23, fev., mar. 91.

Na primeira tese de mestrado a trazer à tona os caminhos e descaminhos da poesia contemporânea paranaense, trinta poetas não escaparam do olhar atento de Reinoldo Atem.

BAPTISTA, Vera Maria Biscaia Vianna. *Nós na Beira do Rio, cuidando da Vida.* I (nº 9): 5, mar. 88.

O jovem casal Nilton e Vera Vianna Baptista rumava para o horizonte novo do norte do Estado - onde um novo Paraná se fazia, a cem quilômetros de Londrina, na cidadezinha à margem do Paranapanema chamada Primeiro de Maio. A resenha da matéria é apresentada por Jaques Brand.

BOND, Rosana; MARQUES, Márcia. *Nós no Mato Grosso.* II (nº 15): 5, set. 88.

A vinda, o calor, o guaraná, a chapada, os índios, o pantanal, a imprensa, nossos livros. Duas jornalistas - escritoras descobrindo como andam o tempo e o vento em Cuiabá.

COSTA, Mariano Adolpho. *Nós do Oeste.* I (nº 1): 5, jul. 87.

O escritor, residindo há mais de 20 anos em Medianeira, oeste paranaense, mostra um mosaico de etnias que engendra esse universo grande que é o Paraná, um

território livre para a utopia na luta integrada de todos por um mundo mais humano e mais justo. *Avança Paraná!*

COSTA, Samuel Guimarães da. *Nós, Jovens dos anos 40, cavando a Vida*. II (nº 13): 5 jul. 88.

A geração de 45 amadureceu cedo, sob o impacto da 2ª Guerra Mundial.

DAROS, Eduardo José. *Nós com os pés no chão.* IV (nº 31): 24, mar. 90.

Nicolau, através do paranaense Eduardo José Daros, presidente da Associação Brasileira de Pedestres, revela as relações entre transeunte e veículo.

DUARTE, Otávio. *Nós da Estrada.* I (nº 3): 5, set. 87.

O texto mostra valores do Paraná: Denise Stoklos, Dalton Trevisan, Paulo Leminski, Paulo Barnabé, Arrigo Barnabé, Valêncio Xavier, Ernani Reichmann, Milton Carneiro, Sosséla, Mário Brand. Balanço da situação lítero-cultural do estado. Valores da terra que se projetam nacionalmente.

FAXINA, Elson. *Nós na linha do Equador.* V (nº 41): 8, 9, out., nov. 91.

Numa aventura em que alumbramento e fina malícia se misturam, o paranaense Elson Faxina relata o percurso por alguns lugares pitorescos da América Latina.

FLORIANI, Dimas. *Nós Mudando de País como quem Troca de Sapatos*. II (nº 16): 5, out. 88.

Chile, 1973. Um golpe baixo de estado abate a tentativa levada no governo Salvador Allende - de transição ao socialismo. Dimas Floriani estava lá e relembra a hecatombe política que desde então amarrou o país com os nós dos coturnos militares da ditadura Pinochet.

JOFFILY, José. *Nós ao Pé da Concha Acústica*. I (nº 8): 5, fev. 88.

"Tamarana fica a meia hora de Londrina; não existe cidade tão nova e tão rica. A população cresce mais depressa do que qualquer outra cidade brasileira, dispõe de cem mil automóveis, de trinta mil telefones, etc."

MANCIA, Emir. *Nós do Noroeste*. I (nº 6): 4, dez. 87.

Texto sobre Paranavaí. Mostra a infra-estrutura, estradas, eletrificações, recursos naturais e ainda a técnica de manejo de solos da região, com os filhos dos antigos pioneiros.

MANFREDINI, Luiz. *Nós, de estilingue, atrás das barricadas.* I (nº 11), 5, maio 88.

Há 20 anos, estudantes de Curitiba, tomavam de assalto a Reitoria da Universidade Federal do Paraná (maio de 68).

MARTINS, Roberto. *Nós comendo o pó do norte.* III (nº 28): 24, dez. 89.

Professor, poeta, autor de *Bocas Lacradas* (1984), *Dito e Feito* (1987), *Coisas de Antes* (1988). Faz uma reflexão sobre Maringá, sua colonização feita por Lord Inglês Lovat que, em 1924 contratou com o Governo do Estado a aquisição de 500.000 alqueires das melhores terras, originando cidades importantes como Londrina (1929), Rolândia (1932), Apucarana (1938) e Maringá (1947).

MUGGIATI, Roberto. *Nós em busca da província perdida.* VI (nº 42): 26-28, mar., abr. 92.

Roberto Muggiati, editor, repórter na revista Manchete, tradutor de alguns livros de Henry Miller, Ian Flemming, entre outros, traça um perfil da velha Curitiba cartorial, num texto que une o imaginário da música aos mecanismos imprevistos da saudade.

PAES, José Paulo. *Nós num começo de vida.* I (nº 12): 5, jun. 88.

Ensaísta, tradutor e jornalista, autor de, entre outros, *As quatros vidas de Augusto dos Anjos* (1957), *Gregos e baianos* (Brasiliense, 1986).

Relata parte de sua vida em Curitiba, em 1947, quando tomou gosto e se iniciou como poeta, dos poetas que conheceu como Glauco de Sá Britto, de quem recebeu as primeiras lições de como fazer da poesia, mais que mera arte da palavra, uma arte da vida.

PAULA, Caco de; Laurentino Gomes. *Nós, com o pé na profissão.* VI (nº 44): 10, 11, jul., ago. 92.

Os jornalistas, editores de "Vejinhas" regionais, relatam como selecionam eventos, gestos, falas, textos, acertos e erros deste palco onde somos muito mais que atores.

PARARRAIOS, Ary. *Nós armando o circo em Berlim.* IV (nº 29): 16, jan. 90.

Peripécias de Pararraios. Depois da saída de Astorga, em 1º de abril, aterrissagem nas Berlins. Pararraios é artista palhaço.

PUGNALONI, Ivo. *Nós ligados na Tomada. Energia Elétrica: Um Vetor de Cultura?* I (nº 4): 5, out. 87.

Uma nova visão de mundo, com mais qualidade de vida que permite o avanço social, econômico e cultural do homem do campo.

RIBEIRO, José Augusto. *Nós com o Pé na Profissão.* II (nº 18): 5, dez. 88.

Recorda a mulher Neila, atriz, Tancredo Neves, seu talismã senador, e muitos outros.

RIBEIRO, Luis Filipe. *Nós ensinando na "Côrte".* I (nº 10): 5, abr. 88.

O intelectual, professor e ensaísta bissexto, ensaia um simbólico retorno ao regaço de sua Curitiba.

SAPORSKI, Lucille. *Nós sob o Arco do Triunfo.* V (nº 39): 8, 9, jun., jul. 91.

Andanças e peripécias de uma curitibana.

SILVA, Deonísio da. *Nós desta Faixa Otária.* II (nº 14): 5, ago. 88

Relembra a vida cheia de perigos dos anos 70 em Curitiba, sua estréia na literatura, as contradições e contravenções de um país sob a ditadura militar e reclama que vai chegar aos 40 sem ter tido um gosto: o de votar para Presidente da República.

SOSSÉLLA, Sérgio Rubens. *Nós de rabo-de-cavalo, julgando a vida.* IV (nº 36): 26, dez. 90/jan. 91.

Narrativa das aventuras e desventuras de um magistrado pelo interior paranaense.

TEIXEIRA, Hélio. *Nós no Eixo Monumental.* I (nº 5): 5, nov. 87.

Nicolau traz as luzes do jornalista Hélio Teixeira sobre o fenômeno da crescente presença de paranaenses em posição de força no xadrez dos partidos políticos e do Congresso Constituinte. Hélio é assessor dos Senadores José Richa e Mário Covas.

ULANDOWSKI, Estefano. *Nós serra abaixo.* IV (nº 32): 10, abr. 90.

Pela palavra de Estefano Ulandowski, *Nicolau* abre os caminhos da serra.

WANKE, Eno Teodoro. *Nós trovando na Corte.* IV (nº 30): 27, fev. 90.

De cidade em cidade, Eno Wanke foi construindo trovas. Acabou na Corte; mais uma experiência paranaense que *Nicolau* traz a público.

WAMBIER, Manoel. *Nós na Corte dos Bernadotte.* IV (nº 35): 23, out., nov. 90.

Relato de viagem e de suas façanhas como jornalista da Rádio Suécia de Estocolmo.

WAMBIER, Telmo. *Nós ao pé da pauta.* IV (nº 34): 13, ago., set. 90.

Telmo Wambier dá a sua receita para não criar limo: flutuar ao sabor do acaso.

VAZ, Toninho Martins. *Nós em New Orleans.* VI (nº 50): 12, 13, set., out. 93.

Em seu relato de Viagem, desvenda os segredos de New Orleans, cidade de Louis Armstrong. Crônica de uma cerimônia anunciada.

———. *Nós na ilha da edição* IV (nº 33): 25, maio, jun., jul. 90.

Coube um trabalho de linguagem para televisão, mais próximo do arrojo formal e da ousadia temática (…).

DEPOIMENTOS: ÍNDICE DE DEPOENTES SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

(Aspectos da experiência paranaense.)

NICOLAU I (nº 1): 5, jul. 87.

Adolpho Mariano da Costa, advogado e escritor, residente em Medianeira, oeste paranaense, autor de, entre outros livros: *Dialética dos mosquitos* (1962), *Donatário* (1978).

Publica: *Nós do oeste*, fazendo relatos e depoimentos tais como o fato de serem considerados pelo Estado como sendo "todos do sudoeste" onde os pioneiros oriundos do sul, adentrando à região, seguindo a Picada de Prestes, trouxeram, além de suas forças de trabalho, uma motivação incrível e práticas agropecuárias que, encontrando solo fértil e dadivoso edificaram uma respeitável comunidade.(...)

NICOLAU I (nº 2): 5, ago. 87.

Márcio Almeida, médico, residente em Londrina, autor de trabalhos publicados na Revista *Terra e Cultura* e *Saúde em Debate* e de artigos na imprensa.

Publica: *Nós do Paraná,* tendo como objetivo abranger três áreas do conhecimento como cultura, saúde e política e trocar idéias e experiências com gente de todos os cantos do Estado.

NICOLAU I (nº 3): 5, set., 87.

Otávio Duarte, escritor de jornalismo na Rede Globo de Televisão em São Paulo.

Publica: *Nós da Estrada,* texto jornalístico que traz notícias de valores paranaense como Denise Stoklos, autora, diretora e atriz, fazendo sucesso em Nova Iorque, Dalton Trevisan e Paulo Leminski, escritores e poetas, Valêncio Xavier, já objeto de estudo em academias, Ernani Reichmann, filósofo; Milton Carneiro, Sérgio Rubens Sosséla, Jaques Mário Brand, mostrando que "nossa carne é forte: somos polacos e tomamos leite quente e gostoso".

NICOLAU I (nº 4): 5, out. 87.

Ivo Pugnaloni, vice-presidente da Associação Paranaense de Engenheiros Eletricistas.

Publica: *Nós ligados na tomada. Energia Elétrica: um vetor de cultura?* Texto polêmico que expõe sua visão de mundo em relação à qualidade de vida, que permite o avanço social, econômico e cultural do homem do campo.

NICOLAU I (nº 5): 5, nov. 87.

Hélio Teixeira, jornalista, assessor dos senadores José Richa e Mário Covas.

Publica: *Nós no Eixo monumental,* que traz as luzes sobre o fenômeno da crescente presença de paranaenses em posições de força no xadrez dos partidos políticos e do Congresso Constituinte.

NICOLAU I (nº 6): 4, dez. 87.

Emir Mancia, advogado, autor de *Rastros escolhidos* (Paranavaí, 1987).

Publica: *Nós do noroeste,* descrevendo Paranavaí, cidade do noroeste do Paraná, atípica, onde convivem políticos, sem-terra, a pastoral, a UDR, os apolíticos, artistas plásticos, poetas, músicos, de comércio forte, pólo de vinte e tantos municípios semelhantes e que sofre um mínimo de influência de Maringá, distante apenas 70 quilômetros, mas de características totalmente diversas.

NICOLAU I (nº 7): 4, jan. 88.

Francisco de Alencar, jornalista.

Publica: *Nós da tríplice fronteira,* relatando o surgimento de Foz do Iguaçu, há dezoito anos, cidade exuberante considerada a *Terra das cataratas,* geograficamente situada na tríplice fronteira Brasil-Paraguai-Argentina, sendo o Éden preservado do planeta.

NICOLAU I (nº 8): 52, fev. 88.

José Joffily, autor de *Fatos e versões* (Líder, 1976), *Entre a Monarquia e a República* (Cosmos, 1983), entre outros.

Publica: *Nós ao pé da concha acústica*, que conta fatos e histórias como *Anayde* transformada no cinema por Tizuka Yamasaki em "Parahyba, mulher macho", comentando a beleza, a coragem e o vanguardismo em terras tão ávidas de novas idéias, e homenageia Londrina, a terra escolhida.

NICOLAU I (nº 9): 5, mar. 88.

Vera Maria Biscaia Baptista, casada com o médico Milton Vianna Baptista, residente no norte do Estado, a 100 Km de Londrina à margem do Paranapanema.

Publica: *Nós na beira do rio, cuidando da vida.*

Escrevendo do presente, lembra um pouco o tempo "bom" que foram os ciclos da terra, o jeito da gente, os caminhos longos do amor e do trabalho ao lado do marido no Hospital São José, à beira da represa do Capivari.

NICOLAU I (nº 10): 5, abr. 88.

Luis Filipe Ribeiro, professor de Literatura no Colégio Pedro II e na Universidade Federal Fluminense.

Publica: *Nós ensinando na "Côrte"*, quando relata um simbólico retorno ao regaço de Curitiba, seu começo no

Cursinho do Abreu, depois lecionando no Colégio Pedro II, na "côrte" de verdade e depois na Universidade Federal Fluminense.

NICOLAU I (nº 11): 5, maio 88.

Luiz Manfredini, jornalista, autor de *Albânia, horizonte vermelho nos Bálcãs* (Alfa-Ômega, 1985).

Publica: *Nós de estilingue, atrás das barricadas,* contando como aconteceu o feito mais significativo do movimento estudantil no Estado do Paraná, quando os estudantes de Curitiba tomavam de assalto a Reitoria da Universidade Federal do Paraná. Da mesma forma Edison Jansen, fotógrafo registra o acontecimento, numa foto antológica quando o estudante José Ferreira disparava um estilingue contra um dos cavaleiros que estavam reprimindo a manifestação.

NICOLAU I (nº 12): 5, jun. 88.

José Paulo Paes, poeta, ensaísta, tradutor e jornalista, autor de, entre outros, *As quatros vidas de Augusto dos Anjos* (1957), *Gregos e baianos* (Brasiliense, 1986).

Publica: *Nós num começo de vida*, onde relata parte de sua vida em Curitiba, em 1947, quando tomou gosto e se iniciou como poeta, dos poetas que conheceu como Glauco de Sá Britto de quem recebeu as primeiras lições de como

fazer da poesia, mais que mera arte da palavra, uma arte da vida.

NICOLAU II (nº 13): 5, jul. 88.

Samuel Guimarães da Costa, jornalista presidente do Conselho de Ética do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, entre outras atividades.

Publica: *Nós, jovens dos anos 40, cavando a vida;* quando comenta sobre a Academia Brasileira de Letras, sobre a geração de escritores da década de 45, a que presume ter pertencido, quando sentiram que a tarefa dessa geração não era escrever livros e fazer literatura - a menos que fosse uma literatura de protestos e de denúncia, entre outros fatos.

NICOLAU II (nº 14): 5, ago. 88.

Deonísio Silva, professor da Universidade de São Carlos e autor, entre outros, de *Exposição de motivos* (Nova Fronteira, 1976), *A mulher silenciosa* (Mercado Aberto, 1981).

Publica: *Nós desta faixa otária,* relembrando a vida cheia de perigos, dos anos 70 em Curitiba, sua estréia na literatura, as contradições e contravenções de um país sob a ditadura militar.

NICOLAU II (nº 15): 5, set. 88.

Rosana Bond e Márcia Marques, jornalistas.

Publicam: *Nós no Mato Grosso*, onde as jornalistas escritoras relatam sua estadia em Cuiabá, lado a lado, na Chapada dos Guimarães e no Pantanal.

NICOLAU II (nº 16): 5, out. 88.

Dimas Floriani, professor de Política na UFPR, técnico do Ipardes e membro da Casa Latino-Americana de Curitiba.

Publica: *Nós mudando de país como quem troca de sapatos*, o qual relembra a hecatombe política no Chile, em 1973, no governo de Salvador Allende, quando um golpe baixo de Estado abate a tentativa de transição ao socialismo, fato que presenciou ao vivo.

NICOLAU II (nº 17): 5, nov. 88.

Celina Alvetti, jornalista e crítica de teatro e cinema.

Publica: *Nós sob o céu de Berlim*, quando seleciona imagens e impressões de viagem que fez a Berlim, como a Grünewoche, uma feira do verde, que mistura decoração de jardins com venda de utensílios domésticos, mas tendo como atenção maior comidas típicas do mundo inteiro, e um festival de cinema.

NICOLAU II (nº 18): 5, des. 88.

José Augusto Ribeiro, jornalista e comentarista político do Jornal da Bandeirantes.

Publica: *Nós com o pé na profissão,* quando recorda momentos de sua vida profissional nas páginas da Tribuna do Paraná, por exemplo, que estava sendo lançado naquele tempo (em 1956), entre outros acontecimentos.

NICOLAU III (nº 28): 24, dez. 89.

Roberto Martins, professor, poeta, autor de *Bocas Lacradas* (1984), *Dito e Feito* (1987), *Coisas de Antes* (1988).

Publica: *Nós comendo o pó do norte,* onde faz uma reflexão sobre Maringá, sua colonização feita por Lord Inglês Lovat que, em 1924, contratou com o Governo do Estado a aquisição de 500.000 alqueires das melhores terras, originando cidades importantes como Londrina (1929), Rolândia (1932), Apucarana (1938) e Maringá (1947).

NICOLAU IV (nº 29): 16, jan. 90.

Ary Pararraios, palhaço e jornalista do Esquadrão da Vida e Vida Alternativa.

Publica: *Nós armando o circo em Berlim,* quando relata suas viagens com o Esquadrão da Vida em Berlim, flagrando a torre quebrada da igreja de Kaiser Wilhelm no Ku´Dam, plexo solar da cidade, o Europa Center, os punks, o Ka de

We, maior supermercado-loja de departamentos do mundo, entre outros fatos.

NICOLAU IV (nº 30): 27, fev. 90.

Eno Teodoro Wanke, poeta, autor de 370 títulos, entre os quais, *Nas minhas horas* (Ed. de Ouro, 1953), *Como fazer Trovas e Versos,* (Ed. de Ouro, 1986), entre outros .

Publica: *Nós trovando na corte,* quando faz um relato de sua vida, como estudante de engenharia em Curitiba, incorporando-se, anos mais tarde, ao movimento literário dos modernos trovadores, não só fazendo trovas, mas lutando pela causa trovista.

NICOLAU IV (nº 31): 24, mar. 90.

Eduardo José Daros, engenheiro e economista, fundador e presidente da Associação Brasileira de Pedestres, residente em São Paulo.

Publica: *Nós com os pés no chão,* quando relata como criou a Associação Brasileira de Pedestres - ABRASPE, que surgiu, não de um sonho, mas de vivências e experiências que demonstraram ser a vivência no trânsito o resultado de ações e omissões.

NICOLAU IV (nº 32): 10, abr. 90.

Estefano Ulandowski, advogado e ciclista profissional.

Publica: *Nós serra abaixo,* quando relata suas andanças pela serra do mar.

NICOLAU IV (nº 33): 25, maio, jun., jul. 90.

Toninho Martins Vaz, jornalista, curitibano, editor de textos e programas de esporte na Rede Globo.

Publica: *Nós na ilha de edição,* quando mostra o que pode ser feito numa "Ilha de edição".

NICOLAU IV (nº 34): 13, ago., set. 90.

Telmo Wambier, jornalista, vive no Rio desde 1968, repórter na Rádio Globo, chefe de reportagem do Jornal do Brasil, chefe de pauta da TV Globo, entre outras atividades.

Publica: *Nós ao pé da pauta,* quando relata porque escolheu ser jornalista, suas explicações sobre esta profissão e sobre as atividades de um repórter.

NICOLAU IV (nº 35): 23, out., nov. 90.

Manuel Wanbier, um dos pioneiros da televisão paranaense.

Publica: *Nós na corte dos Bernadotte,* quando faz um relato de viagem narrando suas façanhas como jornalista da Rádio Suécia, de Estocolmo e da Escandinávia.

NICOLAU IV (nº 36): 26, dez. 90/jan. 91.

Sérgio Rubens Sosséllа, poeta, ensaísta e ficcionista, com mais de cem livros publicados.

Publica: *Nós, de rabo-de-cavalo, julgando a vida*, quando narra as aventuras e desventuras de um magistrando pelo exterior paranaense.

NICOLAU IV (nº 37): 22, 23, fev., mar. 91.

Reinoldo Atem, do Piauí, é autor entre outras obras de *Urbe Urge* (poesia, 1982) e *1971* (novela 1978).

Publica: *Nós ao pé da lírica*, quando traz à tona os caminhos e descaminhos da poesia contemporânea paranaense.

NICOLAU V (nº 38): 20-22, abr., maio 91.

Mauro Alice, considerado um dos maiores montadores do cinema brasileiro.

Publica: *Nós na linha de montagem*, quando apresenta seqüências simuladas de montagens de filmes.

NICOLAU V (nº 39): 8, 9, jun., jul. 91.

Lucille Saporski, formada em jornalismo pela UFPR, autora, entre outros, dos livros *Saltimbancos em Montmartre* e *A Constelação atrás dos morros.*

Publica: *Nós sob o arco do triunfo*, quando relata suas andanças e peripécias pela França.

NICOLAU V (nº 41): 8, 9, out., nov. 91.

Elson Faxina, jornalista, roteirista de vídeo, autor, ator e diretor de teatro.

Publica: *Nós na linha do Equador*, quando relata o percurso por alguns lugares pitorescos da América Latina.

NICOLAU VI (nº 42): 26-28, mar., abr. 92.

Roberto Muggiati, editor, repórter na revista Manchete, tradutor de alguns livros de Henry Miller, Ian Flemming, entre outros.

Publica: *Nós em busca da província perdida*, quando traça um perfil da velha Curitiba cartorial, num texto que une o imaginário da música aos mecanismos imprevistos da saudade.

NICOLAU VI (nº 44): 10, 11, jul., ago. 92.

Caco de Paula, jornalista.

Laurentino Gomes, editor executivo de Veja - Regional.

Publicaram: *Nós com o pé na profissão*, quando relatam como selecionam eventos, gestos, falas, textos, acertos e erros na edições de Vejinhas regionais.

NICOLAU VI (nº 50): 12, 13, set., out. 93.

Toninho Vaz, foi repórter de "Isto é", editor de textos do Fantástico (Rede Globo).

Publica: *Nós em New Orleans*, crônica de uma cerimônia anunciada, quando em seu caderno de viagem, desvenda os segredos de New Orleans, cidade quando, segundo Louis Armstrong, a música torna a lua, em determinados instantes mais leve que o algodão.

DEPOIMENTOS: (Aspectos da experiência paranaense):

Quadro geral da seção

Esta seção se manteve fixa até o número 18, sendo interrompida e retomada no exemplar de número 28, continuando até o nº 50. A mesma abriu espaço para depoimentos sobre aspectos da experiência paranaense, tendo como título da matéria *Nós do Paraná* e quase sempre publicado na página 5 de cada exemplar.

Através de depoimentos, às vezes humaníssimos, os articulistas partilharam com os leitores suas experiências, como por exemplo a de Vera Biscaia Vianna Baptista[180], que acompanhou o marido quando exercia sua medicina na roça, erguendo no mato novas cidades humanas; a de Luís Felipe Ribeiro,[181] revelando realidades da *côrte* e depondo sobre a essencial e difícil profissão de professor, e assim por diante.

Em outros momentos, tais depoimentos registraram historicamente eventos como o ocorrido em 14 de março de 1968, em Curitiba, quando jovens do movimento estudantil se manifestaram violentamente contra o regime ditatorial do país lutando heroicamente com paus, pedras e estilingue, arrancando

---

[180] **Nicolau**, nº 9, p. 5
[181] **Nicolau**, nº 10, p. 5

os paralelepípedos, improvisando barricadas, entre outros procedimentos de ribeirão.

O jornalista Luis Manfredini testemunhou tal acontecimento contado *como é que foi e como é que era*, da mesma forma com que David Jansen fixou, através de uma foto (premiada) para sempre, a cena desconcertante[182].

Às vezes o enfoque dos depoimentos versava sobre relatos de aventuras, peripécias em viagens, como a das paranaenses Márcia Marques e Rosana Bond,[183] que desbravaram, a fundo, o Mato Grosso, descobrindo um pedaço do Brasil que deveria ser tombado como Patrimônio Natural da Humanidade.

Outros depoimentos eram sobre cidades paranaenses como as do sudoeste, conforme eram chamadas pelos órgãos do estado, ressaltando prêmios como o *Prêmio Nacional de Produtividade Rural* pela produção anual de soja, criação de aves e suínos, revelando, após os tempos de vacas magras, a prosperidade, ideais capazes de superar quaisquer obstáculos, perplexidades, incertezas, mostrando um território livre para a utopia, seguindo o *Avança Paraná*, slogan de campanha que se consolidou com o objetivo orientador a impulsionar toda a ação do Governo de Álvaro Dias (1987).[184]

Os demais relatos de experiências versaram sobre outros temas, mas sempre relevando valores paranaenses, como Denise

---

[182] **Nicolau**, nº 11, p. 5
[183] **Nicolau**, nº 15, p. 5
[184] **Nicolau**, nº 1, p.5

Stoklos, Dalton Trevisan e Paulo Leminski;[185] sobre Energia Elétrica,[186] um vetor de cultura; política, trazendo luzes sobre o fenômeno da crescente presença de paranaenses no Congresso Constituinte;[187] começo de vidas em solo paranaense, como José Paulo Paes, Deonísio da Silva, José Augusto Ribeiro;[188] Ilhas de Edição;[189] poesia paranaense contemporânea;[190] cinema,[191] falando sobre montagens de filmes, entre outros. Nos últimos exemplares de *Nicolau* tais experiências não foram mais relatadas, pois a seção foi extinta.

---

[185] **Nicolau**, nº 3, 5, p.5
[186] **Nicolau**, nº 4, p. 5
[187] **Nicolau**, nº 5, p. 5
[188] **Nicolau**, nº 12, p. 5
[189] **Nicolau**, nº 33, p. 25
[190] **Nicolau**, nº 37, p. 22, 23
[191] **Nicolau**, nº 38, p. 20 a 22

CAPÍTULO VII

POESIA

Não há cultura sem poesia, porque não há linguagem sem poesia, e não há cultura sem linguagem.

(Luis Dolhnikoff - *Nicolau* II, nº 18).

SING

ai-kai

ácido
cidade
a-

huva íntima

Jma chuva é íntima:
e o homem a vê de uma parede escurecida
e moscas;
e aparecem besouros nas folhagens;
e as lagartixas se fixam nos espelhos;
e as cigarras se perdem de amor pelas árvores;
o escuro se umedeça de nosso corpo.

rinoceronte

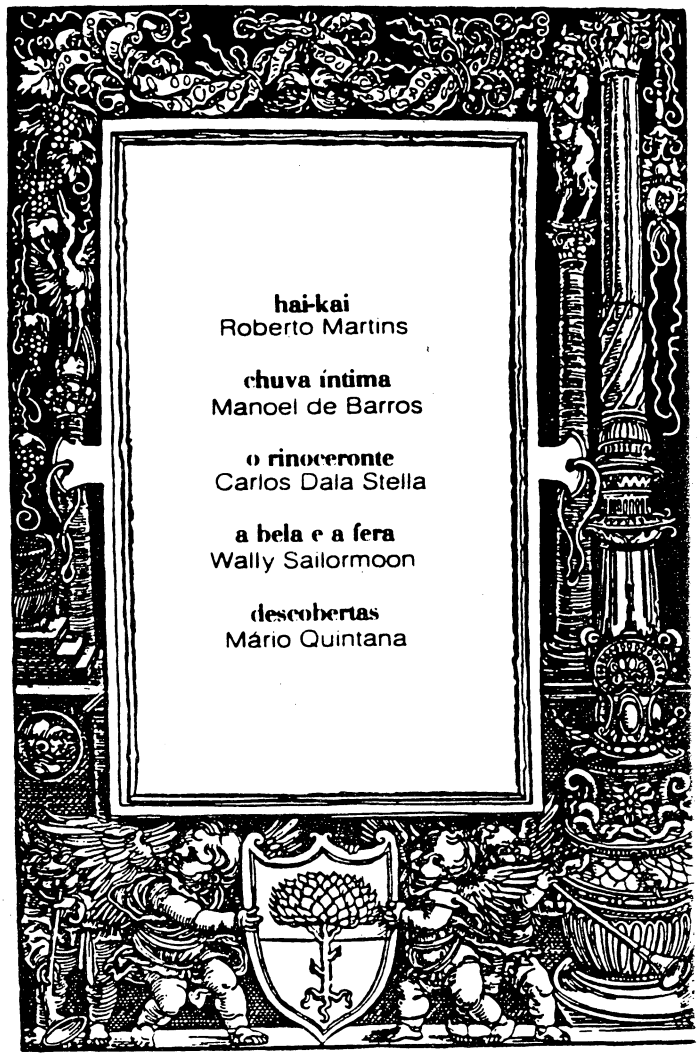
obre o navio
o horizonte — sobre a água
ejo o que vem vindo
– meu rinoceronte
ngalonado sobre as patas
idiculamente investido
o seu peso — contra
madeirame
ontra o alinho do horizonte

bela e a fera

nquanto minha guitarra chora
Jm galo de quintal
sa cortada, crista vermelha
iberta seu canto lá fora
'ocê parece uma dama
Jue carece de acalanto
Durma, bela adormecida, durma
Com semelhante barulho
não acorde tão cedo
'ego o cabo da tesoura
corto o fio do nosso enredo
O galo cantou, o dia raiou
Jm flash perverso clareou minha tela
'ire seu sorriso do caminho
'ire sua costela da reta
Do meu dicionário
Casa quer dizer corte de asa
Do meu aurélio
Casa rima com apagar a brasa
'orta aberta, encruzilhada, linha torta, estrada enviesada
Eu, Lúcifer, tonto de luz, anjo lúcido
'refiro pedra dura de beira de rio
A sua cama fofa, seu travesseiro macio
Oh meu conto de fada, minha bela adormecida.

descobertas

Descobrir continentes é tão fácil
como esbarrar com um elefante:
Poeta é o que encontra uma moedinha perdida...



ULAR

HÃO

/elho)
..
É

s a chegar à CIDADE

ta:

: perdida
nidala).

as...

ido

azul
ias

seu bico
ind.

itos.
o alaúde:

os delicados

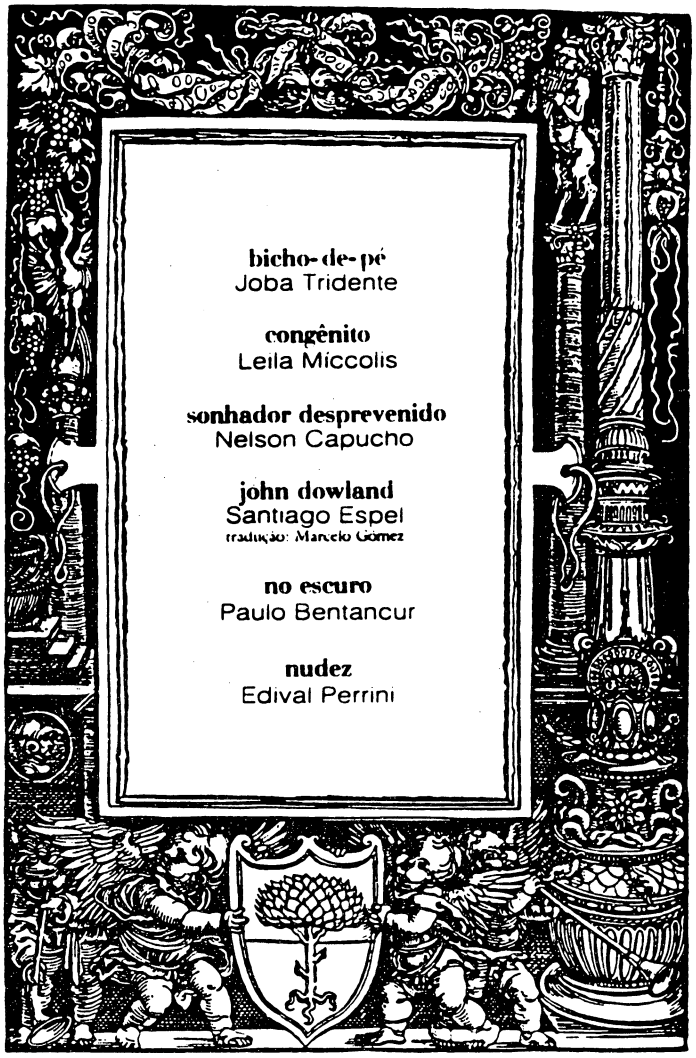
lizível

ohn Dowland.

salvam. Mas no escuro,
do para nos proteger,
do trem-fantasma.
junto,
im brinquedo.
sa. De noite

nudez

Exata
em solidão de areia
a cadeira sonha assentar sereias



POESIA: ÍNDICE ALFABÉTICO DE AUTORES

ALVETTI, Celina; Marcos Pereira. I (nº 4): 14, 15, out. 87.

ÁVILA, Carlos. *Hai-Kais*. IV (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

ALVINO, Francisco. *Plural*. IV (nº 35): 20, 21, out., nov. 90.

AMÂNCIO, Moacir. *Teoria e prática do ornitorrinco*. II (nº 16): 4, out. 88.

ANTUNES, Arnaldo. *Psia*. I (nº 10): 9, abr. 88.

———, III (nº 25): 3, jul. 89.

Autor de *Psia* (S. Paulo), *Expressão* (1987) e integrante do grupo de rock Titãs.

ASSUNÇÃO, Ademir. *Roteiros, roteiros, roteiros*. I (nº 7): 5, jan. 88.

———, *Alvo*. I (nº 11): 9, maio 88.

ATEM, Reinoldo. *O ofício das águas*. I (nº 8): 28, fev. 88.

AZEVEDO, Carlos Alberto. *Tumulto*. V (nº 41): 28, set., out. 91.

BACK, Sylvio. *Inadvertência*. I (nº 7): 8, jan. 88.

———, *Juntando os cacos. Desmapa do vôo. Al medio día de mi vida*. II (nº 14): 28, ago. 88.

———, *Tríptico curitibano*. IV (nº 32): 8, 9, abr. 90.

BAPTISTA, Josely Vianna. *Vá pro espaço*. I (nº 9): 21, mar. 88.

Vá pro espaço é uma letra musicada por João Carlos de Carvalho, o "Bandera".

———, III (nº 25): 22, jul. 89.

Homenagem a Paulo Leminski.

———, II (nº 17): 28, nov. 88.

BARNABÉ, Arrigo. *Lástima*. III (nº 23): 19, maio 89.

BARROS, Manoel de. *Bestejo, Chuva íntima, O grelo*. I (nº 10): 21, abr. 88.

Autor de: *Poemas concebidos sem pecado* (1937); *Face imóvel* (1942); *Poesias* (1956); *Compêndio para uso dos*

pássaros (1961); *Gramática expositiva do chão* (1966); *Matéria de poesia* (1975); *Arranjos para assobio* (1982) e *Livro de pré-coisas* (1985). Os três poemas inéditos farão parte do livro *Dicionário do ordinário*.

———, *O Peixe-Cachorro*. IV (nº 33): 9, maio, jun., jul. 90.

———, *Hai -kais*. II (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

———, *Páginas. 13,15 e 16 dos 29 Escritos para Conhecimentos do Chão através de São Francisco de Assis*. III (nº 23): 6, maio 89.

———, *Chuva íntima*. IV (nº 36): 12, dez. 90/jan.91.

BELL, Lindolf. *Logogrifo*. V (nº 40): 29, ago., set. 91.

BENGUI, Carlos Antônio. *Ausência*. V (nº 41): 28, set., out. 91.

BENTACUR, Paulo. *No escuro*. IV (nº 36): 13, dez. 90/jan. 91.

BOND, Cesar. *Faças as contas*. I (nº 2): 4, ago. 87.

———, *Frágil*. V (nº 41): 28, set., out. 91.

BONVICINO, Régis. III (nº 25): 22, jul. 89.

Homenagem a Paulo Leminski.

BORTOLOTTO, Mário. *Magic Paula*. V (nº 37): 10, fev., mar. 91.

BOTTMAN, Denise. *Lunar Lowry, Eliot em Sonho, Parco Abstrato, Matéria*. III (nº 27): 28, set., out., nov. 89.

BRAND, Jaques Mário. *Semiótica. Anábases, Steppenwolf, Noites Aleph, Odisséia, XIV, 457, Divisa /Al/Mutanabi*. III (nº 21): 28, mar. 89.

BRÜGGMANN, Fábio. *Trama*. V (nº 39): 29, jun., jul. 91

BUENO, Wilson. *Morte provisória*. I (nº 7), 10, jan. 88.

Os poemas seguem a temática erótica, sugerida na página por um texto de Paulo Leminski.

———, *Leminskaia*. III (nº 25): 23, jul. 89.

———, *Pequeno tratado de brinquedo*. VIII (55): 19-21, set., out. 94.

Seleção e apresentação: Alice Ruiz.

———, *Eros Ahasverus*. IV (nº 32): 28, abr. 90.

———, *Miguel Bakun*. III (nº 22): 23, abr. 89.

BUSS, Alcides. *Jóia, jóia*. V (nº 40): 29, ago., set. 91.

CAMÕES, *Soneto 91*. VII (nº 52): 32, mar., abr. 94.

CAMPOS, Haroldo de. *Celebração do Poeta Leminski* .III (nº 25): 23, jul. 89.

———, *pré-haicai (para marsicano)*. II (nº 13): 17, jul. 88.

CARDOSO, Alberto. *Secedendo*. I (nº 7): 10, jan. 88.

Os poemas seguem a temática erótica, sugerida na página por um texto de Paulo Leminski.

———, *Retorno*. I (nº 9): 9, mar. 88.

Alberto Cardoso, poeta, dono de bar, é autor de Poenau (Feira do Poeta, Fundação Cultural de Curitiba 1986.)

———, *Poeriferia*. IV (nº 29): 28, jan. 90.

———, *Andanças*. V (nº 37): 11, fev., mar. 91.

———, IV (nº 29): 28, jan.90.

CAPINAN, José Carlos. *Rua 57. Capinan.* I (nº 7): 23, jan. 88.

Poema manifesto, o poeta se detém na busca das lições da tragédia em Goiânia em 23 de setembro de 1987, data da revelação do césio.

CAPUCHO, Nelson .*Beira mar.* I (nº 7): 10, jan. 88.

Os poemas seguem a temática erótica, sugerida na página por um texto de Paulo Leminski.

———, *Sonhador desprevenido.* IV (nº 36): 13, dez. 90/jan. 91.

———, *Vampiro. Setembro. Fotogramas.* II (nº 16): 28, out. 88.

CASTRO, Marize. *Take de outubro.* V (nº 38): 26, abr., maio 91.

CESAR, Ana Cristina. *Este Livro.* V (nº 38): 26, abr., maio, 91.

CHACAL. *Hai-kais.* IV (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

DIAS, Rogério. VI (nº 42): 32, mar., abr. 92.

Destaque Paraná.

DINIZ, Tânia. *Luas*. V (nº 38): 26, abr., maio 91.

DOWLAND, John. Santiago Espel. IV (nº 36): 13, dez. 90/jan. 91.

Traduzido por Marcelo Gómez.

DUARTE, Otávio. I (nº 5): 17, nov. 87.

FARIA, Hamilton. III (nº 23): 19, maio 89.

FERNANDES, Millôr. V (nº 37): 27, fev., mar. 91.

———, *Hai-Kais*. IV (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

FILHO, Armando Freitas. *Em 1962*. IV (nº 33): 9, maio, jun., jul. 90.

FILHO, Leontino. *Tanka*. V (nº 39): 29, jun., jul. 91.

FILHO, Rubens Rodrigo Torres. *Cá entre Nós*. III (nº 23): 19, maio 89.

GUIMARÃES, Rossana. *Rosa e Pedra*. II (nº 16): 17, out. 88.

GULLAR, Ferreira. *Além da Metáfora*. I (nº 8): 13, fev. 88.

HOFFMANN, Eduardo. *Tom Viver Rasantes.* IV (nº 36): 32, dez. 90/jan. 91.

HILST, Hilda. *Da noite.* V (nº 38), 27 abr., maio 91.

IAMAGAMI, Edgar. *Zin.* V (nº 37): 11, fev., mar. 91.

———, IV (nº 31): 28, mar. 90.

IVO, Lêdo. *A Cobrança.* IV (nº 33): 8, maio, jun., jul. 90.

JOLY, Rita. *Trapos ingleses.* V (nº 39): 29, jun., jul. 91.

JORGE, Gilberto José. *Rién/Tudo.* I (nº 11): 9, maio 88.

KARL, Fernando. *Movimento Antiquo.* V (nº 37): 10, fev., mar. 91.

KOLODY, Helena. *Figo da Índia.* I (nº 7): 10, jan. 88.

Os poemas seguem a temática erótica, sugerida na página por um texto de Paulo Leminski: "Sexo oral, Beijo, Respiração boca a boca."

———, *Instante, Transfiguração.* I (nº 3): 28, set. 88.

———, *Nós*. III (nº 23): 19, maio 89.

———, *Prisão, Fio d'água, Segredo, A espera, Lua crescente, Tempo será, Bailarina, Vôo Cego, Não era isso, Tankas inéditos, Pirilampo, Paisagem marinha, Aquarela, Caixinha de música*. VI (nº 46): 12, 13, nov., dez. 92.

———, *Plural*. IV (nº 35): 20, 21, out., nov. 90.

———, *Espelhismo*. V (nº 37): 11, fev., mar. 91.

———, *Rosas de Inverno*. V (nº 38): 26. abr., maio.91.

KONDERA, Jandyra. *Abalo Sísmico*. V (nº 37): 10, fev., mar. 91.

KUCHENBECKER, Pena. *Hai-Kais*. VI (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

LEDUSHA, *Hai-Kais*. VI (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

LEITE, Sebastião, Uchôa. *Neto, João Cabral de Mello: Ainda a Sevilhana que não se sabia, A Paz, Retrato de Sevilhana*. VI (nº 43): 12, 13, maio, jun. 92.

Destaque nacional.

LEMINSKI, Paulo. *John e Ioko.* I (nº 7): 10, jan. 88.

Os poemas seguem a temática erótica, sugerida na página por um texto de Paulo Leminski: "Sexo oral, Beijo, Respiração boca a boca."

———, III (nº 25): 8, jul. 89.

Design: Geraldo Leão.

Música: João Bandeira.

Arranjo: Nahin Narun F.

———, *O que Passou, passou?* IV (nº 33): 32, maio, jun., jul. 90.

———, *Poemas do livro: La vie em close.* III (nº 25): 12, 13, jul. 89.

———, *Desarranjos Florais.* I (nº 2): 28, ago. 87.

———, *Plural.* IV (nº 35): 20, 21, out., nov. 90.

LOMBARDI, Bruna. *Preciso esquecer o cara.* V (nº 38): 26, abr., maio 91.

LOPES, Garcia Rodrigo. *Secedendo.* I (nº 7): 10, jan. 88.

Os poemas seguem a temática erótica, sugerida na página por um texto de Paulo Leminski: "Sexo oral, Beijo, Respiração boca a boca."

———, *Cerejas, Pathos, Plath; Schönbrunn.* III (nº 19): 28, jan. 89.

Desenho de Laura Miranda.

———, *Solarium,* VI (nº 51): 19-22, nov., dez. 93.

Poemas: *Outras praias,* Evening Viena, *Sedona, Solarium; América # 3, Fanums, Elucidário.*

LOSNAK, Marcos. *No Cardoso, um Diário.* I (nº 11): 24, maio 88.

LUNA, Bia de. III (nº 23): 18, maio, 89.

MACIEL, Gerson, *Gênese.* V (nº 37): 10, fev., mar. 91.

MANOEL, Marise. *Marise Mane-Louise.* I (nº 9): 28, mar. 88.

———, III (nº 23): 19, maio 89.

———, *A guia em Manuel Bandeira.* V (nº 38): 27, abr., maio 91.

MARTINS, Roberto. *Hai-Kai.* IV (nº 36): 12, dez. 90/jan. 91.

MARTINS, Silvana. *Água de mina.* V (nº 38): 27, abr., maio 91.

MASSI, Augusto. *Plural.* IV (nº 35): 20, 21, out., nov. 90.

MANSUR, Guilherme. *Oratório para o luto da poesia.* III (nº 25): 28, jul. 89.

Homenagem a Paulo Leminski.

———, *Hai-Kais.* IV (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

MARCELLINO, Walmor. *Ode a Miguel Bakun.* III (nº 22): 3, abr. 89.

MATTOSO, Glauco. *Plural.* IV (nº 35): 20, 21, out., nov. 90.

MENDONÇA, Maurício Arruda. II (nº 22): 28, abr. 89.

MICCOLIS, Leila. *Congênito.* IV (nº 36): 13, dez. 90/jan. 91.

———, *Biodança.* V(nº 38): 26, abr., maio 91.

MILANO, Dante. *Imagem, Metamorfose, Gruta, Glória Morta, O bêbedo.* VI (nº 48): 32, maio, jun. 93.

MONTEIRO, Nilson. *Negra*. I (nº 11): 28, maio 88.

———, *Cio*. V (nº 37): 11, fev., mar. 91.

MOORE, Marianne. *Fragment, fragmento (tradução Wilson Bueno)*. V (nº 38): 27, abr., maio 91.

MOTTA, Pascoal. *No Alto*. V (nº 39): 29, jun., jul. 91.

NADYEGE, *Hai-kais*. IV (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

NETO, João Cabral de Melo. *É de Mais o Símile*. I (nº 12): 11, jun. 88.

NETO, Silveira. *Pórtico*. III (nº 24): 16, 17, jun. 89.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. *A história*. V (nº 41): 28, set., out. 91.

OLIVEIRA, Marly. *Sobre um tema de Mallarmé*. IV (nº 33): 8, maio, jun., jul. 90.

PAES, José Paulo. *Novo mundo*. IV (nº 35): 31, out., nov. 90.

PINTO, Sérgio de Castro. *Plural.* IV (nº 35): 20, 21, out., nov. 90.

PIOLLA, Gilmar. *Hai kais.* IV (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

PIRES, Delores. *Hai kais.* IV (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

PELLEGRINI, Bernardo. *Lensol.* V (nº 37): 10, fev., mar. 91.

PELLEGRINI, Domingos, *Obrigado, Povo.* I (nº 7): 13, jan. 88.

Oferece aos leitores esta letra à procura de uma música. "De um cantar que leve os males e enleve". (remeter partituras para o *Nicolau.*)

———, III (nº 25): 22, jul. 89.

Homenagem a Paulo Leminski.

———, *DA separação.* IV (nº 33): 8, maio, jun., jul. 90.

———, *Auto-Usina, Valsa do Charco ou o Baile da Flor, A Sombra do teu sorriso,* III (nº 23): 28, maio 89.

PERNETA, Emiliano. *Vencidos, O enigma.* III (nº 24): 16, 17, jun. 89.

PERRINI, Edival. *Nudez*. IV (nº 36): 13, dez. 90/ jan. 91.

PINHEIRO, Neuza. III (nº 23): 18, maio 89.

PRADO, Adélia. *Plural*. IV (nº 35): 20, 21, out., nov. 90.

———, *Um jeito*. V (nº 38): 26, abr., maio. 91.

PRADO, Marcos. *Plural*. IV (nº 35): 20, 21, out., nov. 90.

PRADO, Roberto. Prado, Marcos e Viralobos, Sérgio. *Prados e Viralobos*, I (nº 3): 17, set. 87.

Se é assim, de Roberto Prado, *O homem de ferro*!, letra de música de Marcos Prado e Sérgio Viralobos.

———, *Mantra*. V (nº 37): 10, fev., mar., 91.

———, *Linha Morta, Rima posta, Enkuanto o paraíso não vem, Por puro faro, Espelho meu, Destróia*. IV (nº 30): 28, fev. 90.

PUPPI, Alberto. I (nº 7) 10, jan. 88.

Os poemas seguem a temática erótica, sugerida na página por um texto de Paulo Leminski: "Sexo oral, Beijo, Respiração boca a boca."

———, I (nº 10): 13, abr. 88.

———, II (nº 18): 28, dez. 88.

Design: Geraldo Leão.

QUADROS, Elisa Campos de. *Os Galegos*. VI (nº 50): 8, 9, set., out. 93.

Poetas selecionados: Manoel Maia, *1929- Galícia.

Xavier Baixeras, * 1945.

Xavier Seoane *1954

Pilar Pallarés * 1957

Hela Arias *1962 Desman

(acompanha texto crítico dos poemas).

QUINTANA, Mário. *Passatempos noturnos (caderno H')*. II (nº 18): 13, dez. 88.

———, *O Menino Louro, Trecho de Diário, Feia, Tão Lenta e Serena e Bela, O dia seguinte ao do amor, Noturno arrabaleiro, De repente, Numismática, As mãos de meu pai e Terra*. VII (nº 54): 22, 23, jul., ago. 94.

———, *Poema*. V (nº 40): 29, ago., set. 91.

———, *Descobertas*. IV (nº 36): 12, dez. 90/jan. 91.

RADTKE, Eulália Maria. *Plural.* IV (nº 35): 20, 21, out., nov. 90.

RIBEIRO, Ari. *Hai-kais.* IV (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

RIBEIRO, Eduardo. *Sucedendo.* I (nº 7): 10, jan. 88.

Os poemas seguem a temática erótica, sugerida na página por um texto de Paulo Leminski. "Sexo oral, Beijo, Respiração boca a boca."

———, II (nº 15): 25, set. 88.

RUIZ, Alice. *Meu templo.* I (nº 3): 24 set. 88.

———, I (nº 7): 10, jan. 88.

Os poemas seguem a temática erótica, sugerida na página por um texto de Paulo Leminski: "Sexo oral, Beijo, Respiração boca a boca."

———, *Luz.* V (nº 38): 27, abr., maio, 91.

SAILORMOON, Wally. *A Bela e a fera.* IV (nº 36): 12, dez. 90/jan. 91.

SAVARY, Olga. *Hai-kais.* IV (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet.* VI (nº 44): 32, jul., ago. 92.

SIMÕES, João Manoel. *Nem esse, nem aquele: Este.* I (nº 6): 18, dez. 88.

———, *Interstício, Orla, Poemeto.* III (nº 28): 28, dez. 89.

———, III (nº 23): 18, maio 89.

———, *Flauta, apenas flauta.* IV (nº 33): 9, maio, jun., jul. 90.

SNEGE, Jamil. *Púnica ave.* I (nº 7): 28, jan. 88.

———, *Poema para quando me vejam.* III (nº 14): 4, ago. 88.

———, *Rainha.* I (nº 5): 8, nov. 87.

———, *Estou vomitando você, meu bem.* I (nº 1): 8, jul. 87.

———, *Senhor.* IV (nº 34): 32, ago., set. 90.

SOSSÉLLA, Sérgio Rubens. *O Invólucro da amnésia.* I (nº 1): 13, jul. 87.

———, *Sangrada Família.* I (nº 6): 28, dez. 87.

———, *Não adianta: Bakun não mais lê jornais.* III (nº 22): 3, abr. 88.

SOUSÂNDRADE. *Mina (1858).* VI (nº 45): 32, set., out. 92.

STASIAK, Mário. I (nº 2): 17, ago. 87.

Cantar d'o amigo para Paulo Trompozynski.

———, *Auto-Usina, Valsa do Charco ou O Baile da Flor. A sombra do teu Sorriso.* III (nº 23): 28, maio 89.

———, *A Gênese do canto de seu concreto.* IV (nº 33): 9, maio, jun., jul. 90.

STELLA, Carlos Dala. *O rinoceronte.* IV (nº 36): 12, dez. 90/jan. 91.

TERRA, Marcos. *Imã.* V (nº 37): 11, fev., mar., 91.

TREVISAN, Armindo. *Sorriso.* V (nº 40): 29, ago., set. 91.

TRIDENTE, Joba. *Bicho-de-pé*. IV (nº 36): 13, dez. 90/jan. 91.

WOJCIECHOWSKI, Antônio Tadeu. *Que loucura*. IV (nº 33): 8, maio, jun., jul. 90.

VELLOZO, Dario. *Palingenesia, Flor de Cactus, Sob a estola da morte*. III (nº 24): 16, 17, jun. 89.

VENTURELLI, Paulo. *Manhã navegante*. II (nº 23): 18, maio 89.

———, *Hai-kais*. IV (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

VIRALOBOS, Sérgio. *Memória*. V (nº 37): 11, fev., mar. 91.

XAVIER, Valêncio. *Negros negros*. I (nº 11): 15, maio 88.

POESIA: ÍNDICE DE AUTORES SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (n° 1): 8, jul. 87. *Estou vomitando você, meu bem.*

Poeta: Jamil Snege, autor de *Tempo Sujo* (1967), *A mulher Aranha* (1972), entre outros.

Apresenta um poema com versos longos, dramáticos, surrealizantes e eróticos.

NICOLAU I (n° 1): 13, jul. 87. *O Invólucro da amnésia.*

Poeta: Sérgio Rubens Sosséllа, autor de 71 livros, livretos e volantes.

Apresenta os poemas: *Depois de uma semana no paraíso; Auto (Cine) biografia (i), tanto faz como tanto dá; Auto (cine) biografia (ii), para as más línguas, álbum fotográfico, destinação, Ernani Reichman.*

São na maioria poemas curtos, como quadrinhas, dísticos e laudatórios como *Ernani Reichman*, feito em louvor ao filósofo e amigo morto naquela ocasião.

NICOLAU I (n° 2): 4, ago. 87. *Faças as contas.*

Poeta: Cesar Bond, contista, publicitário, autor de *As mulheres são todas* (1987), entre outras publicações.

Apresenta um poema longo (12 estrofes), com versos dramáticos e erotizantes.

NICOLAU I (nº 2): 17, ago. 87. *Cantar d'o amigo para Paulo Trompozynski.*

Poeta: Mário Stasiak, autor de *Auto-de-fé Ocidental* (1968).

Apresenta um poema longo, simulando uma cantiga de amigo, à moda dos trovadores da Idade Média, dirigindo-se ao seu amigo.

NICOLAU I (nº 2): 28, ago. 87. *Vertigo Ver te comigo.* (desarranjos florais).

Poeta: Paulo Leminski, poeta paranaense, autor de *Catatau,* entre outros.

Apresenta 3 haicais, cuja mensagem profunda e filosófica é dita de forma sintética.

NICOLAU I (nº 3): 17, set. 87. *Prados & Viralobos,*

Poetas: Roberto Prado, Sérgio Viralobos, letristas dos grupos "Beijo AA Força" e "Ídolos de Matinée".

Apresentaram 2 poemas: *Se é assim* (Roberto Prado) e o *Homem de ferro*! (Letra de música) de Marcos Prado & Sérgio Viralobos..

NICOLAU I (nº 3): 24, set. 87. *Azar.*

Poeta: Alice Ruiz (Haikaisista paranaense).

Apresenta *Meu Templo*, poema que ilustra a reportagem de Fernanda Andrade registrando o incêndio do Instituto Neo-Pitagórico, fundado em 1909 pelo poeta e professor Dario Vellozo.

NICOLAU I (nº 3): 28, set. 87. *Instante, Transfiguração* e outros poemas sem títulos.

Poeta: Helena Kolody, poeta paranaense.

NICOLAU I (nº 4): 14, 15, out. 87. *Marcos Pereira.*

Poeta: Celina Alvetti. Seu poema ilustra as fotografias de Marcos Pereira, que tenta "Aprisionar num instante o sentido de arte numa fotografia".

NICOLAU I (nº 5): 8, nov. 87. *Rainha*

Poeta: Jamil Snege, autor de *Tempo Sujo (1967)*, entre outros.

Apresenta *Rainha*, poema longo, acerca da mulher, descrevendo-a de uma forma obscena, escatológica, repleto de expressões, ditos, sobre as vísceras humanas.

NICOLAU I (nº 5): 17, nov. 87.

Poeta: Otávio Duarte, escritor, video-maker, em Campo Mourão, autor de *Alice (1982)* e *Voticiário dos Heróis* (1985).

Apresenta um poema sem título, erótico e desta forma se referindo ao amor sexual, lúbrico, lascivo, licencioso.

NICOLAU I (nº 5): 28, nov. 87.

Poeta Alice Ruiz.

Apresenta 2 poemas curtos, o segundo no estilo Haicai, micropoema japonês de 17 sílabas.

NICOLAU I (nº 6): 18, dez. 87. *Nem esse, nem aquele: este.*

Poeta: João Manuel Simões, ensaísta, contista, autor de mais de 30 livros, entre os quais: *Suma poética* (1979).

Apresenta *Nem esse, nem aquele: este,* poema metalingüístico, onde aparece a agudeza crítica do poeta, consciente das dificuldades com o tratamento da matéria-bruta, a palavra.

NICOLAU I (nº 6): 28, dez, 87. *Sangrada Família.*

Poeta: Sérgio Rubens Sosséla.

Apresenta poema longo intertextual, estabelecendo um diálogo com o texto bíblico.

NICOLAU I (nº 7): 10, 11, jan. 88.

Poetas:

Paulo Leminski, *Johń e Ioko.*

Eduardo Ribeiro.

Alice Ruiz.

Alberto Puppi.

Wilson Bueno.

Alberto Cardoso. *Secedendo.*

Garcia Rodrigo Lopes.

Helena Kolody.

Nelson Capucho, *Beira Mar.*

Neste exemplar a poesia teve um lugar privilegiado, os poetas amorosos reunidos em uma "plúrima erótica", apresentaram seus poemas, antecedidos por um texto de Leminski, explicando onde a pornografia beira os limites do máximo da imaginação, da qual, como fantasia erótica, é dimensão fundamental da vida humana.

NICOLAU I (n° 7): 5, jan. 88. *Roteiros, roteiros, roteiros*

Poeta: Ademir Assunção.

NICOLAU I (n° 7): 28, jan. 88. *Ave Púnica.*

Poeta: Jamil Snege.

Apresenta um poema longo, com a temática erótica e escatológica.

NICOLAU I (n° 7): 13, jan. 88. *Obrigado, Povo.*

Poeta: Domingos Pellegrini, autor de *O Homem Vermelho,* (1965) entre outros.

Apresenta o poema, à procura de uma música, de um cantar que leve os males e enleve. (remeter partituras para o *Nicolau*.)

NICOLAU I (n° 7): 8, jan. 88. *Inadvertência.*

Poeta: Sylvio Back - cineasta e poeta, *Inadvertência* faz parte de seu novo livro de poemas, *moedas de luz* (1987), apresentando característica metalingüística e erótica.

NICOLAU I (n° 7): 23, jan. 88. *Rua 57 - Capinan.*

Poeta: José Carlos Capinan, letrista e compositor, autor de *Ponteio, Soy loco por ti América,* entre outras composições feitas em parcerias.

Apresenta um poema manifesto, e que lembra o episódio da tragédia em Goiânia em 23 de setembro de 1987, data da revelação do césio.

NICOLAU I (n° 8): 13, fev. 88. *Além da Metáfora.*

Poeta: Ferreira Gullar, autor entre outros livros de *A luta corporal* (1954), *Poema Sujo* (1976).

Apresenta um poema participante dando relevo ao esforço construtivo, à invenção do poema, noticiando a morte do homem quase anônimo.

NICOLAU I (n° 8): 28, fev. 88. *O ofício das águas.*

Poeta: Reinoldo Atem.

NICOLAU I (nº 9): 9, mar. 88. *Retorno*

Poeta: Alberto Cardoso, autor de *Poenau* (1986) e participou de algumas antologias: *Coletânea da Casa,* entre outros.

Apresenta um poema memorialista, relatando fatos da vida cotidiana do poeta que deixa São Paulo, e volta para Morretes, onde nasceu.

(Feira do Poeta, Fundação Cultural de Curitiba, 1986.)

NICOLAU I (nº 9): 21, mar. 88. *Vá pro espaço.*

Poeta: Josely Vianna Baptista, tradutora (O Paradiso, de Lezama Lima). O poema é uma letra musicada por João Carlos de Carvalho, o "Bandera".

Apresenta características dos concretistas, que assumiram o primeiro plano, verbal e visual em relação ao material significante.

NICOLAU I (nº 9): 28, mar. 88. *Marise Manoel-Louise.*

Poeta: Marise Manoel.

Apresenta um poema metalingüístico.

NICOLAU I (nº 10): 9, abr. 88. *Psia.*

Poeta: Arnaldo Antunes, autor de *Psia* (1987), e integrante do Grupo de Rock Titãs.

NICOLAU I (nº 10): 13, abr. 88.

Poeta: Alberto Puppi

Apresenta um poema concreto explorando as semelhanças sonoras, (paranomásia).

NICOLAU I (nº 10): 15, abr. 88.

Poeta: Paulo Leminski.

Seu poema ilustra as fotos de Helmuth Wagner, que fixa instantes em imagens permanentes.

NICOLAU I (nº 10): 21, abr. 88. *Bestejo, Chuva íntima, O grelo.*

Poeta: Manoel de Barros. autor de: *Poemas concebidos sem pecado* (1937); *Face imóvel* (1942); *Poesias* (1956); *Compêndio para uso dos pássaros* (1961); *Gramática expositiva do chão* (1966); *Matéria de poesia* (1975); *Arranjos para assobio* (1982) e *Livro de pré-coisas* (1985). Os três poemas inéditos farão parte do livro *Dicionário do ordinário.*

Para o poeta, a linguagem poética não é reflexo, mas criação de um universo.

O rio, as árvores, os pássaros, os peixes, o barro, os frutos, os moluscos, chegam ao leitor através dos cinco sentidos.

NICOLAU I (nº 11): 9, maio 88. *Rien/Tudo/Alvo.*

Poetas: Ademir Assunção, (poeta e jornalista), *Alvo.*

Gilberto José Jorge: editor da Agráfica (1987), *Rien Tudo,* poemas que exploram as semelhanças sonoras (paranomásias).

NICOLAU I (nº 11): 15, maio 88. *Negros negros.*

Poeta: Valêncio Xavier.

Seu poema ilustra as fotos de Izabel Liviski. Obs.: Os poemas deste exemplar, homenageiam o negro maio do centenário da abolição da escravatura.

NICOLAU. I (nº 11): 24 maio 88. *No Cardoso, um Diário.*

Poeta: Rodrigo Garcia Lopes.

Poemas feitos na ilha do Cardoso, São Paulo, janeiro de 88.

NICOLAU I (nº 11): 28, maio 88. *Negra.*

Poeta: Nilson Monteiro.

NICOLAU I (nº 12): 11, jun. 88. *É de Mais, o Símile.*

Poeta: João Cabral de Melo Neto.

Autor de vários livros de poemas, entre eles, *Pedra do Sono*. (1942) *Psicologia da composição* (1947) e outros.

Neste poema percebe-se o convívio com a região castelhana dos homens de pão escasso.

NICOLAU II (n° 13): 17, jul. 88. *pré-haicai (para marsicano).*

Poeta: Haroldo de Campos.

Poema prefácio para a coletânea de haicais de Alberto Marsicano, com apoio da Fundação Japão, em São Paulo.

NICOLAU II (n° 14): 28, ago. 88. *Juntando os cacos, Desmapa do vôo, Al medio día de mi vida, A voz do dono, Filmes.*

Poeta: Sylvio Back.

Apresenta 5 poemas curtos, alguns com características dos poemas haicais dos japoneses.

NICOLAU II (n° 14): 4, ago. 88. *Poema para quando me vejam.*

Poeta: Jamil Snege.

Autor de *Tempo Sujo* (1967), entre outros. Poema erótico e escatológico.

NICOLAU II (n° 15): 25, set. 88.

Poeta: Eduardo Ribeiro, videomaker e artista plástico, autor dos independentes *Meto os pés pelas mãos* (1981), entre outros.

Poemas subjetivos (neoromânticos), imposição do "eu" do artista à realidade, pois esta é captada pelo prisma pessoal do poeta.

NICOLAU II (nº 16): 4, out. 88. *Teoria e prática do ornitorrinco.*

Poeta: Moacir Amâncio.

Jornalista e autor de *Estação dos confundidos* (Símbolo), entre outros.

NICOLAU II (nº 16): 17, out. 88. *Rosa e Pedra*

Poeta: Rossana Guimarães, performer.

Apresenta o texto-desenho em filigrana, fragmento da obra em progresso *Rosa e Pedra,* iniciada em 1983 sob a forma de um caderno poético.

NICOLAU II (nº 16): 28, out. 88. *Vampiro, Setembro. Fotogramas.*

Poeta: Nelson Capucho.

Apresenta 4 poemas, alguns com características surrealistas.

NICOLAU II (n° 17): 28, nov. 88.

Poeta: Josely Vianna Baptista, tradutora.

Apresenta 5 poemas, explorando a musicalidade através da aliteração.

NICOLAU II (n°18): 13, nov. 88.

Poeta: Mário Quintana.

Apresenta *Conto, Diálogo de esquina, Maturidade, A memória e as memórias, O significado, Antigamente e Agora, Mapa secreto.*

NICOLAU II (n° 18): 28, dez. 88.

Poeta: Alberto Puppi.

Design: Geraldo Leão.

NICOLAU II (n° 19): 28, jan. 89. *Constelações de boogie-Woogie, Metrópoles Translúcidas, Geometria mental, Nuances.*

Poeta: Rodrigo Garcia Lopes,

Desenho de Laura Miranda.

Apresenta *Pathos, Plath, Schönbrunn* e mais dois poemas sem título.

NICOLAU III (n° 20): 28, fev. 89. *Interstício, Orla e Poemeto.*

Poeta: João Manuel Simões.

NICOLAU III (nº 21): 28, mar. 89.

Poeta: Jaques Mário Brand. *Semiótica. Anábases, Steppenwolf, Noites Aleph, Odisséia, XIV, 457, Divisa /Al/Mutanabi.*

Apresenta poemas para recordar Roland Barthes, à memória de H. Hesse, entre outros.

NICOLAU II (nº 21): 4, 5 mar. 89.

Jamil Snege, *O jardim das coníferas".*

NICOLAU III (nº 22): 23, abr. 89. *Miguel Bakun.*

Poetas:

Walmor Marcellino, *Ode a Miguel Bakun.*

Wilson Bueno, *Miguel Bakun.*

Sérgio Rubens Sosséla, *não adianta bakun não mais lê jornais.*

Três poetas homenageiam a passagem do pintor em Curitiba.

Ilustração: retrato de Potty e caricatura de Juarez Machado sobre Miguel Bakun.

NICOLAU III (nº 22): 28, abr. 89. *Bêbada Beatriz.*

Poeta: Maurício Arruda Mendonça.

Apresenta poemas concretos; ilustração de Terezinha Meneghel.

NICOLAU II (nº 23): 28, maio 89.

Poeta: Mário Stasiak, *Auto-Usina, Valsa do Charco ou O Baile da Flor, A sombra do teu Sorriso.*

NICOLAU III (nº 23): 6, maio 89.

Poeta: Manoel de Barros. *Páginas. 13,15 e 16 dos 29 Escritos para Conhecimentos do Chão através de São Francisco de Assis.*

A condição humana é a mesma da pedra, da ostra, da árvore, do caracol, e o homem (poeta) iguala-se ao mineral, ao vegetal, ao animal, identificando-se a São Francisco.

NICOLAU III (nº 23): 18, maio 89. *Amorosa.*

Poetas:

Neuzza Pinheiro.

João Manuel Simões.

Bia de Luna.

Paulo Venturelli: *Manhã navegante.*

Marise Manoel.

Arrigo Barnabé: *Lástima.*

Rubens Rodrigo Torres Filho: *Cá entre Nós.*

Helena Kolody: *Nós.*

Hamilton Faria.

NICOLAU III (nº 24): 16, 17, jun. 89. *Ilha da Poesia Simbolista no Paraná.*

Poetas:

Emiliano Perneta, *Vencidos (O Enigna).*

Dario Vellozo, *Palingenesia, Flor de Cactus.*

Silveira Neto: *Pórtico.*

Fragmento de texto inédito de Paulo Leminski despindo a experiência sígnica dos simbolistas.

NICOLAU III (nº 25): 28, jul. 89.

Guilherme Mansur. *Oratório para o luto da poesia.*

Homenagem a Paulo Leminski.

NICOLAU III (nº 25): 8, jul. 89. *Paulo Leminski.*

Design: Geraldo Leão.

Música: João Bandeira.

Arranjo: Nahin Narum F.

Neste número especial sobre Paulo Leminski, *Nicolau* faz uma vista aérea de sua poesia.

NICOLAU III (nº 25): 3, jul. 89. *Poesia.*

Poeta: Arnaldo Antunes, poeta, músico, autor de *Psia* (1987), integrante do grupo de Rock Titãs.

NICOLAU III (nº 25): 12, 13, jul. 89.

Poeta: Paulo Leminski. *Poemas do livro: La vie em close.* Apresenta poemas do livro inédito *La vie em close*, *Sintoma para pressa* e *presságio*, Ímpar ou Ímpar, In Honore Ordinis Sancti Benedicti, e outros.

NICOLAU III (nº 25): 22, jul. 89.

Poetas:

Domingos Pellegrini - Homenagem a Paulo Leminski.

Josely Vianna Baptista - Homenagem a Paulo Leminski.

Wilson Bueno.

Sylvio Back (*Leminskaia*).

Todos os poemas foram elaborados para homenagear Paulo Leminski.

NICOLAU. III (nº 27): 28, set., out., nov. 89. *Lunar Lowry, Eliot em sonho, Parco abstrato, Matéria.*

Poeta: Denise Bottman.

NICOLAU IV (nº 29): 28, jan. 90.

Poeta: Alberto Cardoso.

Apresenta poemas metalingüísticos e com neologismos.

NICOLAU IV (nº 30): 28, fev. 90. *Linha Morta, Rima posta, Enkuanto o paraíso não vem, Por puro faro, Espelho meu, Destróia.*

Poeta; Roberto Prado.

Apresenta poemas experimentalistas com desvio da gramática oficial em relação à ortografia.

NICOLAU IV (n° 31): 28, mar. 90.

Poeta: Edgar Iamagami.

Apresenta seis poemas curtos, alguns com características do haicai, poema japonês com 17 sílabas.

NICOLAU IV (n° 32): 8, 9, abr. 90. *Tríptico curitibano.*

Poeta: Sylvio Back, cineasta, escritor e roteirista.

Apresenta quatro poemas em homenagem a Mário Furtado, jornalista, escritor que morreu afogado em circunstâncias nebulosas; à Boca Maldita, ponto de encontro de políticos no centro de Curitiba; ao bar Felácio antigo reduto boêmio da classe média curitibana; a Bakun (Miguel), pintor "maldito" do Paraná, e à Maria Bueno, doméstica brutalmente assassinada em Curitiba.

NICOLAU IV (n° 32): 28, abr. 90. *Eros Ahasverus.*

Poeta: Wilson Bueno.

Apresenta um poema metalingüístico, erótico e escatológico.

NICOLAU IV (nº 33): 32, maio, jun., jul. 90. *O que passou, passou?*

Poeta: Paulo Leminski.

NICOLAU. IV (nº 33): 8, maio, jun., jul. 90.

Poetas:

Domingos Pellegrini, *Da separação.*

Marly Oliveira, *Sobre um tema de Mallarmé.*

Manoel de Barros, *O Peixe-Cachorro.*

Lêdo Ivo, *A Cobrança.*

Armando Freitas Filho, *Em 1962.*

Mário Stasiak, *A Gênese do canto de seu concreto.*

Antônio Tadeu Wojciechowski, *Que loucura.*

João Manoel Simões, *Flauta, apenas flauta.*

NICOLAU IV (nº 34): 32, ago., set. 90. *Senhor.*

Poeta: Jamil Snege.

NICOLAU IV (nº 34): 22, 23, ago., set. 90.

Poetas:

Delores Pires: *Beija-Flor.*

Paulo Venturelli: *Viagem absoluta.*

Olga Savary: *orgasmos.*

Gilmar Piolla: *Saltos.*

Ledusha: *Dica.*

Ari Ribeiro.

Millôr Fernandes.

Manoel de Barros.

Chacal.

Carlos Ávila.

Pena Kuchenbecker.

Guilherme Mansur.

Nadyegge.

Apresentam poemas em forma de haicai, poema japonês com 17 sílabas.

NICOLAU IV (n° 35): 31, out., nov. 90. *Mundo Novo.*

José Paulo Paes.

NICOLAU IV (n° 35): 20, 21, out., nov. 90. *Plural.*

Poetas:

Sérgio de Castro Pinto: *Geração 60.*

Adélia Prado: *A treva.*

Marcos Prado: *O que amar e o que detestar.*

Paulo Leminski, *Lápide I, Epitáfio para o corpo; Lápide II, Epitáfio para a alma.*

Helena Kolody: *Grafite.*

Glauco Mattoso.

Augusto Massi: *Pequena estética.*

Francisco Alvino: *O servo da Gleba.*

Eulália Maria Radtke: *Atemporais-in.*

Nove poetas versam sobre o tema da passagem do tempo.

NICOLAU IV (nº 36): 12, dez. 90/jan. 91. *Singular.*

Poetas:

Mário Quintana: *Descobertas.*

Carlos Dala Stella: *O rinoceronte.*

Wally Sailormoon: *A Bela e a Fera.*

Joba Tridente: *Bicho-de-pé.*

Manoel de Barros*: Chuva íntima.*

Paulo Bentacur: *No escuro.*

Santiago Espel (trad. Marcelo Gómez) John Dowland.

Traduzido por Marcelo Gómez.

Roberto Martins: *Hai Kai.*

Leila Míccolis: *Congênito.*

Nelson Capucho: *Sonhador desprevenido.*

Edival Perrini: *Nudez.*

NICOLAU IV (nº 36): 32, dez. 90/jan. 91. *Tom Viver/ Rasantes.*

Poeta: Eduardo Hoffmann.

Poema em homenagem a Tom Jobim.

NICOLAU V (nº 37): 11, fev., mar. 91. *Paraná.*

Poetas:

Alberto Cardoso: *Andanças.*

Bernardo Pellegrini: *Lensol.*

Roberto Prado: *Mantra.*

Mário Bortolotto: *Magic Paula.*

Gerson Maciel: *Gênese.*

Nilson Monteiro: *Cio.*

Jandyra Kondera: *Abalo Sísmico.*

Helena Kolody: *Espelhismo.*

Edgar Iamagami: *Zin.*

Fernando Karl: *Movimento Antiquo.*

Marcos Terra: *Imã.*

Sérgio Viralobos: *Memória.*

Doze poetas tecem seus versos sob os mais variados temas.

NICOLAU V (nº 37): 27, fev., mar. 91. *Humor enquanto emoção.*

Poeta:

Millôr Fernandes, tradutor, teatrólogo e desenhista.

Apresenta 4 haicais - poema japonês com 17 sílabas.

NICOLAU V (nº 38): 26, abr., maio. 91. *Mulheres.*

Poetas:

Adélia Prado: *Um jeito.*

Alice Ruiz: *Luz.*

Hilda Hilst: *Da noite.*

Helena Kolody: *Rosas de Inverno.*

Tânia Diniz: *Luas.*

Marise Manoel: *A guia em Manuel Bandeira.*

Leila Miccolis: *Biodança.*

Silvana Martins: *Àgua de mina.*

Marianne Moore: Fragment, fragmento (tradução Wilson Bueno).

Marize Castro: *Take de outubro.*

Ana Cristina César: *Este Livro.*

Bruna Lombardi: *Preciso esquecer o cara.*

Doze artistas tecem seus versos sob os mais variados temas.

NICOLAU V (nº 39): 29, jun., jul. 91. *Quadrante.*

Poetas:

Leontino Filho: CE. *Tanka.*

Rita Joly (PR): *Trapos ingleses.*

Pascoal Motta (MG): *No Alto.*

Fábio Brüggmann (SC): *Trama.*

Quatro poetas de vários estados tecem seus versos sob variados temas.

NICOLAU V (nº 40): 29, ago., set. 91. *Quadrante.*

Poetas:

Mário Quintana (RS): *Poema.*

Lindolf Bell (SC): *Logogrifo VI.*

Alcides Buss (SC): *Jóia, jóia.*

Armindo Trevisan (RS): *Sorriso.*

Quatro poetas de vários estados tecem seus versos sob variados temas.

NICOLAU V (nº 41): 28, set., out. 91. *Quadrante.*

Poetas:

Cesar Bond (Curitiba, Brasil): *Frágil.*

Carlos Alberto Azevedo (Berlim, Alemanha): *Tumulto.*

Carlos Antônio Bengui (Uíge, Angola): *Ausência.*

Vera Lúcia de Oliveira (Peruggia, Itália): *A história.*

Quatro poetas internacionais tecem seus versos sob variados temas.

NICOLAU VI (nº 42): 32, mar., abr. 92.

Poeta Rogério Dias - Destaque Paraná (Capa).

NICOLAU VI (nº 43): 12, 13, maio, jun. 92. *A Paz, Retrato de Sevilhana - o sol negro e o sol luz e Ainda a Sevilhana que não se sabia.*

João Cabral de Melo Neto.

Texto crítico: Sebastião Uchôa Leite.

Apresenta o maior poeta vivo do Brasil, em três momentos de lâmina só luz.

Destaque nacional.

NICOLAU VI (n° 44): 32, jul., ago. 92. *Hamlet.*

William Shakespeare.

NICOLAU VI (n° 45): 32, set., out. 92. *Mina (1858).*

Sousândrade.

NICOLAU VI (n° 46): 12, 13, nov., dez. 92).

Poeta: Helena Kolody.

Poemas: *Prisão (Paisagem interior - 1941), Fio d'água (Música Submersa - 1945), Segredo (A sombra do Rio - 1951), A espera (Vida Breve 1964), Lua crescente (Era espacial - 1966), Tempo será (Tempo - 1970), Bailarina (Infinito Presente) - 1980), Vôo Cego (Sempre Palavra - 1985), Não era isso (Poesia mínima - 1986),* Dez poemas, retirados de seus vários livros publicados.

E ainda:

Tankas inéditos:

Pirilampo; Paisagem marinha; Aquarela; Caixinha de música.

NICOLAU VI (n° 47): 22, 23, mar., abr. 93. *A distraída do Alentejo.*

Poeta: Florbela Espanca.

Poemas: *Amar, Volúpia, A morte, Fanatismo.*

NICOLAU VI (n° 48): 32, maio, jun. 93.

Poeta: Dante Milano (1899 - 1991).

Poemas: *Imagem, Metamorfose, Gruta, Glória morta, O bêbedo.*

NICOLAU VI (n° 50): 8, 9, set., out. 93. *Os galgos.*

Elisa Campos de Quadros, *Os Galegos.*

Poetas selecionados: Manoel Maia, *1929- *Galícia.*

Xavier Baixeras, * 1945.

Xavier Seoane *1954.

Pilar Pallarés * 1957.

Bela Arias *1962: *Desman.*

(acompanha texto crítico dos poemas).

Cinco poetas galegos deste século - selecionados pela pesquisadora Teresa Barreiro - "trazem à tona a sintaxe de idioma que ensinou a outros povos da Espanha a ciência do amor e a graça da palavra."

NICOLAU VI (n° 51): 19-22, nov., dez. 93. *Solarium.*

Poeta: Garcia Rodrigo Lopes.

Poemas: *Outras praias, Evening Viena, Sedoma, Solarium; América # 3, Fanums, Elaudário.*

NICOLAU VII (n° 52): 32, mar., abr. 94. *Soneto 91.*

Poeta: CAMÕES.

NICOLAU VII (nº 54): 22, 23, jul., ago. 94.

Poeta:

Mário Quintana: *O Menino Louco, Trecho de Diário, Tão lenta e serena e bela, O dia seguinte ao do amor, Noturno arrabaleiro, De repente, Numismática, As mãos de meu pai e Terra.*

NICOLAU VIII (nº 55): 19-21, set., out. 94. *Pequeno tratado de brinquedo.*

Poeta:

Wilson Bueno: *Lápis de Cor, Exatidão, Jardim Selvagem, Senda, Trem para Ourinhos, Adeuses, Direção, Sol e Chuva, Achados e Perdidos, Fotografia, Pesadelos e The End.*

Seleção e apresentação: Alice Ruiz.

POESIA: Quadro geral da seção

O gênero lírico foi intensamente privilegiado pelo *Nicolau* como se pode observar pela publicação de inúmeros poemas em suas 55 edições.

Já nos primeiros números, está registrada a participação de dois ou três poetas em cada exemplar, de preferência paranaenses, como Jamil Snege, Sérgio Rubens Sosséla, Mario Stasiak, Paulo Leminski, Roberto Prado, Helena Kolody, Celina Alvetti, Alice Ruiz, João Manuel Simões, Domingos Pellegrini, Sylvio Back, entre outros. E, a partir do nº 33, o número de participantes aumenta, seguindo uma temática previamente escolhida como *PoétiKa*[192], *Hai-Kai*[193], *Plural*[194], *Singular*[195], *Mulheres*[196], *Amorosa*[197]. Nos exemplares subseqüentes ao nº 38, a sessão passa a se intitular, *Quadrante,* até o nº 41. Nos demais, *Nicolau* homenageia poetas consagrados, como Helena Kolody, Sousândrade, Mário Quintana e outros. Também cinco poetas galegos como Manuel Maria, Xavier Baixeras, Pillar Pallarés e Xela Arias tiveram seu espaço no periódico cultural. A última página foi destinada à publicação de *Destaques Paranaenses* como Rogério Dias, entre outros.

---

[192] **Nicolau**, nº 33
[193] **Nicolau**, nº 34
[194] **Nicolau**, nº 35
[195] **Nicolau**, nº 36
[196] **Nicolau**, nº 38
[197] **Nicolau**, nº 23

Com relação aos procedimentos nota-se que muitos poetas optaram pela lírica encomiástica, escrevendo poemas laudatórios, de poesias de circunstância (festas, homenagem, fatos corriqueiros), para homenagear amigos, falecidos ou não, como se pode observar no poema *Ernani Reichman*, de Sérgio Rubens Sosséla[198]; também Mário Stasiak[199], que escreveu *Cartas D'Amigo para Paulo Trompczynski*, simulando uma cantiga d'amigo à moda dos trovadores da Idade Média; já Alice Ruiz[200], ilustrou a reportagem de Fernanda Andrade, registrando o incêndio do Instituto Neopitagórico, fundado em 1909, pelo poeta e professor Dario Vellozo; e Celina Alvetti[201], ilustrou com um poema as fotografias de Marcos Pereira, ambos tentando "aprisionar num instante o sentido da arte numa fotografia"; na realidade, não se trata de ilustração decorativa, mas de textos intrinsecamente vinculados ao processo fotográfico, fornecendo, assim, uma co-formação no nível lingüístico, solidária à mensagem icônica desse mesmo texto visual (fotografia); e Paulo Leminski[202], que também ilustrou as fotos de Helmuth Wagner, fixando em instantes imagens permanentes; Valêncio Xavier[203] fez, da mesma forma, com as fotos de Isabel Liviski, uma homenagem ao negro maio do centenário da abolição

---

198 **Nicolau**, nº 1
199 **Nicolau**, nº 2
200 **Nicolau**, nº 3
201 **Nicolau**, nº 4
202 **Nicolau**, nº 10
203 **Nicolau**, nº 10

da escravatura; e Jaques Mário Brand[204], que apresentou poemas para recordar Roland Barthes, à memória de H. Hesse; também Walmor Marcellino[205], Wilson Bueno[206] e Sérgio Rubens Sosséla[207], homenagearam a passagem do pintor (maldito), Miguel Bakum, por Curitiba; e Josely Vianna Baptista[208], Domingos Pellegrini[209], Régis Bonviceno[210], Wilson Bueno[211] e Sylvio Back[212], escreveram poemas para saudar e homenagear Paulo Leminski, falecido em 1989, uma voz presente na poesia brasileira das mais recentes décadas; Sylvio Back[213], apresentou poemas, um em homenagem a Mauri Furtado, jornalista que morreu afogado em circunstâncias nebulosas, outro, à Boca Maldita, ponto de encontro dos políticos, localizado no centro de Curitiba, um terceiro, ao Bar Felácio, antigo reduto boêmio da classe média curitibana, e um quarto, à Maria Bueno, doméstica brutalmente assassinada em Curitiba e cultuada até hoje como fazedora de milagres e de aparições para os que a veneram; o próprio Paulo Leminski[214], homenageou John Lenon e Ioko com o poema *John e Ioko*.

Outros poetas escolheram o haicai para expressarem sua arte.

---

[204] **Nicolau**, nº 20
[205] **Nicolau**, nº 25
[206] **Nicolau**, nº 25
[207] **Nicolau**, nº 25
[208] **Nicolau**, nº 25
[209] **Nicolau**, nº 25
[210] **Nicolau**, nº 25
[211] **Nicolau**, nº 25
[212] **Nicolau**, nº 32
[213] **Nicolau**, nº 7
[214] **Nicolau**, nº 25

O haicai é um poema de origem japonesa que tem como objetivo perceber a realidade através de uma síntese, não apenas na forma poética, como também na maneira peculiar com que se percebe a natureza. Ele tem, em japonês, aproximadamente, o ritmo 5-7-5, dezessete sons, difícil de mensurar, pois a língua japonesa não possui o sistema silabal e, além disso, ignora a rima; aprofunda-se no tratamento dos temas da natureza, das estações do ano, sendo, portanto, um exercício de observação e de aperfeiçoamento, e a arte poética ajuda a alcançar o satori, êxtase ou iluminação, dentro dos preceitos zen-budistas de esvaziamento do eu pessoal, através da projeção nos objetos descritos na poesia ou personificação da natureza.

No entanto, os poetas não escreveram sobre as passagens das estações, nem falaram da paz, da natureza, nem tampouco seguiram a medida 5-7-5, apresentando seus poemas sem qualquer significado oculto.

Paulo Leminski, por exemplo, foi um seguidor da leitura concretista ou da "leitura técnica da impregnação visual do haicai". Exemplo disto pode-se observar no livro *La vie en close*[215], de poemas inéditos, cuja poesia enfatiza a crise do "eu" romântico, autocentrado numa busca esotérica de sentido para a vida. Também, Helena Kolody[216], outra pioneira na prática do haicai, escritora paranaense desde 1941, com vários

---

[215] **Nicolau**, nº 25
[216] **Nicolau**, nº 7 e 3

livros publicados (*Música Submersa, Trilha Sonora, Infinito Presente, Sempre Palavra,* entre outros), se mostrou a alquimista, mergulhando na essência do fazer lírico e tendo como grande centro temático de suas produções, a natureza, cujas paisagens e ritos ancestrais soube recriar com emoção e rigor; além dos haicais, também publicou[217], tankas inéditos como *Pirilampejo, Paisagem Marinha, Aquarela, Caixinha de Música.*

O tanka, juntamente com o waka, o renga e o haiku, são formas poéticas isoladas entre o shi, poema longo escrito à moda chinesa.

Delores Pires, Paulo Venturelli, Guilherme Mansur, Ari Ribeiro, Carlos Ávila, Nadygge e Pena Kuchenbecker[218], entre outros, também se aventuraram a fazer haicais. Vê-se antes a prática do senrju ou haicai humorístico como por exemplo:

> *poetas por estas plagas*
> *como boi da cara preta*
> *em tempo de vacas magras.* (Pena Kuchenbeker)[219]

Poucos se aproximaram do verdadeiro haicai, mas escreveram poemas semelhantes a um chiste, com toda a insuspeitada associação de idéias, oriunda do inconsciente:

> *vista do quarto*
> *de tanta pedra*
> *quase me quartzo.* (Guilherme Mansur)[220]

---

[217] **Nicolau**, nº 46
[218] **Nicolau**, nº 34
[219] **Nicolau**, nº 34

A poeta paranaense, Alice Ruiz[221], também está presente no *Nicolau*, com sua forma extremamente concisa e simples de poetar:

o ai
quando o filho
cai[222]

em que aparece o trocadilho com haicai, "jogando com brevidade e exatidão".

Como se pode observar, esta prática de fazer poemas, o haicai, foi largamente explorada nas páginas do *Nicolau*, pois, ser "haicaisista" significava pertencer a um clube seleto e intelectual, recuperando, assim, uma forma poética social, uma vez que o haicai denota uma mudança compreensível da vanguarda revolucionária para uma posição de equilíbrio dialético que oscila entre o concretismo e a tecnologia industrial.

Por outro lado, também muitos poetas presentes nas páginas do *Nicolau* pautaram seus textos no erotismo, com a finalidade de montar textualmente o espetáculo erótico, tecendo de mil maneiras as relações significativas que o configuram. É o que se pode observar, por exemplo, em: Jamil Snege[223], autor de *Tempo Sujo*, *A mulher Aranha*, entre outros. No poema apresentado, *Estou vomitando você, meu bem*, os versos

---

[220] **Nicolau**, nº 5
[221] **Nicolau**, nº 7
[222] **Nicolau**, nº 7
[223] **Nicolau**, nº 1

"Vomito o gozo dessas noites de pêlos e cheiros, de espasmos e fluidos, de marcas de lesmas sobre a pele", remetem o leitor a uma cena erótica e escatológica.

O mesmo acontece com Otávio Duarte[224] se referindo ao amor sensual, lúdico, lascivo, *aquele amar tão puro não o era / sem gosto e sem pecado sem incenso.*[225]

Também, partindo da temática sugerida através do título *Erótica*, vários poetas como Alberto Puppi, Helena Kolody, Alice Ruiz, Rodrigo Garcia Lopes, Alberto Cardoso, Eduardo Ribeiro, Wilson Bueno[226] tecem seus poemas.

Para Paulo Leminski, em poesia

> o oral é erótico e erótico é o oral. Durante o ato sexual, não acendemos semáforos sinal verde, sinal vermelho: amar é de olhos fechados mas dizemos coisas boca no ouvido. Nascemos para dizer e ouvir essas palavras nem que seja no papel.[227]

Este procedimento talvez se explique a propósito de causas aparentemente distintas: por "uma necessidade urgente e louca de no amor nos amarmos" ou pelo desempenho da indústria cultural ou, também, porque o assunto é universal e recorrente em todos os lugares e momentos históricos.

Portanto, segundo alguns teóricos, a explicação pela busca constante do erotismo pode ser encontrada em cada uma dessas causas, em seu conjunto, ou em outras tantas,

---

[224] **Nicolau**, nº 6, p.18
[225] **Nicolau**, nº 6, p. 18
[226] **Nicolau**, nº 9, p. 28
[227] **Nicolau**, nº 7, p. 10

explícitas e implícitas. O que realmente se deve levar em conta é o fato de *Nicolau* presentear os leitores com páginas inquietadoras, pois, segundo Roland Barthes, o erotismo é apenas uma fala porque as práticas só podem ser codificadas se conhecidas, isto é, faladas."[228] Os poemas eróticos enunciam apenas desejos, preâmbulos, contextos, sublimações ambíguas, de sorte que, para o leitor, o erotismo não pode ser definido a não ser por uma fala perpetuamente alusiva, e, neste aspecto, eles foram perfeitos.

Outro procedimento recorrente em alguns poemas publicados foi a busca do metapoema. Desta forma, correspondendo a uma verdadeira crise da linguagem, os poetas voltaram suas produções, cada vez mais, sobre seu próprio ser, observando-se uma verdadeira explosão da metalinguagem. Esta tomada de posição nada idealista, nada romântica da criação poética, revela um trabalho em que se pode observar uma liberdade absoluta de pesquisa e criação, além de uma responsabilidade definida perante a linguagem.

Leiam-se os fragmentos de João Manuel Simões:

> Nem esse, nem aquele: Este
> Quero este poema claro,
> sem circunlóquios, sem ambigüidade
> Direto, simples, puro
> Nem doce, nem amaro
> Suculento. Tal qual fruto maduro.[229]

---

[228] **Nicolau**, nº 30, p. 28
[229] **Nicolau**, nº 11

Observe-se que o poeta age, impulsionado por uma função metalingüística. A criação poética, voltada para a estrutura mesma da mensagem, revela um enfoque crítico do próprio ato de poetar.

Outros exemplos:

> Sempre achei que poema e o poetar
> coisa difícil
> de rimar.[230] (Sylvio Back)
>
> Reescrevo a palavra dada
> E verso à força de no plural
> Exercitá-la
> Escrevo no extremo acesso
> Da palavra nada.[231] (Marise Manuel)
>
> Ou ainda:
>
> Quando começo um poema
> Tropeço nas palavras
> Tanto
> Quanto uma camponesa
> de salto
> Alto
> no asfalto.[232] (Alberto Cardoso)

Tal processo coloca o poema em xeque, na busca de novas possibilidades de fabricação do poético pela busca e experimentação de novos rumos. A ocorrência da função metalingüística como processo de reflexão sobre o próprio código não é algo novo na linguagem poética. Pode-se rastrear muitas referências, em poetas dos mais diferentes estilos de época. No *Nicolau* as ocorrências metalingüísticas manifestaram-se no enunciado poético sob a forma de alusões ao processo criador.

---

[230] **Nicolau**, nº 8
[231] **Nicolau**, nº 10
[232] **Nicolau**, nº 23

Outros poetas, como Roberto Prado,[233] tomando a linguagem "como o campo onde a insatisfação se opera em si, contesta-a na procura de novos procedimentos." Desta forma escreve seus poemas, fugindo à convenção no que se refere à forma de representação gráfica dos sons, como se pode observar bem característico em: "enkosta a tua Kabesinha no meu ombro e xora."[234] Busca uma língua natural, pois o falar é tão natural para os seres humanos, como o são o olfato, a visão e o paladar. Busca, portanto, representar essa capacidade de falar de modo como o fazemos que singulariza o homem de todos os outros animais. Segundo Dinals Callou e Jonne Lut "É comum, ao falarmos sobre a linguagem, ter como ponto de referência a língua escrita. A linguagem é primordialmente uma atividade oral."[235] E o poeta, motivado por uma vontade de ser original, apanha a fala popular em estado bruto e a transcreve foneticamente.

Nicolau, além de acolher seus poetas - Alice Ruiz, Helena Kolody, Paulo Leminski, entre outros - recepciona poetas consagrados como João Cabral de Melo Neto,[236] com sua poesia alto padrão, instaurando novo critério estético, o rigor semântico, o forte de sua modernidade; ele representa o agudo senso de medida, sem excesso ou derramamentos, numa espécie de despoetização do poema, no sentido de aliviá-lo do pesado

---

[233] **Nicolau**, nº 33
[234] **Nicolau**, nº 34
[235] **Iniciação à Fonética e à Fonologia**, Coleção Letras, p. 13
[236] **Nicolau**, nº 36

fardo da retórica ou do sentimentalismo; este poeta influenciou toda uma geração e continua sendo a voz mais sonora de todo o modernismo.

Ferreira Gullar,[237] abrindo caminho para a afirmação da poesia concreta no Brasil, optou por uma poesia participante, sejam quais forem os temas que ele trabalha, noticiando a morte do homem quase anônimo.

Manuel de Barros,[238] tão solicitado no *Nicolau* quanto Mário Quintana, teve sua produção poética rastreada por Marilene Weinhardt, salientando tons autobiográficos, agilidade no uso da língua, poeta familiarizado com os processos modernistas, trabalhando com versos longos até chegar ao limite da fusão com a prosa.

Haroldo de Campos,[239] pertencente ao grupo de base da poesia concreta, ou concretismo, que se impõe a partir de 1956 mais viva e atuante da vanguarda estética brasileira, também está nas páginas de *Nicolau*.

Mario Quintana[240], poeta que ocupa lugar específico nos quadros da modernidade brasileira, considerado o poeta das coisas simples, do cotidiano banal, com traços surrealistas, falando diretamente aos ouvidos do leitor em voz baixa, sussurrante, se tornou uma das expressões mais límpidas da poesia brasileira.

---

[237] **Nicolau**, nº 38
[238] **Nicolau**, nº 18
[239] **Nicolau**, nº 40
[240] **Nicolau**, nº 54

Portanto, a produção poética que desfilou nas páginas do *Nicolau*, como poemas modernos e contemporâneos, usou:

> toda a força da inventividade numa transgressão criativa e significativa que resultou numa 'arte poética' não em termos de efeito, como na acepção dos parnasianos, mas enquanto uma definição em termos de estrutura. Uma vez que a linguagem de arte já não conseguia falar ao mundo contemporâneo, a poesia buscou a linguagem capaz de adequar-se a esse novo tempo da era cibernética. Nesse sentido cumpre ressaltar o valor da experimentação, operação por intermédio da qual os artistas perseguiram formas novas, na busca de uma linguagem condizente com o aqui e o agora, e adequadas à expressão de sua visão de mundo.[241]

[241] GUIMARÃES, Denise A.D. **Algumas considerações sobre a poesia de invenção no Paraná.** Revista Letras, 1083

CAPÍTULO VIII

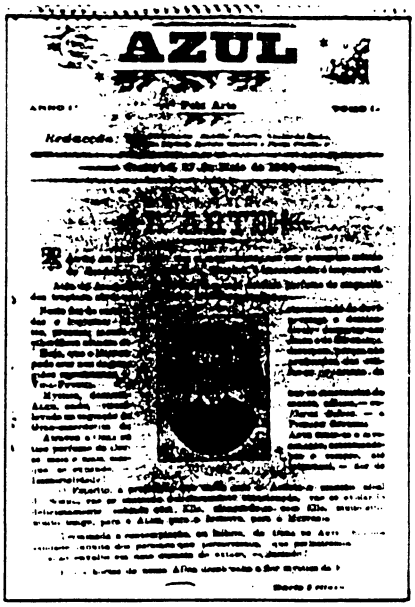
CRÍTICA LITERÁRIA

A crítica é uma atividade literária analogicamente tão criadora como a poesia ou a prosa de ficção.

(Afrânio Coutinho).

A SEDUÇÃO PELO ESOTÉRICO E PELO OCULTO NA POESIA DE DARIO VELLOZO

CASSIANA LACERDA CAROLLO



Revista Azul — homenagem a Dario Vellozo.

Tout chose sacré
et qui veut demeurer sacré s'enveloppe
de mystère. Mallarmé

As relações entre poesia-sagrado-mistério situam-se na gênese do ato poético.

No entanto, tais relações passam a ser correntes na segunda metade do século XIX, quando os termos esoterismo e ocultismo são empregados como parte da reação à concepção tecno-analítica do mundo.

Ao processo de materialização desencadeado pela revolução industrial seguem-se os apelos para os poderes obscuros de tradições perdidas, para a poesia dos ritos e mistérios, dos símbolos, signos e números.

O interesse pela Magia, Cabala, Alquimia, Rosa Cruz, Pitagorismo, na Europa finissecular, demonstra que mesmo a Maçonaria não seduz apenas nas atividades políticas. Face ao Grande Oriente voltairiano e livre-pensador, a iniciação maçônica inspirada nos mistérios antigos desperta atenção.

Reagindo ao espírito científico do método dedutivo, o esoterismo e o ocultismo constituem uma opção pelas revelações da intuição, por serem doutrina que se alimentam nos poderes criadores do homem.

Forma de reação, o esoterismo e o ocultismo seduziram Baudelaire, Nerval, Villiers L'Isle Adam, Huysmans, Mallarmé, Rimbaud e outros simbolistas, também por serem ao mesmo tempo místicos e misteriosos, científicos e revolucionários.

À poesia que amava contornos nítidos, certezas plásticas e se inspirava no imediato, seguem-se visões incandescentes, músicas das esferas e uma aspiração orientada pela ambição do homem de completar a criação divina por sua própria criação.

Convém não esquecer que o ocultismo e o esoterismo prevêem o lado de doutrina precisa, e que o místico e o mistério não supõem uma adesão ao dogma revelado, mas uma conquista de realidades novas.

Daí porque o pitagorismo, por exemplo, em suas relações mais longínquas com a tradição, apresenta um desenvolvimento que vai do irracionalismo místico para o racionalismo ético. Donde, ao caráter irracional e misterioso, segue-se uma visão lógica dos fatos.

Esta dupla relação do esoterismo e ocultismo — entendido o primeiro como atividade de um saber adquirido e o segundo como "um conjunto de doutrinas e de práticas fundadas na teoria das correspondências" (Eliphas Levi) — com o místico e com o racional, aponta para um processo extremamente peculiar na trajetória de Dario Vellozo.

Conforme observa Wilson Martins (*O Estado de S. Paulo*, 11/04/1970), enquanto o percurso do pitagorismo perde seu caráter irracional para adquirir uma visão lógica dos fatos, numa evolução que tende à "racionalização do símbolo", a trajetória do poeta de *Cinerário* parte da racionalização do símbolo para a "simbolização do racional".

Como então situar este processo na poesia de Dario Vellozo?

Nunca é demais lembrar que, basicamente, nas origens do simbolismo revelam-se duas atitudes face ao esotérico e ao oculto. Para Baudelaire, por exemplo, não existe um segredo zelosamente guardado para alguns tipos de associações ou seres superiores. O poeta compreende a linguagem das correspondências — que, portanto, é muito mais do que apelo às sinestesias — e toda a magia revela-se na intuição criativa.

Outra vertente, aquela de Nerval, entende que os rituais, as tradições e as vias de penetração no sobrenatural podem enriquecer o poeta que se reconhece nos cultos desaparecidos, devendo para tanto ser um iniciado, um erudito capaz de dialogar com o que considera uma Revelação (Mercier, *Les sources ésoteriques et occultes du symbolisme*).

Dario Vellozo seguramente se inclui na segunda atitude. Seu encontro com o oculto narrado em carta dirigida a Jean Itibere, responsável por sua descoberta de Papus, dos simbolistas belgas, deixa evidente uma vocação para o oculto que afloraria independente do simbolismo. Neste texto, "Ciência oculta" (1898), Dario Vellozo resume a trajetória de suas leituras, desde a descoberta de Flammarion ao contacto com Luiz Murat, passando pela descoberta dos Malditos, até a revelação do *Tratado metódico das ciências ocultas* de Papus, quando extasia-se com os "Versos Dourados".

ıvera — 1928.

AZHAR

Daí, nada mais natural que continuasse com Levi, Guaita, Alveydre, Bosc, Schuré, Blawatsky, além, é claro de Péladan, que o orientou para o teatro de Wagner.

Sem dúvida, a poesia de Dario Vellozo apresenta desde o satanismo dos versos iniciais ao helenismo das últimas produções, momentos de desnível que podem justificar o fato de que "ele ganha muito quando conhecido em antologia, perde muito quando lido globalmente".

É aqui que o percurso proposto por Wilson Martins, definindo-se na direção inversa da evolução do pitagorismo, contribui para a compreensão de momentos em que a simbolização do racional evidencia o ocultismo e o esoterismo aparecendo antes do simbolismo.

A interpenetração do simbolismo-ocultismo-helenismo não constitui uma linha de evolução clara. Ler Dario Vellozo e conviver com o ecletico, e perceber um tipo de vocação pelo mistério que ora se resolve num discurso marcadamente didático, ora revela-se na magia estética.

Seus melhores momentos, quando o fastro ocultista é reforçado pela tendência estetizante, podem ser perseguidos no *leitmotiv* dos "crepusculos de opala".

É quando a busca do inefavel se traduz na cessação dos contrarios e o dualismo luz/sombra, vida/morte da lugar a uma serie de analogias que remetem ao tema da harmonia universal:

Ocaso! Opalas e amaranto
Jaine e opala
Curva azul dos horizontes
Montes...

(Palingenesia)

Outono seios de astro acende. A nuança
O langor suaviza aos poentes de opala
A floresta lendaria a nostalgia exala.

(Spagyra)

Hora crepuscular dos outonos de opala...
E funebre a floresta, a minha alma dolente.
E não sei que saudade a alma no exilio sente,
Quando a tarde sucumbe e a floresta se cala.
.....
Entro, a ampla região dos profundos espaços
O Lirio de Esmeralda, abraça-me em teus braços.
Na hora crepuscular dos arcanos supremos!

(Sob a estola da morte)

Atos simbólicos perpassam estes versos num percurso iniciático que anuncia a morte para renascer. Ecoam temas místicos da alma errante em busca de outra, ressoam as alquímicas sugestões das pedras preciosas que tanto atraíram Mallarmé. Mas o enigma se prolonga nas reticências e se reforça nas sugestões sonoras e rítmicas.

É aqui que o poeta encontra o simbolismo antes do esoterismo, principalmente porque direciona a linguagem na transparência do objeto e na anulação do sujeito.

As palavras ganhando peso e medida ampliam a oposição à transparência da referencialidade.

Textos enigmáticos, ininteligíveis, cifrados? Talvez. Mas, antes de tudo, textos que buscam criar um desejo e não apenas satisfazer uma necessidade preexistente. Enfim, textos que criam seu público. Este o texto simbolista com suas sugestões.

ırio Vellozo e Olavo Bilac nas escadarias do ıaense (hoje Secretaria da Cultura). Bilac a como parte da campanha do alistamento. Dario Vellozo com um discurso pacifista ou a platéia. Bilac ficou sem palavras.

Cassiana Lacerda Carollo, professora de Literatura Brasileira na UFPR. Pesquisadora, publicou **Decadismo e Simbolismo no Brasil** (Rio de Janeiro - FC, 1981, 2v.) e **Obra Reunida de Emílio de Menezes** (Rio, José Olympio, 1980), além de colaborações em revistas especializadas.

CRÍTICA LITERÁRIA: ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

AMBROZIO, Leonilda. *Salvador Espriu; o Poeta da Catalunia.* I (nº 9): 13, mar. 88.

Estudo sobre o poeta catalão, Salvador Spriu, apresentando o leitmotiv de seus poemas, a meditação sobre a morte, a morte entendida como aprendizado para a vida, a morte que burila o ser, pois, é justamente a sua negação que embrutece o homem.

———, *De Goytisolo, Shakespeare e Desterrados.* II (nº 14): 18, ago. 88.

"Como Shakespeare, o escritor catalão Juan Goytisolo (Barcelona, 1931) foi buscar no Rei João da Inglaterra dados para urdir seu romance Juan Sin Tierra, de fundo autobiográfico, publicado em 1935."

ANDRADE, Mário; Murilo Mendes e Drummond. *Cartas ao Dr. Alceu.* VII (nº 52): 26, 27, mar., abr. 94.

Cartas endereçadas a Alceu Amoroso Lima.

ANTÔNIO, João. *No País dos Enjeitados.* I (nº 5): 21, nov. 87.

O crítico remexe o baú e expõe autores pouco badalados pela crítica como, Antônio Fraga, autor de *Desabrigo, o*

mestre Aleijadinho, o poeta Manoel de Barros, lá do Mato Grosso do Sul, que publicou oito livros de poemas, e também pouco divulgados como *Compêndio para uso dos pássaros, Gramática expositiva do chão, Arranjos para Assobio, Glossário de Transnominações que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos,* entre outros.

———, *Três vagabundos.* I (nº 2): 25, ago. 87.

(Ilustração: Geraldo Leão). O escritor relata sua vida e seu livro: *Malagueta, Perus e Bacanaço,* (Civilização Brasileira 1963).

———, *Poucas Palavras sobre Marcos Rey.* IV (nº 32): 12, 13, abr. 90.

BAPTISTA, Josely Biscaia Vianna. *América. Em Busca dos Passos Perdidos* I (nº 1): 11, ago. 87.

Resenha crítica do livro: *Los Passos Perdidos,* de Alejo Carpentier, escritor cubano, filho de europeus.(La Habana, 1904-1980).

———, *Lezama Lima.* I (nº 2): 9, jul. 87.

O cubano José Lezama é autor do romance - poema *Paradiso.* (La Habana, 1910-1986). A autora analisa e traduz *Sobre poesia* (conferência feita no congresso cultural de La

Habana, em Janeiro de 1968) e *poesia, ao chegar à sua identidade…* (orelha da edição de *Poesia Completa*, Instituto Cubano Del Libro, La Habana, 1970.)

BARCELLOS, Liane. *Florbela Espanca. A distraída do Alentejo.* VI (nº 47): 21, 23, mar., abr. 93.

Revela a poeta portuguesa Florbela Dalma da Conceição Espanca, "expressão do eterno feminino."

BERNARDI, Rosse Marye. *Uma Escritora sob o Signo da Paixão.* I (nº 9): 23, mar. 88.

Extremamente consciente do papel ético e político do escritor, Nélida Piñon tem sido uma participação na vida cultural brasileira.

———, *José J. Veiga. Fabuloso Fabulista do Real.* I (nº 5): 18, nov. 87.

Estudo sobre o aspecto composicional de sua obra: *Os cavalinhos de Platiplanto, A Hora dos Ruminantes, A Máquina Extraviada, Sombras de Reis Barbudos* e outros…

CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Os Rapazes de 40 e suas Revistas.* I (nº 6): 22, 23, dez. 87.

Com o Simbolismo, Curitiba viveu uma ebulição literária atípica em seus ares gelados: as várias revistas que

pintaram na época fizeram história. Nos anos 40 define-se outro momento importante para as belas letras da terra. Surgem as revistas de 40 e seus rapazes: Dalton Trevisan, Wilson Martins, José Paulo Paes, entre outros.

———, *A sedução pelo esotérico e pelo oculto na poesia de Dario Vellozo.* I (nº 3): 22, 23, set. 87.

———, *Ilha da Poesia Simbolista no Paraná.* III (nº 24): 16, 17, jun. 89.

Apresenta poemas de Emiliano Perneta, Dario Vellozo e Silveira Neto.

———, *Ex-Libres - Marca de Propriedade ou da Leitura?* III (nº 21): 16, 17, mar. 89.

Box de Eliane Eme Sato. Artigos, selos ou etiquetas de escritores, intelectuais, bibliófilos e outros maníacos.

———, *O Ilustrado Poty.* I (nº 12): 16-18, jun. 88.

Estudo sobre Poty, o artista da imagem que busca, no desenho, a síntese, o movimento e "brinca" com a pureza do traço.

———, *No Hospício. Loucos alardes de um Romance.* IV (nº 33): 18, 20, maio, jun., jul. 90.

Estudo sobre o romance *No Hospício* de Rocha Pombo (1857-1933).

———, *Emílio de Menezes em torno do boêmio*. V (nº 37): 21, fev., mar. 91.

Poeta paranaense, quase imortal da ABL, foi o grande disturbador da morna cena do início do século.

CARUSO, Raimundo. *Carlos Karam, poeta, e o romance de um filme*. IV (nº 30): 12, 13, fev. 90.

Estudo de um trecho do livro: *Nervos de Cipó* de Manoel Carlos Karam.

COSTA, Horácio. *De olho na última estrela*. VI (nº 44): 14, 15, jul., ago. 92.

Expõe Haroldo de Campos, o galáctico poeta e tradutor.

DEONÍSIO, da Silva. *Eles não leram e não gostaram*. I (nº 10): 19, abr. 88.

Balanço sobre a literatura brasileira.

DOYLE, Plínio. *Duas Cartas Inéditas de Machado de Assis*. III (nº 21): 18, 19, mar. 89.

Documentos raros e únicos deste gênio da Literatura Universal.

FILIZOLA, Anamaria. *Língua Portuguesa. Poesia Africana: Que Literatura é Essa?* III (nº 20): 18, 20, fev. 89.

Traz à tona poetas quase desconhecidos do nosso público e aborda questões como a existência ou não de uma nacionalidade literária.

FOSTER, David William. *Roa Bastos e o Ditador: Reavaliando a História do Paraguai.* I (nº 7): 18, 19, jan. 88.

No texto do professor David W. Foster, da Arizona State University, o leitor descobre qual o Francia que se lê em Roa em "Yo el Supremo", um dos marcos da ficção latino-americana, do escritor paraguaio Roa Bastos, versando a figura lendária do advogado José Gaspar Rodriguez de Francia (1766-1840).

GOMES, Roberto. *Puxando a Angústia.* I (nº 6): 20, dez. 87.

O escritor Roberto Gomes faz em paralelo o registro dos tempos em que lia exaustivamente o clássico Sabino de *O Encontro Marcado.*

GUIMARÃES, Denise. *Nas Asas da Tradução: Um Corvo Magnífico desses que não se fabricam mais.* I (nº 7): 9, jan. 88.

Expõe a versão do poema *O Corvo,* feita por Reynaldo Jardim e Marilú Silveira para o filme de Valêncio Xavier,

publicado no *Nicolau* I (nº 4) (p.12, 13) e discrepa: "dotados de verdadeira energia icônica", seu valor se insere na legítima tradição "transluciferativa haroldiana".

———, *Um sopro alicemente poético.* IV (nº 29): 20, 21, jan. 90.

Estudo dos poemas de Alice Ruiz.

———, *Jorge Luis Borges, autor de O Nome da Rosa?* I (nº 11): 17, maio 88.

A análise detecta e aponta os sinais do intertexto Borges-Eco.

HELLER, Milton Ivan. *Revisitando Saraiva, o Sábio das Picadas.* I (nº 8): 16, 17, fev. 88.

O padre Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, português naturalizado brasileiro, autor do dicionário latino-português está completando 106 anos e é considerado o melhor que já se publicou neste país.

KARAM, Carlos Manoel- *Orelha para um livro de Serafim Barth.* I (nº 1): 4, jul. 87.

Reproduz o conto número N° 17 - p. 49 e 50 do livro: *Notas sobre apedrejamentos* (Curitiba. Ed. Quimera, 1987), do escritor Serafim Barth.

KAWAI, Mitsuko. *Simples Sons.* IV (n° 31): 25, mar. 90.

Estudo sobre o Tanka que, embora não seja tão popular como o Haicai, é a forma de poema mais antiga do Japão.

LEMINSKI, Paulo. *Ventos ao Vento Rabiscos em direção a uma Estética.* I (n° 5): 22, 23, nov. 87.

Analisa a estética japonesa - conceitos básicos que norteiam a criação artística nipônica. "Com eles, dá para montar uma espécie de constelação de princípios estéticos, capazes de iluminar a prática de artistas de qualquer época ou país."

———, *Leminski Curitiba, Poesia: três antologias.* I (n° 1): 17, jul. 87.

Resenha crítica de três antologias: *Feiticeiro Inventor,* congregando trabalhos de dezessete poetas, organizada por Hamiltom Farias; *OSS,* reunindo a produção de quatro poetas: Thadeu Wojciechowski e os irmãos Prado (Marcos e Roberto), mais Edilson Del Grossi; *Encontrovérsia,* englobando seis poetas: Jandyra Kondera, Scherner, Cabañas, Pena Kuchenberger e outros…

———, *Reta: O Pior dos labirintos, Coup d'oeil à oficina do Catatau*. III (nº 25): 14, 15, jul. 89.

———, *Disparates do Duarte*. I (nº 4): 10, out. 87.

Crítica feita ao texto de Otávio Duarte: "Nós da Estrada", dentro da série de depoimentos paranaenses identificando no terceiro número de *Nicolau* alguns valores da terra que se projetam nacionalmente e outros que permanecem inéditos e/ou obscuros.

———, *Futurismo em Curitiba*. III (nº 28): dez. 89.

Curitiba fez sua noite modernista.

———, *Helena Kolody, o Dom*. VI (nº 46): 11, 13, nov., dez. 92.

LOPES, Garcia Rodrigo. *Leminski. Uma Poesia entre o Lema, o Mim e o Apocalipse*. III (nº 25): 9, 11, jul. 89.

Vista aérea da poesia de Leminski, que ele fazia como quem respirava.

———, *Rimbaud. Umas Férias no Inferno*. III (nº 20): 21, fev. 89.

Nicolau traz toda febre da breve aventura poética vivida na terra por Arthur Rimbaud, o maior poeta turista de todos os tempos.

LEWIS, Matthew Gregory - *A Monja ensangüentada*. VII (nº 53): 13, 15, maio, jun. 94.

A lenda da monja ensangüentada consta de um livro volumoso de 1795, de Matthew Gregory Lewis: *The Monk*. (O monge). Texto traduzido por Sérgio Medeiros.

MARCOS, Juan Manuel. *Yo el Supremo: La coma Transparente*. I (nº 4): 23, out. 87.

Juan Manoel Marcos, da Oklahoma State University, fala do Supremo, da ausência-transparência da vírgula (la coma) entre o Yo (eu) e o El (o) do título, fazendo um intraduzível trocadilho com "a coma" na qual o autor mergulhou ao terminá-lo.

———, *A Terceira Margem de Luis León Bareiro*. II (nº 17): 10, 11, nov. 88.

Olhar sobre o trabalho poético do paraguaio Luis León Bareiro (*Miniaturas* 30, de 1979, e *Hand Made* de 1980). Tradução de Josely Vianna Baptista.

MARTINS, Wilson. *Monteiro Revisitado Lobato.* I (nº 2): 16, ago. 87.

A verdadeira posição de Monteiro Lobato no quadro do Modernismo. Tese de doutorado de Vasda Landers sob orientação do professor Wilson Martins na New York University.

———, *Manuel Bandeira: As Três Artes Poéticas.* I (nº 11): 23, maio 88.

———, *Nestor Victor, O Crítico Fronteiriço.* VII (nº 53): 10, 11, maio, jun. 94.

O ensaísta recompõe a trajetória do escritor paranaense Nestor Victor (1868-1932).

MEDEIROS, Sérgio. *Os "Freak" de Lewis Carrol.* VI (nº 50): 21, 23, set., out. 93.

Apresenta e traduz a literatura mítico-poética de Lewis Carrol. *Preparativos para uma conferência* e a *A Conferência.*

MOISÉS, Leila Perrone. *Crítica Literária.* VII (nº 50): 10, 11, set., out. 93.

Expõe os diversos estilos de crítica literária.

MOTTA, Paulo. *O Homem que continua com fome.* IV (nº 33): 12, maio, jun., jul. 90.

Paráfrase do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, feita cem anos depois por Paulo Motta.

NETO, Miguel Sanches. *Os brados de uma terra braba.* IV (nº 33): 14, maio, jun., jul. 90.

Analisa a obra de David Gonçalves, caso raro na literatura nacional.

NICOLAU. *Mariazinha* - Murilo Rubião. IV (nº 31): 10, 11, mar. 90.

Há mais de dez anos sem publicar, Murilo Rubião faz sua rentrée no *Nicolau* com o conto *Mariazinha*.

NICOLAU. *Roberto Drummond, a sensibilidade de um escritor pop.* V (nº 40): 25, ago., set. 91.

Revela o escritor Roberto Drummond e pela 1ª vez o conto *Os Mortos não dançam valsa*.

OLIVEIRA, Marly de. *Rápida visão da obra de João Cabral de Melo Neto.* I (nº 10): 12, abr. 88.

Estudo sobre o talhador de rarezas poéticas, quartzos multifacetados, que descobriu as pedras preciosas da lógica de construir com palavras.

PAZ, Octávio. *Transparências Octávio Paz.* V (nº 40): 18, 19, ago,. set. 91.

Tradução: Karin Cristina Beeck. Com autorização do autor expõe os textos inéditos em língua portuguesa,que fazem parte do livro *Teatro de Signos Espiral,* Editora Fundamentos, Caracas, Venezuela.

PERLONGHER, Néstor. *Formas Neobarrocas.* II (nº 19): 16, jan. 89.

O crítico e poeta argentino percorre o estilo barroco, marginal, excessivo, proliferante. Tradução de Josely Vianna Baptista.

———, *Ondas no mar Paraguayo.* III (nº 26): 10, ago. 89.

O escritor argentino, Perlongher apresenta a *Novela em Progresso, Mar Paraguayo*, escrita por Wilson Bueno. Texto traduzido por Josely Vianna Baptista.

PILOTO, Valfrido. *Dario Vellozo Jovem Socialista e Inveterado Libertário.* I (nº 8): 24, fev. 88.

Visada sobre a faceta político-ideológica de Dario Vellozo (1869-1937), poeta, intelectual, mentor de muitos agitos culturais na província de Curitiba na virada do século.

RIBEIRO, Léo Gilson. *O Bóia-fria do Mercado Livreiro.* IV (nº 34): 27, ago., set. 90.

Léo Gilson Ribeiro sarrafa as traduções "Made in Brazil".

RUIZ, Alice. *Ada Macaggi. Uma Senhora Poetisa.* I (nº 9): 17, mar. 88.

Seu livro *Impeto*, de 1941, com ilustrações de Anita Malfatti e editada pela José Olympio, nos apresenta uma mulher sensual (com alguma timidez) apaixonada pela vida, pondo para fora seus medos, suas inseguranças, sua vaidade e sua força.

SATO, Eliane Eme e Maurício Arruda Mendonça. *Carpas Quietas.* I (nº 11): 18, 19, maio 88.

Herdeiros da veia poética de mestre Shiki, em Londrina, os haicaisistas da colônia japonesa fazem da vida, poesia através dos gestos mais cotidianos. Poetas: Shinhsiti Minowa, Teiko Ishizuka, Nenpuko Sato, Haruko Nakagawa, Mitio Suguimoto, Tentoshi Suzuki.

SCHNAIDERMAN, Boris. *O Erro Fecundo (Anotação de leitura).* II (nº 14): 10, ago. 88.

O crítico e tradutor avalia uma exacerbada formulação de Vítor Chcklóvski sobre a obra literária, em 1921, que

desencadeou onda de profundas reflexões em torno dos conceitos e métodos do Formalismo Russo.

SHERNER, Leopoldo. *Os números 3 e 9 em "O Monstrengo" da Mensagem de Fernando Pessoa.* II (nº 15) 18, 19, set. 88.

"Em Fernando Pessoa está o mistério poético, está o escondido, o en + coberto que se há des + cobrir o velado que se há de + velar e re + velar."

———, *800 anos de Língua Portuguesa.* III (nº 27): 20, 21, set., out., nov. 89.

Analisa a *Cantiga da Ribeirinha*, o mais antigo texto literário em Língua Portuguesa.

SILVA, Deonísio da. *Eles leram e não gostaram.* I (nº 10): 19, abr. 88.

O texto revela preocupações do autor em relação à literatura contemporânea. Muitos escritores bons não são sequer mencionados, nem nas Universidades, nem no mercado editorial, como por exemplo Adelino Magalhães, que inventou o monólogo interior antes de Joyce.

SOSSÉLA, Sérgio Rubens. *Milton (Erichsen) Carneiro.* II (nº 14): 12, ago. 88.

Texto-homenagem ao intelectual médico, escritor e poeta, que agitou o mar cultural de Curitiba, desde os anos 30.

———, *Ernani Reichmann: o(s), outro(s).* IV (nº 34): 18, 19, ago., set. 90.

O pensador Ernani Reichmann (1920-1984) criou uma série de heterônimos fantásticos e fez de sua obra um imenso confessionário.

———, *Visão pré-lógica e a poética de Manoel de Barros.* V (nº 40): 7, ago., set. 91.

Estudo da poética de Manoel de Barros.

TAVARES, Braulio. *Ficção científica: uma categoria do imaginário.* IV (nº 29): 22, 23, jan. 90.

Analisa a narrativa de ficção científica (literatura, cinema, quadrinhos, etc.)

TELLES, Lygia Fagundes. *A criação literária.* IV (nº 29): 24, jan. 90.

Analisa a própria criação literária.

WEINHARDT, Marilene. *Os Três Reinos da Natureza em estado de Poesia. Manoel de Barros.* I (nº 10): 20, 21, abr. 88.

Manoel de Barros é poeta mato-grossense do sul, de Campo Grande, publicou oito títulos, nenhum encontrável nas livrarias. A autora rastreia seu processo criativo.

———, *Lygia: o encanto do simples*. IV (nº 29): 25, jan. 90.

Apresenta a escritora Lygia Fagundes Telles, presença marcante nas últimas quatro décadas da história literária brasileira.

ZOKNER, Cecília. *Droguett, o livro proibido*. V (nº 37): 26, fev., mar. 91.

Nicolau lança novas luzes sobre *Matar a los Viejos*, do Chileno Carlos Droguett, que expõe a decadência do ex-ditador Augusto Pinochet.

CRÍTICA LITERÁRIA: ÍNDICE ALFABÉTICO DE AUTORES E TEMAS FOCALIZADOS.

ANDRADE, Mário de. Murilo Mendes e Drummond. VII (n° 52): 26, 27, mar., abr. 94. *Cartas ao Dr. Alceu.*

Nicolau publicou, pela primeira vez, as cartas endereçadas a Alceu Amoroso Lima escritas por Drummond, Murilo Mendes e Mário de Andrade.

ASSIS, Machado de. III (n° 21): 18, 19, mar. 89. *Duas cartas inéditas de Machado de Assis.*

Plínio Doyle.

Na introdução e notas de Plínio Doyle, revelou duas cartas de Machado de Assis, uma delas enviada poucos dias antes de sua morte (no Rio, em 29 de setembro de 1908), demonstrando resignação pelo seu estado de saúde e o prazer pelas palavras.

BANDEIRA, Manuel. I (n° 11): 17, maio 88. *Manuel Bandeira: as três artes poéticas.*

Wilson Martins.

Analisou as três artes poéticas de Manuel Bandeira; a primeira representada pelo poema *Os sapos,* considerado como uma poética do Modernismo, a segunda por

Libertinagem (1930), época de consolidação do Modernismo e a terceira a *Nova Poética* (1948), do volume *Belo belo*, que reflete as preocupações sociais do período.

BAREIRO, Luis León. II (n°. 17): 10, 11, nov. 88. *A terceira margem de Luis León Bareiro (tradução de Josely Vianna Baptista).*

Juan Manuel Marcos.

Refletiu o trabalho poético do paraguaio Luis León Bareiro: *Miniaturas* (30 de 1979), e *Hand-made*, (de 1980). Propôs a descoberta da fala latino-americana, a dimensão do progresso como produto não só da razão, mas também da emoção.

BARROS, Manoel de, V (n° 40): 07, ago., set. 91. *Visão pré-lógica e a poética de Manoel de Barros.*

Sérgio Rubens Sosséla.

Revelou o poeta pantaneiro de Campo Grande/MS, Manoel de Barros, autor de *Arranjos para assobio* (83), *Livro de Pré-coisas* e outros…

ENSAIO

———, I (n° 10): 20, 21, abr. 88. *Os três Reinos da Natureza em estado de Poesia.*

Marilene Weinhardt.

Rastreou o processo criativo de Manoel de Barros, poeta mato-grossense-do-sul, de Campo Grande, relacionando os livros: *Poemas concebidos sem pecado*, (1937); *Face imóvel*, (1942); *Poesias; Compêndio para uso dos pássaros* (1961); *Gramática expositiva do chão* (1969); *Matéria de poesia* (1974); *Arranjos para assobio* (1982); *O livro de pré-coisas*, (1985) quase todos esgotados.

BARTH, Serafim, I (n° 1): 4, jul. 87. *Orelha para um livro de Serafim Barth.*

Manoel Carlos Karam.

Relatou, a princípio, os encontros que teve com o escritor. Em uma de suas conversas, este afirmava em jogar pedras um dia qualquer. Na realidade já estava gestando o livro *Notas sobre Apedrejamentos*, lançado pela Editora Quimera, Curitiba, 1987. Manoel Carlos Karan reproduz o *Conto n° 17* que está na página 49 e 50, do mesmo livro.

BASTOS, Augusto Roa. I (n° 4): 23, out. 87. *Yo El Supremo - La Coma Transparente.*

Juan Manuel Marcos.

Autor de Roa Bastos: precursor del post-boom, escreveu este artigo, exclusivo para o *Nicolau* sobre *Yo el Supremo* o livro de Roa que falava sobre Francia, um mito

paraguaio. Augusto Roa Bastos se colocou como "compilador" de dados, "apontamentos" sobre Francia, El Supremo Dictador da Argentina. No artigo, Juan Manuel Marcos, falou do Supremo, da ausência-transparência de vírgula (la Coma) entre o yo (eu) e o el título, fazendo um trocadilho com "a coma" na qual o autor mergulhou ao terminá-lo.

———, I (nº 7): 18, 19, jan. 88. *Roa Bastos e o Ditador: reavaliando a História do Paraguai.*

David William Foster.

Neste ensaio, David William Foster expôs Roa Bastos, um dos marcos da ficção latino-americana. Roa escreveu *Yo el supremo*, que versava sobre a figura lendária do advogado José Gaspar Rodrigues de Francia (1766-1840) articulador da dupla independência do Paraguai em relação à Espanha e à Confederação Argentina. Roa fez uma nova interpretação dos elementos que alicerçavam a cultura do seu país, em contraposição aos textos sagrados da historiografia nacional, visando Francia e seu lugar paradoxal na história da emancipação da América Latina.

BORGES, Jorge Luis. I (nº 11): 17, maio 88. *Jorge Luis Borges, autor de O nome da rosa?*

Denise Guimarães.

Detectou e apontou os sinais do intertexto Borges-Eco. Seu intento foi procurar no best-seller de Umberto Eco as pistas intertextuais que conduzem ao escritor argentino. Estabeleceu, por relações entre o velho e cego "guardião do saber" cujo nome é Jorge de Burgos e Jorge Luis Borges.

BUENO, Wilson. III (n° 26): 10, 11, ago. 89. *Ondas no Mar Paraguayo.*

Néstor Perlongher.

O escritor argentino Néstor Perlongher apresentou *Brinks* da "novela" em progresso *Mar Paraguayo* de Wilson Bueno e direcionou o leitor para a leitura e associações.

CAMPOS, Haroldo de. V (n° 44): 12, 13, jul., ago. 92. *Haroldo de Campos: De olho na última estrela.*

Horácio Costa.

Revelou o poeta e tradutor Haroldo de Campos (S.Paulo, 1929), que fundou com Augusto de Campos e Décio Pignatari o "Movimento da Poesia Concreta", cujo plano piloto (1958), constituiu o documento de base para avaliar a ruptura da estética que preconizavam em relação ao panorama pregresso das letras brasileiras.

CARNEIRO, Milton. I (nº 14): 12, ago. 88. *Milton (Erichsen) Carneiro*

Sérgio Rubens Sosséla.

Rememorou o médico, escritor e poeta Milton Carneiro (Paranaguá - 1902-1975). Mencionou os seus livros publicados como *Conceito Atual da Vida* (1928) e *Sobre Machiavel* (tradução, 1965). No *Discurso do Bugre* (1933), fez uma mensagem aos 30 médicos afilhados; em *Procissão de Eus* (1961) deixou clara a sua genialidade, e em *Procissão de Sonhos* reuniu seus inspirados poemas.

CARPENTIER, Alejo. I (nº 2): 11, ago. 87. *América Em busca dos passos perdidos.*

Josely Biscaia Vianna Baptista.

Traduziu e analisou, *Os passos perdidos* de Alejo Carpentier (La Habana, 1904-1980). O livro escrito na Venezuela, fala sobre a "América" "esta terra incógnita", editado pela 1ª vez no México em 1953: Escreveu ainda *El reino de este mundo, Concerto barroco, El siglo de las luces.* Em todos os seus livros encontrava-se a tentativa de buscar uma imagem latino-americana.

CARROL, Lewis. VI (nº 50): 21-23, set., out. 93. *Os "Freak" de Lewis Carrol.*

Sérgio Medeiros.

Analisou a criação literária de Lewis Carrol, literatura mítico-poética revelada em *Sylvie and Bruno*, *Preparativos para uma conferência* e *A conferência*.

CRIAÇÃO LITERÁRIA IV (nº 29): 24, jan. 90. *A criação literária.*

Lygia Fagundes Telles.

Analisou a própria criação literária, descobrindo os motivos do ato criador, a mais importante função da literatura.

DROGUETT, Carlos. V (nº 37): 26, fev., mar. 91. *Droguett, o livro proibido.*

Cecília Zokner.

Revelou o escritor chileno Carlos Droguett, autor de *Matar a los Viejos*, livro que expõe a decadência do ex-ditador Augusto Pinochet.

DRUMMOND, Roberto. V (nº 40): 25, ago., set. 91. *A sensibilidade de um escritor pop.*

Nicolau revelou o escritor Roberto Drummond, autor de *O dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado*, *Sangue de Coca-cola*, *Quando fui morto em Cuba*, *Hitler manda lembranças* e *Hilda Furacão*; tem o Prêmio Nacional de Ilustração da revista *Playboy*. *Nicolau* mostrou, pela

primeira vez, o seu conto *Os mortos não dançam valsa.* (DESTAQUE NACIONAL)

DUARTE, Otávio. I (nº 4): 10, out. 87. *Disparates do Duarte.*

Paulo Leminski.

Questionou o texto *Nós da estrada,* de Otávio Duarte, publicado no *Nicolau* dentro da série de depoimentos que versavam, sempre à página 5, sobre aspectos da experiência paranaense. No último *Nicolau* (nº3), o jornalista Otávio Duarte fez um balanço da situação litero-cultural do Estado. Leminski relatou alguns disparates cometidos por Otávio Duarte, dentre estes o fato de não mencionar autores expoentes como Puppi, Jaques Brand, Os Prados, Solda, Eduardinho e tantos outros bons poetas paranaenses. O balanço de Otávio foi considerado injusto pois o Paraná era estado recente, que estava fundando uma tradição, um repertório coletivo.

ESPANCA, Florbela Dalma da Conceição. V (nº 47): 21, 22, mar., abr. 92. *Florbela Espanca. A Distraída do Alentejo.*

Liane Barcellos.

Revelou a poeta portuguesa Florbela Dalma da Conceição Espanca, "expressão do eterno feminino", espécie de figura antiga ante os ícones bárbaros da modernidade. (Destaque internacional/Memória)

ESPRIU, Salvador. I (nº 9): 13, mar. 88. *Salvador Espriu, o poeta da Catalunha.*

Leonilda Ambrozio.

Rememorou o poeta catalão, pouco conhecido, que teve, durante anos, sua obra analisada de uma maneira equivocada e empobrecida.

ESTILO BARROCO. III (nº 19): 16, jan. 89. *Formas neobarrocas.*

Néstor Perlongher.

O estilo barroco ressurgiu na América, em terras cubanas, na obra de Lezama Lima e o crítico e poeta argentino Néstor Perlongher percorreu este procedimento que proliferou nas letras latino-americanas.

EX-LIBRIS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS. III (nº 21): 16, 17, mar. 89. *Ex-Libris, marca da propriedade ou da leitura?*

Cassiana Lacerda Carollo apresentou ao leitor de *Nicolau* raras etiquetas chamadas ex-libris, acervo da Biblioteca Pública do Paraná que guarda a maior coleção do gênero, reunindo 2.500 ex-libris brasileiros e estrangeiros, distribuídos em 43 volumes, classificados e separados conforme tema e origem.

FEITICEIRO INVENTOR, Oss e Encontrovérsia. I (n° 1): 17, jul. 87. *Leminski Curitiba - Poesia: Três antologias.*

A resenha crítica feita por Leminski fez referência ao surgimento, em menos de um ano de três antologias de poesia: *Feiticeiro Inventor* (edição da Criar), *Oss* e *Encontrovérsia* (edição dos autores), comparando Curitiba com outras cidades brasileiras, num nível alto de criatividade registrando, portanto, um momento de grande efervescência cultural. *Feiticeiro inventor,* editada pela Criar, de Roberto Gomes, congregava trabalhos de 17 poetas, organizados por Hamilton Faria, indo da poesia social ao haicai. O crítico lamentou erros de programação gráfica, e o número excessivo de participantes, e a ausência de nomes importantes como Mario Stasiak, Wilson Bueno, Solda e outros… *Oss,* reunia a produção de quatro poetas; Thadeu Wojciechowski, os irmãos Prado (Marcos e Roberto) e Edilson del Grossi. Segundo o crítico, boa parte dos poemas de *Oss* eram letras de roque, musicadas e tocadas pelas bandas curitibanas. Os poemas apresentavam certos problemas tais como, o uso excessivo de palavrões, e a questão relevante de como a letra de música se sustenta enquanto poesia, no papel. Esta antologia apresentou um design mais avançado em relação à antologia anterior. (*Feiticeiro inventor*). Finalmente, afirmou que

Oss que apresentava uma raridade, a da criação coletiva, lembrando o trabalho conjunto próprio da música popular. *Encontrovérsia,* englobava seis poetas: Jandira Kondera, Leopoldo Scherner, Thadeu Wojciechowski, Pena Kuchenberger, Marcos Prado e Cabañas. E, segundo o crítico, apresentavam uma poesia de boa feitura, incorporando tanto os recursos da poesia marginal dos anos 70, quanto das vanguardas dos anos 60 (fragmentações, trocadilhos, espacejamento).

FICÇÃO CIENTÍFICA. IV (nº 29): 22, 23, jan. 90. *Ficção Científica, uma cartografia do imaginário.*

Braulio Tavares analisou a narrativa de ficção científica (narrativa que inclui literatura, cinema, quadrinhos, etc.) considerada um poço de petróleo para a indústria cultural.

FICÇÃO CONTEMPORÂNEA.(Literatura brasileira). I (nº 10): 19, abr. 88. *Eles não leram e não gostaram.*

Deonísio da Silva.

Neste texto crítico o autor preocupou-se com a literatura brasileira contemporânea, pois, professores universitários, sobretudo da área de Letras, têm desprezado a prosa de ficção contemporânea. Relatou vários casos de injustiças com escritores desprezados

pelo setor editorial, como por exemplo, Adelino Magalhães, o inventor do monólogo interior, antes de Joyce, e muitos outros escritores de todos os estados.

FORMALISMO RUSSO. I (nº 14): 10, mar. 88. *O erro fecundo (Anotação de leitura)*

Boris Schnaidernan:

Teóricos como Mikhail Bakhtin, Z. Lompicki e outros, discutiram o erro dos formalistas que consistia em falar em soma de procedimento com materiais, como se estes fossem inertes, quando, na realidade, no processo literário, estabelecia-se uma dialética entre os materiais utilizados.

GONÇALVES, David. IV (nº 33): 14, 15, maio, jun., jul. 90. *Os brados de uma terra braba.*

Miguel Sanches Neto analisou a obra de David Gonçalves, um escritor descendente de espanhóis, considerado um caso raro na literatura nacional. Autor de *Geração Viva* (coletânea de contos); *Terra Braba* (novela) e *O Rei da Estrada* (Romance), trabalhou com a ficção oral, com o realismo social e com agudeza crítica.

GOYTISOLO, Juan I (nº 14): 18, mar. 88. *De Goytisolo, Sheakspeare e desterrados.*

Leonilda Ambrozio expôs a biografia e bibliografia de Juan Goytisolo, um escritor catalão nascido em Barcelona em 1931. Suas principais obras: *Señas de Identidad,* (1966); *La Reinvindicación del Conde Don Julián,* (1970); e *Juan sin Tierra,* obra complexa que fala do desterrado *Juan sin Tierra,* um personagem que peregrina dentro do texto, profanando, destruindo a realidade textual.

JOAQUIM, TINGUÍ. (Revistas). I (nº 6): 22, 23, dez. 87. *Os rapazes de 40 e suas revistas.*

Cassiana Lacerda Carollo analisou a literatura brasileira depois de 30, quando surgia uma geração que desejava a volta à ordem, conferindo a esta um caráter estetizante. Rastreou as revistas desta geração, como *Joaquim, Tinguí,* dirigida por Trevisan, jornal de ginasianos entre 1940-43; periódicos como *o Livro* (1939-1945), na tarefa de atualização da linguagem, na discussão das questões do presente e na modernização da mentalidade local.

KARAM, Manoel Carlos. IV (nº 30): 12, 13, fev. 90. *Karam, o poeta e o romance de um filme.*

Raimundo C. Caruso analisou o livro *Fontes Murmurantes,* de Manoel Carlos Karam, cuja montagem lembra teatro, o texto jornalístico, a crônica, a poesia, o roteiro cinematográfico e o surrealismo.

KOLODY, Helena. V (nº 46): 11, dez. 92. *Helena Kolody, O Dom.*

Paulo Leminski prestou uma homenagem à poeta Helena Kolody, autora de *Paisagem interior* (1941), *Música submersa, Trilha sonora, Infinito Presente, Sempre Palavras* e outros... (TALENTO Nacional)

LEMINSKI, Paulo. III (nº 25): 8, 9, jul. 89. *Leminski. Uma poesia entre o tema, o mim e o apocalipse.*

O nº 25 do *Nicolau* é um número especial sobre Paulo Leminski. Rodrigo Garcia Lopes fez um estudo de sua poesia e Josely Vianna Baptista expôs seus manuscritos.

LEWIS, Matthew Gregory. VII (nº 53): 13-15, maio, jun. 94. *A Monja ensangüentada.*

Texto do livro *The Monk* (O Monge), traduzido por Sérgio Medeiros, que conta a lenda da *Monja ensangüentada,* escrito por Mathew Gregory Lewis.

(OURO ANTIGO)

LIMA, Lezama. I (nº 1): 9, jul. 87.*Lezama Lima - Infinita Possibilidade.*

Texto de Josely Biscaia Vianna Baptista.

Traduziu e analisou *Sobre Poesia* (Conferência de Lezama Lima, feita no Congresso Cultural de La Habana, em

janeiro de 1968) e *Poesia, ao chegar à sua identidade...* Em seu texto Lezama expôs sua teoria das culturas e sua teoria da imagem, que sustentavam a concepção de "um sistema poético do universo".

LOBATO, Monteiro. I (nº 2): 16, ago. 87. *Monteiro Lobato revisitado.*

Wilson Martins.

Vasda Landers defendeu a tese sobre a verdadeira posição de Monteiro Lobato no quadro do Modernismo. sob a orientação do professor Wilson Martins, em New York, A pesquisa foi publicada pela Civilização Brasileira e incluiu prefácio de Wilson Martins. O livro desautorizou numerosos lugares-comuns polêmicos ao redor de Monteiro Lobato e apresentou uma importante revisão historiográfica.

MACAGGI, Ada. I (nº 9): 17, mar. 88. *Ada Macaggi. Uma senhora poetisa.*

Alice Ruiz resgatou a poetisa Ada Macaggi, curitibana, e seu novo tipo de fazer poesia, adotando o verso livre, antecipando, de certa forma, o modernismo, quando em Curitiba só se fazia Simbolismo. Analisou alguns poemas de seu livro *Ímpeto* de 1941, com ilustrações de Anita Malfatti e editado pela José Olympio.

MENEZES, Emílio de, IV (nº 37): 20, fev., mar. 91. *Emílio de Menezes, em torno do boêmio.*

Cassiana Lacerda Carollo revelou o poeta paranaense Emílio de Menezes (1866-1918), que fazia do humor um instrumento do luxo e do simples. Poeta eclético, representante da "belle époque", momento de intercâmbio entre os neoparnasianos e os neo-simbolistas.

MINOWA, Shinshiti; Teiko Ishizuka, Haruko Nakagawa, Mitio Suguimoto, Tentoshi Suzuki I (nº 11): 18, 19, maio 88. *Carpas Quietas.*

Eliane Eme Sato e Maurício Arruda Mendonça expuseram os haikaisistas da colônia japonesa: Shinshiti Minowa, Teiko Ishizuka, Haruko Nakagawa, Mitio Suguimoto, Tentoshi Suzuki, herdeiros da veia poética do mestre Shiki, via Takahama e Sato.

MOTTA, Paulo. IV (nº 33): 12, maio, jun., jul. 90. *O Homem que continua com fome.*

Paulo Motta.

Paráfrase do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, feita cem anos depois por Paulo Motta.

MUNHOZ, Laertes. Clemente Ritz, Castella Braz, Alceu Chichorro, Lacerda Pinto, Charles Xuxi, Sá Barreto e Rodrigo Júnior. III (nº 28): 16-18 dez. 89. *Futurismo em Curitiba.*

Paulo Leminski revelou a noite modernista em Curitiba em 15 de outubro de 1926. Os poetas: Laertes Munhoz, Clemente Ritz, Castella Braz, Alceu Chichorro, Lacerda Pinto, Charles Xuxi, Sá Barreto e Rodrigo Júnior criaram exemplos do futurismo na província.

NETO, João Cabral de Melo. I (nº 10): 12, abr. 88. *Rápida visão da obra de João Cabral de Melo Neto.*

Marly de Oliveira percorreu a produção do poeta João Cabral de Melo Neto, que se situa cronologicamente na geração de 45, mas que, na verdade, é diferente de seus contemporâneos. Rastreou toda sua produção poética, como *Pedra do Sono,* (42), o poema em prosa *Os três Malandros,* (43), *O Engenheiro,* (43), *Psicologia da Composição* (47), *O Cão sem plumas* e *O rio* (50, 53), *Uma faca só Lâmina* (56), *Quaderna,* (59). Seguem-se: *Dois Parlamentos* (60), *Educação pela Pedra* (65), *Museu de Tudo* (75), *A Escola das Facas* (80), *Auto do Frade* (84), *Agrestes* (85) e *Crime na Calle Relator* (87) e traçou paralelamente um perfil de sua biografia.

NÔ, EKABUKI, IKEBANA, HAI-KAI. (manifestações artísticas japonesas). I (nº 5): 22, 23, nov. 87. *Ventos ao vento: Rabiscos em direção a uma estética.*

Paulo Leminski.

Texto de Leminski, analisando manifestações artísticas japonesas (pintura, caligrafia, teatro Nô, ekabuki, ikebana, Hai-Kai, arte do chá, artes marciais, arquitetura e decoração de interiores).

PAZ, Octávio. V (nº 40): 18, ago., set. 91. *Transparências.* (Tradução de Karin Cristina).

Octávio Paz revelou no verso os problemas existenciais mais fundos do ser humano em sua dupla dimensão pessoal e histórica.

(DESTAQUE NACIONAL)

PESSOA, Fernando. II (nº. 15): 18, 19, set. 88. *Os números 3 e 9 em "O Monstrengo da Mensagem de Fernando Pessoa".*

Leopoldo Scherner expôs o pensamento de Fernando Pessoa com relação aos símbolos e, por extensão, aos números, em matéria de arte. O professor fez um estudo esotérico do poema *O Monstrengo*, integrante da *Mensagem*, único livro em língua portuguesa de Pessoa publicado em vida.

PIÑON, Nélida. I (nº 9): 22, 23, mar. 88. *Uma Escritora sob o signo da paixão.*

Rosse Marye Bernardi analisou a carreira da escritora Nélida Piñon e sua produção literária como o romance *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, seu livro de estréia em 61; os contos *Tempo das frutas* (66); o romance *Fundador* e a *Casa da paixão;* romance *Tebas do meu coração* (74); os contos *Sala de armas* (73), *O calor das coisas* (80); romance *A força do destino* (78) e, por último, *A República dos sonhos* (84) e a *Doce canção de Caetana* (87).

Para os leitores *Nicolau* ofereceu o conto *Ave do paraíso,* mostrando um pouco da paixão e do refinamento da arte de narrar de Nélida Piñon.

POESIA AFRICANA. III (nº 20): 18-20, fev. 89. *Língua Portuguesa/Poesia africana. Que literatura é essa?*

Anamaria Filizola.

A professora Anamaria Filizola trouxe à tona poetas quase desconhecidos do público brasileiro e abordou questões como a existência ou não de uma nacionalidade literária. Revelou ainda a busca de uma identidade cultural das literaturas produzidas nos países ditos "em vias de desenvolvimento".

POESIA SIMBOLISTA NO PARANÁ. III (nº 24): 16, 17, jun. 88. *Ilha da Poesia Simbolista no Paraná.*

Cassiano Lacerda Carollo apresentou poemas dos poetas simbolistas como Dario Vellozo, Emiliano Perneta, Silveira Neto. Incluiu fragmentos de textos de Paulo Leminski, despindo a experiência sígnica dos simbolistas.

POMBO, Rocha. IV (nº 33): 18-20, maio, jun., jul. 90. *No Hospício: Loucos alardes de um Romance.*

Cassiana Lacerda Carollo analisou o Romance *No Hospício*, de Rocha Pombo, publicado em 1896-1900, romance metafísico (romance ensaio) com característica simbolista.

POTY. I (nº 12): 16, 17, jun. 88. *O ilustrado Poty.*

Cassiana Lacerda Carollo examinou a tradição gráfica brasileira, colocando a Livraria José Olympio Editora como a responsável pela revolução do livro brasileiro, ao mesmo tempo relacionou o início da trajetória de Poty nesta livraria.

REICHMANN, Ernani. IV (nº 34): 18, 19, ago., set. 90. *Ernani Reichmann: o(s) outro(s).*

Sérgio Rubens Sosséla revelou o poeta Ernani Reichmann (1920-1984) que criou uma série de heterônimos e fez de

sua obra um imenso confessionário. Autor de *Cantos de Lúcifer* (1966), *Viagem Reconstituída* e outros…

REY, Marcos. IV (nº 32): 12, 13, abr. 90. *Poucas palavras sobre Marcos Rey.*

João Antônio revelou preconceitos da crítica literária, omitindo a presença do autor de *Memórias de um gigolô, O mistério dos Cinco Estrelas* (820 mil exemplares vendidos); *Garra de Campeão* (98 mil exemplares vendidos); *O Cão da Meia-noite, A Arca dos Marechais, Mustang Cor-de-sangue; A exalação, Soy Loco por ti América,* considerado um dos escritores que mais vende no Brasil.

RIMBAUD, Arthur. III (nº 20): 21, fev. 89. *Rimbaud, umas férias no inferno.*

Rodrigo Garcia Lopes.

O texto fez referência a Arthur Rimbaud, o maior poeta-turista de todos os tempos.

RUBIÃO, Murilo. IV (nº 31): 10, 11, mar. 90. *Mariazinha (Murilo Mendes).*

Nicolau fez a rentreé literária do escritor Murilo Rubião, que estava há mais de dez anos sem publicar. Inseriu o fantástico cotidiano em seus livros, muito

antes do "boom" deste gênero na literatura hispano-americana com Cortazar e Borges.

RUIZ, Alice. IV (nº 29): 20, 21, jan. 90. *Um sopro alicemente poético.*

Denise Guimarães.

Leitura semiótica da produção poética de Alice Ruiz, haicaisista paranaense. Conferiu a concisão e simplicidade de seus poemas.

SABINO, Fernando. I (nº 6): 20, dez. 87. *Puxando a angústia.*

Roberto Gomes.

O escritor Roberto Gomes fez uma comparação alegando que escritores são como vinho, existem diferentes tipos, de diferentes safras. Rubem Fonseca, juntamente com Nelson Rodrigues e Dalton Trevisan que causavam obsessão neurótica, aquilo que se procurava para sempre sem jamais encontrar, feito a lenda recontada em *O Encontro Marcado*.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. I (nº 8): 16, 17, fev. 88. *Revisitando Saraiva, o sábio das picadas.*

Milton Ivan Heller.

Vasculhando arquivos e bibliotecas, Milton Ivan Heller, localizou artigos, documentos sobre o padre Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, que deixou uma produção

vastíssima como traduções de poemas de Homero e textos de Cícero, um tratado sobre amizade, e o dicionário latino-português que está completando 106 anos, considerado o melhor que já se publicou no país.

TANKA. IV (nº 31): 25, mar. 90. *Simples sons.*

Mitsuko Kawai rastreou a origem do "Tanka", tão popular como o haicai, a forma de poema mais antiga do Japão.

TELLES, Lygia Fagundes. IV (nº 29): 25, jan. 88. *Lygia: O encanto do simples.*

Marilene Weinhardt apresentou a escritora Lygia Fagundes Telles, presença marcante nas últimas quatro décadas da história literária brasileira.

TRADUÇÕES BRASILEIRAS. IV (nº 34): 27, ago., set. 90. *O Bóia-Fria do Mercado Livreiro.*

Leo Gilson Ribeiro criticou as traduções brasileiras e apontou as causas da péssima remuneração feita aos tradutores pelas editoras.

VEIGA, José J.. I (nº 5): 18, nov. 87. *José J. Veiga: Fabuloso fabulista do Real.*

Rosse Marye Bernardi.

Resenha crítica dos livros de J. J. Veiga. *Os cavalinhos de Platiplanto*, (1950), *A Hora dos Ruminantes, A máquina extraviada* (1968), *O pecado da tribo*, (1976), *Torvelinho dia e noite* (1985). Publicou nas páginas de *Nicolau* seu conto inédito: *O homem que viu a árvore*, que transitava para a vertente literária da "science-fiction", rompendo as fronteiras entre ficção e realidade, imitando uma nova verossimilhança textual.

VELLOZO, Dario. I (n° 8): 24, fev. 88. *Dario Vellozo, jovem socialista e inveterado libertário.*

Valfrido Piloto traçou um perfil político-ideológico de Dario Vellozo (1869-1937), poeta simbolista curitibano. Analisou seus poemas *Novo Pendão* (n°10, p.3), soneto *Vida e Morte* (n° 24 p. 3) e seu discurso, que proferiu na sessão magna do Clube Curitibano, comemorando o 3° aniversário da Abolição.

———, I (n° 3): 22, 23, set. 87. *A sedução pelo Esotérico e pelo oculto na poesia de Dario Vellozo.*

Cassiana Lacerda Carollo analisou a trajetória do poeta Dario Vellozo que partia da racionalização do símbolo para a "simbolização do racional" evidenciando o ocultismo e o esoterismo, estes aparecendo antes do simbolismo.

VICTOR. Nestor, VII (n° 53): 10, 11, maio, jun., 94. *Nestor Victor - O crítico fronteiriço.*

Wilson Martins.

O ensaista Wilson Martins recompôs a trajetória do escritor paranaense Nestor Victor (1868-1932), autor de *Paris, Signos* (1987), *Amigos* (1900), *Parasita* (1928), *Transfigurações* (1902) - poesia e outras produções e ensaios.

(MEMÓRIA)

CRÍTICA LITERÁRIA: ÍNDICE DE ASSUNTOS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (nº 1): 4, jul. 87. *Orelha para um livro de Serafim Barth.*

Manoel Carlos Karam relatou a princípio, os encontros que teve com Serafim Barth. Em uma de suas conversas, o escritor afirmava em jogar pedras um dia qualquer. Na realidade já estava gestando o livro *Notas sobre Apedrejamentos*, lançado pela Editora Quimera, Curitiba, 1987. Manoel Carlos Karan reproduz o "Conto nº 17" que está na página 49 e 50, do mesmo livro.

NICOLAU I (nº 1): 9, jul. 87. *Lezama Lima - Infinita Possibilidade.*

Texto de Josely Biscaia Vianna Baptista.

Traduziu e analisou *Sobre Poesia* (Conferência de Lezama Lima, feita no Congresso Cultural de La Habana, em janeiro de 1968) e *Poesia, ao chegar à sua identidade...* Em seu texto Lezama expôs sua teoria das culturas e sua teoria da imagem, que sustentavam a concepção de "um sistema poético do universo".

NICOLAU I (n° 1): 17, jul. 87. *Leminski Curitiba - Poesia: Três antologias.*

A resenha crítica feita por Leminski fez referência ao surgimento, em menos de um ano, de três antologias de poesia: *Feiticeiro Inventor* (edição da Criar), *Oss* e *Encontrovérsia* (edição dos autores), comparando Curitiba com outras cidades brasileiras, num nível alto de criatividade registrando portanto, um momento de grande efervescência cultural. *Feiticeiro inventor,* editada pela Criar, de Roberto Gomes, congregava trabalhos de 17 poetas, organizados por Hamilton Faria, indo da poesia social ao haicai. O crítico lamentou erros de programação gráfica, e o número excessivo de participantes, e a ausência de nomes importantes como Mario Stasiak, Wilson Bueno, Solda e outros... *Oss* reunia a produção de quatro poetas: Thadeu Wojciechowski, os irmãos Prado (Marcos e Roberto) e Edilson del Grossi. Segundo o crítico, boa parte dos poemas de *Oss* eram letras de roque, musicadas e tocadas pelas bandas curitibanas. Os poemas apresentavam certos problemas tais como, o uso excessivo de palavrões, e a questão relevante de como a letra de música se sustenta enquanto poesia, no papel. Esta antologia apresentou um design mais avançado em relação à antologia anterior. (*Feiticeiro inventor)*. Finalmente, afirmou que

Oss apresentava uma raridade, a da criação coletiva, lembrando o trabalho conjunto próprio da música popular. *Encontrovérsia,* englobava seis poetas: Jandira Kondera, Leopoldo Scherner, Thadeu Wojciechowski, Pena Kuchenberger, Marcos Prado e Cabañas. E, segundo o crítico, apresentavam uma poesia de boa feitura, incorporando tanto os recursos da poesia marginal dos anos 70, quanto das vanguardas dos anos 60 (fragmentações, trocadilhos, espacejamento), texto de Leminski, analisando manifestações artísticas japonesas (pintura, caligrafia, teatro Nô, kapuk, ikebana, haicai, arte do chá, artes marciais, arquitetura e decoração de interiores).

NICOLAU I (n° 2): 11, ago. 87. *América em busca dos passos perdidos.*

Josely Biscaia Vianna Baptista traduziu e analisou *Os passos perdidos* de Alejo, Carpentier (La Habana, 1904-1980). O livro escrito na Venezuela, fala sobre a "América" "esta terra incógnita", editado pela 1ª vez no México em 1953: Escreveu ainda *El reino de este mundo, Concerto barroco, El siglo de las luces.* Em todos os seus livros encontrava-se a tentativa de buscar uma imagem latino-americana.

NICOLAU I (nº 2): 16, ago. 87. *Monteiro Lobato revisitado.*

Wilson Martins.

Vasda Landers, defendeu a tese sobre a verdadeira posição de Monteiro Lobato no quadro do Modernismo, sob a orientação do professor Wilson Martins, em New York; a pesquisa foi publicada pela Civilização Brasileira e incluiu prefácio de Wilson Martins. O livro desautorizou numerosos lugares-comuns polêmicos ao redor de Monteiro Lobato e apresentou uma importante revisão historiográfica.

NICOLAU I (nº 3): 22, 23, set. 87. *A sedução pelo esotérico e pelo oculto na poesia de Dario Vellozo.*

Cassiana Lacerda Carollo analisou a trajetória do poeta Dario Vellozo que partia da racionalização do símbolo para a "simbolização do racional" evidenciando o ocultismo e o esoterismo, estes aparecendo antes do simbolismo.

NICOLAU I (nº 4): 10, out. 87. *Disparates do Duarte.*

Paulo Leminski questionou o texto "Nós da estrada" de Otávio Duarte publicado no Nicolau dentro da série de depoimentos que versavam, sempre à página 5, sobre aspectos da experiência paranaense. No último *Nicolau*

(n°3), o jornalista Otávio Duarte fez um balanço da situação litero-cultural do Estado. Leminski relatou alguns disparates cometidos por Otávio Duarte, dentre estes, o fato de não mencionar autores expoentes como Puppi, Jaques Brand, Os Prados, Solda, Eduardinho e tantos outros bons poetas paranaenses. O balanço de Otávio foi considerado injusto pois o Paraná era estado recente, que estava fundando uma tradição, um repertório coletivo.

NICOLAU I (n° 4): 23, out. 87. *Yo El Supremo - La Coma Transparente.*

Juan Manuel Marcos.

Autor de Roa Bastos, precursor del post-boom, escreveu este artigo, exclusivo para o *Nicolau* sobre *Yo el Supremo,* o livro de Roa que falava sobre Francia, um mito paraguaio. Augusto Roa Bastos se colocou como "compilador" de dados, "apontamentos" sobre Francia, El Supremo Dictador da Argentina. No artigo, Juan Manuel Marcos falou do Supremo, da ausência-transparência de vírgula (la Coma) entre o yo (eu) e o el título, fazendo um trocadilho com "a coma" na qual o autor mergulhou ao terminá-lo.

NICOLAU I (nº 5): 22, 23, nov. 87. *Ventos ao vento: Rabiscos em direção a uma estética.*

Paulo Leminski.

Texto de Leminski, analisando manifestações artísticas japonesas (pintura, caligrafia, teatro Nô, kabuki, ikebana, Hai-Kai, arte do chá, artes marciais, arquitetura e decoração de interiores).

NICOLAU I (nº 5): 18, nov. 87. *José J. Veiga: Fabuloso fabulista do Real.*

Rosse Marye Bernardi.

Resenha crítica dos livros de J. J. Veiga. *Os cavalinhos de Platiplanto* (1950), *A Hora dos Ruminantes, A máquina extraviada* (1968), *O pecado da tribo* (1976), *Torvelinho dia e noite,* (1985). Publicou nas páginas de *Nicolau* seu conto inédito: *O homem que viu a árvore,* que transitava para a vertente literária da "science-fiction", rompendo as fronteiras entre ficção e realidade, imitando uma nova verossimilhança textual.

NICOLAU I (nº 6): 20, dez. 87. *Puxando a angústia.*

Roberto Gomes.

O escritor Roberto Gomes fez uma comparação alegando que escritores são como vinho, existem diferentes tipos, de diferentes safras. Rubem Fonseca, juntamente com Nelson

Rodrigues e Dalton Trevisan que causavam obsessão neurótica, aquilo que se procurava para sempre sem jamais encontrar, feito a lenda recontada em *O Encontro Marcado*.

NICOLAU I (nº 6): 22, 23, dez. 87. *Os rapazes de 40 e suas revistas.*

Cassiana Lacerda Carollo analisou a literatura brasileira depois de 30, quando surgia uma geração que desejava a volta à ordem, conferindo a esta um caráter estetizante. Rastreou as revistas desta geração, como *Joaquim, Tinguí*, dirigida por Trevisan, jornal de ginasianos entre 1940-43; periódicos como *o Livro* (1939-1945), na tarefa de atualização da linguagem, na discussão das questões do presente e na modernização da mentalidade local.

NICOLAU I (nº 7): 18, 19, jan. 88. *Roa Bastos e o Ditador; reavaliando a História do Paraguai.*

David William Foster.

Neste ensaio, David William Foster expôs Roa Bastos, um dos marcos da ficção latino-americana. Roa escreveu *Yo el supremo*, que versava a figura lendária do advogado José Gaspar Rodrigues de Francia (1766-1840), articulador da dupla independência do Paraguai em relação à Espanha e à Confederação Argentina. Roa fez uma nova interpretação dos elementos que alicerçavam a cultura do seu país, em

contraposição aos textos sagrados da historiografia nacional, visando Francia e seu lugar paradoxal na história da emancipação da América Latina.

NICOLAU I (n° 8): 16, 17, fev. 88. *Revisitando Saraiva, o sábio das picadas.*

Milton Ivan Heller.

Vasculhando arquivos e bibliotecas, Milton Ivan Heller, localizou artigos, documentos sobre o padre Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, que deixou uma produção vastíssima como traduções de poemas de Homero e textos de Cícero, um tratado sobre amizade e o dicionário latino-português que está completando 106 anos, considerado o melhor que já se publicou no país.

NICOLAU I (n° 8): 24, fev. 88. *Dario Vellozo, jovem socialista e inveterado libertário.*

Valfrido Piloto traçou um perfil político-ideológico de Dario Vellozo (1869-1937), poeta simbolista curitibano. Analisou seus poemas *Novo Pendão* (n° 10, p. 3), soneto *Vida e Morte* (n° 24 p. 3) e seu discurso, proferido na sessão magna do Clube Curitibano, comemorando o 3° aniversário da Abolição.

NICOLAU I (n° 9): 13, mar. 88. *Salvador Espriu, o poeta da Catalunha.*

Leonilda Ambrozio rememorou o poeta catalão, pouco conhecido, que teve, durante anos, sua obra analisada de uma maneira equivocada e empobrecida.

NICOLAU I (n° 9): 17, mar. 88. *Ada Macaggi, Uma senhora poetisa.*

Alice Ruiz.

Alice resgatou a poetisa Ada Macaggi, curitibana, e seu novo tipo de fazer poesia, adotando o verso livre, antecipando, de certa forma, o modernismo, quando em Curitiba só se fazia Simbolismo. Analisou alguns poemas de seu livro *Ímpeto* de 1941, com ilustrações de Anita Malfatti e editado pela José Olympio.

NICOLAU I (n° 9): 22, 23, mar. 88. *Uma escritora sob o signo da paixão.*

Rosse Marye Bernardi analisou a carreira da escritora Nélida Piñon e sua produção literária como o romance *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, seu livro de estréia em 61, os contos *Tempo das frutas* (66), o romance *Fundador* e a *Casa da paixão*, o romance *Tebas do meu coração* (74), os contos *Sala de armas* (73), *O calor das coisas* (80) o romance *A força do destino* (78) e, por último, *A*

República dos sonhos (84) e a *Doce canção de Caetana* (87).

Para os leitores *Nicolau* ofereceu o conto *Ave do paraíso* mostrando um pouco da paixão e do refinamento da arte de narrar de Nélida Piñon.

NICOLAU I (n° 10): 12, abr. 88. *Rápida visão da obra de João Cabral de Melo Neto.*

Marly de Oliveira percorreu a produção do poeta João Cabral de Melo Neto, que se situa cronologicamente na geração de 45, mas que, na verdade, é diferente de seus contemporâneos. Rastreou toda sua produção poética, como *Pedra do Son* (n° 42), o poema em prosa *Os três Malandros* (n° 43), *O Engenheiro* (n° 43), *Psicologia da Composição* (n° 47), *O Cão sem plumas* e *O rio* (50, 53), *Uma faca só Lâmina* (56), *Quaderna* (59). Seguem-se *Dois Parlamentos* (60), *Educação pela Pedra* (65), *Museu de Tudo* (75), *A Escola das Facas* (80), *Auto do Frade* (84), *Agrestes* (85) e *Crime na Calle Relator* (87) e traçou paralelamente um perfil de sua biografia.

NICOLAU I (n° 10): 19, abr. 88. *Eles não leram e não gostaram.*

Deonísio da Silva.

Neste texto crítico o autor preocupou-se com a literatura brasileira contemporânea, pois professores

universitários, sobretudo da área de Letras, têm desprezado a prosa de ficção contemporânea. Relatou vários casos de injustiças com escritores desprezados pelo setor editorial, como, por exemplo, Adelino Magalhães, o inventor do monólogo interior, antes de Joyce, e muitos outros escritores de todos os estados.

NICOLAU I (nº 10): 20, 21, abr. 88. *Os três Reinos da Natureza em estado de Poesia.*

Marilene Weinhardt rastreou o processo criativo de Manoel de Barros, poeta mato-grossense-do-sul, de Campo Grande, relacionando os livros: *Poemas concebidos sem pecado*, (1937), *Face imóvel* (1942), *Poesias, Compêndio para uso dos pássaros* (1961), *Gramática expositiva do chão* (1969), *Matéria de poesia* (1974), *Arranjos para assobio* (1982), *O livro de pré-coisas* (1985), quase todos esgotados.

NICOLAU I (nº 11): 17, maio 88. *Jorge Luis Borges, autor de O nome da rosa?*

Denise Guimarães detectou e apontou os sinais do intertexto Borges - Eco. Seu intento foi procurar no best-seller de Umberto Eco as pistas intertextuais que conduzem ao escritor argentino. Estabeleceu, por relações entre o velho e cego "guardião do saber", cujo nome é Jorge de Burgos e Jorge Luis Borges.

NICOLAU I (nº 11): 17, maio 88. *Manuel Bandeira: as três artes poéticas.*

Wilson Martins analisou as três artes poéticas de Manuel Bandeira; a primeira, representada pelo poema *Os sapos,* considerado como uma poética do Modernismo, a Segunda, por *Libertinagem* (1930), época de consolidação do Modernismo e a terceira, a *Nova Poética* (1948), do volume *Belo belo,* que reflete as preocupações sociais do período.

NICOLAU I (nº 12): 16, 17, jun. 88. *O ilustrado Poty.*

Cassiana Lacerda Carollo examinou a tradição gráfica brasileira, colocando a Livraria José Olympio Editora como a responsável pela revolução do livro brasileiro, ao mesmo tempo relacionou o início da trajetória de Poty nesta livraria.

NICOLAU I (nº 14): 10, mar. 88. *O erro fecundo (Anotação de leitura).*

Boris Schnaidernan:

Teóricos como Mikhail Bakhtin, Z. Lompicki e outros, discutiram o erro dos formalistas que consistia em falar em soma de procedimento com materiais, como se estes fossem inertes, quando, na realidade, no processo

literário estabelecia-se uma dialética entre os materiais utilizados.

NICOLAU I (nº 14): 12, ago. 88. *Milton (Erichsen) Carneiro*

Sérgio Rubens Sosséla rememorou o médico, escritor e poeta Milton Carneiro (Paranaguá - 1902-1975). Mencionou os seus livros publicados como *Conceito Atual da Vida* (1928), *Sobre Machiavel* (tradução, 1965). No *Discurso do Bugre* (1933), fez uma mensagem aos 30 médicos afilhados; em *Procissão de Eus* (1961) deixou clara a sua genialidade e, em *Procissão de Sonhos* reuniu seus inspirados poemas.

NICOLAU I (nº 14): 18, mar. 88. *De Goytisolo, Sheakspeare e desterrados.*

Leonilda Ambrozio expôs a biografia e bibliografia de Juan Goytisolo, um escritor catalão nascido em Barcelona em 1931. Suas principais obras: *Señas de Identidad,* (1966); *La Reinvindicación del Conde Don Julián,* (1970); e *Juan sin Tierra,* obra complexa que fala do desterrado *Juan sin Tierra,* um personagem que peregrina dentro do texto, profanando, destruindo a realidade textual.

NICOLAU II (nº 15): 18, 19, set. 88. Os números 3 e 9 em *"O Monstrengo da Mensagem de Fernando Pessoa".*

Leopoldo Scherner expôs o pensamento de Fernando Pessoa com relação aos símbolos e, por extensão, aos números, em matéria de arte. O professor fez um estudo esotérico do poema *O Monstrengo*, integrante da *Mensagem*, único livro em língua portuguesa de Pessoa publicado em vida.

NICOLAU II (nº 17): 10, 11, nov. 88. *A terceira margem de Luis León Bareiro* (tradução de Josely Baptista).

Juan Manuel Marcos refletiu o trabalho poético do paraguaio Luis León Bareiro: *Miniaturas* (30 de 1979), e *Hand-made*, (de 1980). Propôs a descoberta da fala latino-americana, a dimensão do progresso como produto não só da razão, mas também da emoção.

NICOLAU III (nº 19): 16, jan. 89. *Formas neobarrocas.*

Néstor Perlongher.

O estilo barroco ressurgiu na América, em terras cubanas, na obra de Lezama Lima e o crítico e poeta argentino Néstor Perlongher percorreu este procedimento que proliferou nas letras latino-americanas.

NICOLAU III (nº 20): 18-20, fev. 89. *Língua Portuguesa/Poesia africana. Que literatura é essa?*

Anamaria Filizola.

A professora Anamaria Filizola trouxe à tona poetas quase desconhecidos do público brasileiro e abordou questões como a existência ou não de uma nacionalidade literária. Revelou ainda a busca de uma identidade cultural das literaturas produzidas nos países ditos "em vias de desenvolvimento".

NICOLAU III (nº 20): 21, fev. 89. *Rimbaud, umas férias no inferno.*

Rodrigo Garcia Lopes.

O texto fez referência a Arthur Rimbaud, o maior poeta-turista de todos os tempos.

NICOLAU III (nº 21): 16, 17, mar. 89. *Ex-Libris, marca da propriedade ou da leitura?*

Cassiana Lacerda Carollo apresentou ao leitor de *Nicolau* raras etiquetas chamadas ex-libris, acervo da Biblioteca Pública do Paraná que guarda a maior coleção do gênero, reunindo 2.500 ex-libris brasileiros e estrangeiros, distribuídos em 43 volumes, classificados e separados conforme tema e origem.

NICOLAU III (nº 21): 18, 19, mar. 89. *Duas cartas inéditas de Machado de Assis.*

Plínio Doyle.

Na introdução e notas, Plínio Doyle revelou duas cartas de Machado de Assis, uma delas enviada poucos dias antes de sua morte (no Rio, em 29 de setembro de 1908), demonstrando resignação pelo seu estado de saúde e o prazer pelas palavras.

NICOLAU III (nº 24): 16, 17, jun. 88. *Ilha da Poesia Simbolista no Paraná.*

Cassiana Lacerda Carollo apresentou poemas dos poetas simbolistas como Dario Vellozo, Emiliano Perneta, Silveira Neto. Incluiu fragmentos de textos de Paulo Leminski, despindo a experiência sígnica dos simbolistas.

NICOLAU III (nº 25): 8, 9, jul. 89. *Leminski. Uma poesia entre o tema, o mim e o apocalipse.*

Rodrigo Garcia Lopes.

O nº 25 do *Nicolau* é um número especial sobre Paulo Leminski. Rodrigo Garcia Lopes fez um estudo de sua poesia e Josely Vianna Baptista expôs seus manuscritos.

NICOLAU I (nº 11): 18, 19, maio 88. *Carpas Quietas.*

Eliane Eme Sato e Maurício Arruda Mendonça expuseram os haikaisistas da colônia japonesa: Shinshiti Minowa, Teiko Ishizuka, Haruko Nakagawa, Mitio Suguimoto, Tentoshi

Suzuki, herdeiros da veia poética do mestre Shiki, via Takahama e Sato.

NICOLAU III (nº 26): 10, 11, ago. 89. *Ondas no Mar Paraguayo.*

Néstor Perlongher.

O escritor argentino Néstor Perlongher apresentou "Brinks" da "novela" em progresso *Mar Paraguayo,* de Wilson Bueno e direcionou o leitor para a leitura e associações.

NICOLAU III (nº 28): 16-18, dez. 89. *Futurismo em Curitiba.*

Paulo Leminski revelou a noite modernista em Curitiba em 15 de outubro de 1926. Os poetas, Laertes Munhoz, Clemente Ritz, Castella Braz, Alceu Chichorro, Lacerda Pinto, Charles Xuxi, Sá Barreto e Rodrigo Júnior criaram exemplos do futurismo na província.

NICOLAU IV (nº 29): 20, 21, jan. 90. *Um sopro alicemente poético.*

Denise Guimarães.

Leitura semiótica da produção poética de Alice Ruiz, haicaisista paranaense. Conferiu a concisão e simplicidade de seus poemas.

NICOLAU IV (nº 29): 22, 23, jan. 90. *Ficção Científica, uma cartografia do imaginário.*

Braulio Tavares analisou a narrativa de ficção científica (narrativa que inclui literatura, cinema, quadrinhos, etc.) considerada um poço de petróleo para a indústria cultural.

NICOLAU IV (nº 29): 25, jan. 88. *Lygia: O encanto do simples.*

Marilene Weinhardt apresentou a escritora Lygia Fagundes Telles, presença marcante nas últimas quatro décadas da história literária brasileira.

NICOLAU IV (nº 29): 24, jan. 90. *A criação literária.*

Lygia Fagundes Telles analisou a própria criação literária, descobrindo os motivos do ato criador, a mais importante função da literatura.

NICOLAU IV (nº 30): 12, 13, fev. 90. *Karam, o poeta e o romance de um filme.*

Raimundo C. Caruso analisou o livro *Fontes Murmurantes* de Manoel Carlos Karam, cuja montagem lembra teatro, o texto jornalístico, a crônica, a poesia, o roteiro cinematográfico e o surrealismo.

NICOLAU IV (nº. 31): 25 mar. 90. *Simples sons.*

Mitsuko Kawai rastreou a origem do "Tanka", tão popular como o haicai, a forma de poema mais antiga do Japão.

NICOLAU IV (nº 31): 10, 11, mar. 90. *Mariazinha (Murilo Mendes).*

Nicolau fez a rentreé literária do escritor Murilo Rubião, que estava há mais de dez anos sem publicar. Inseriu o fantástico cotidiano em seus livros, muito antes do "boom" deste gênero na literatura hispano-americana com Cortazar e Borges.

NICOLAU IV (nº 32): 12, 13, abr. 90. *Poucas palavras sobre Marcos Rey.*

João Antônio revelou preconceitos da crítica literária, omitindo a presença do autor de *Memórias de um gigolô, O mistério dos Cinco Estrelas* (820 mil exemplares vendidos); *Garra de Campeão* (98 mil exemplares vendidos); *O Cão da Meia-noite, A Arca dos Marechais, Mustang Cor-de-sangue; A exalação, Soy Loco por ti América,* considerado um dos escritores que mais vende no Brasil.

NICOLAU IV (nº 33): 12, maio, jun., jul. 90. *O Homem que continua com fome.*

Paulo Motta.

Paráfrase do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, feita cem anos depois por Paulo Motta.

NICOLAU IV (nº 33): 14, 15, maio, jun., jul. 90. *Os brados de uma terra braba.*

Miguel Sanches Neto analisou a obra de David Gonçalves, um escritor descendente de espanhóis, considerado um caso raro na literatura nacional. Autor de *Geração Viva* (coletânea de contos); *Terra Braba* (novela) e *O Rei da Estrada* (Romance), trabalhou com a ficção oral, com o realismo social e com agudeza crítica.

NICOLAU IV (nº 33): 18-20, maio, jun., jul. 90. *No Hospício: Loucos alardes de um Romance.*

Cassiana Lacerda Carollo analisou o Romance *No Hospício*, de Rocha Pombo, publicado em 1896-1900; romance metafísico (romance ensaio) com característica simbolista.

NICOLAU IV (nº 34): 18, 19, ago., set. 90. *Ernani Reichmann: o(s) outro(s).*

Sérgio Rubens Sosséla revelou o poeta Ernani Reichmann (1920-1984) que criou uma série de heterônimos e fez de sua obra um imenso confessionário. Autor de *Cantos de Lúcifer* (1966), *Viagem Reconstituída* e outros.

NICOLAU IV (nº 34): 27, ago., set. 90. *O Bóia-Fria do Mercado Livreiro.*

Leo Gilson Ribeiro criticou as traduções brasileiras e apontou as causas da péssima remuneração feita aos tradutores pelas editoras.

NICOLAU IV (nº 37): 20, fev., mar. 91. *Emílio de Menezes, em torno do boêmio.*

Cassiana Lacerda Carollo revelou o poeta paranaense Emílio de Menezes (1866-1918), que fazia do humor um instrumento do luxo e do simples Poeta eclético, representante da "belle époque", momento de intercâmbio entre os neoparnasianos e o neosimbolistas.

NICOLAU V (nº 37): 26, fev., mar. 91. *Droguett, o livro proibido.*

Cecília Zokner revelou o escritor chileno Carlos Droguett, autor de *Matar a los Viejos*, livro que expõe a decadência do ex-ditador Augusto Pinochet.

NICOLAU V (nº 40): 07, ago., set. 91. *Visão pré-lógica e a poética de Manoel de Barros.*

Sérgio Rubens Sosséla revelou o poeta pantaneiro de Campo Grande/MS, Manoel de Barros, autor de *Aranjos para assobio* (83), *Livro de Pré-coisas* e outros...

ENSAIO

NICOLAU V (n° 40): 25, ago., set. 91. *A sensibilidade de um escritor pop.*

Nicolau.

Revelou o escritor Roberto Drummond, autor de *O dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado, Sangue de Coca-cola, Quando fui morto em Cuba, Hitler manda lembranças* e *Hilda Furacão;* tem o Prêmio Nacional de Ilustração da revista *Playboy; Nicolau* mostrou, pela primeira vez, o seu conto *Os mortos não dançam valsa.* (DESTAQUE NACIONAL)

NICOLAU V (n° 40): 18, ago., set. 91. *Transparências.* Tradução de Karin Cristina.

Octávio Paz.

O poeta revelou no verso os problemas existenciais mais fundos do ser humano em sua dupla dimensão pessoal e histórica.

(DESTAQUE NACIONAL)

NICOLAU V (n° 44): 12, 13, jul., ago. 92. *Haroldo de Campos: De olho na última estrela.*

Horácio Costa revelou o poeta e tradutor Haroldo de Campos (São Paulo, 1929), que fundou, com Augusto de Campos e Décio Pignatari, o "Movimento da Poesia Concreta", cujo plano piloto (1958) constituiu o documento de base para avaliar a ruptura da estética que preconizavam em relação ao panorama pregresso das letras brasileiras.

NICOLAU V (n° 46): 11, dez. 92. *Helena Kolody, O Dom.*

Paulo Leminski prestou uma homenagem à poeta Helena Kolody, autora de *Paisagem interior* (1941), *Música submersa, Trilha sonora, Infinito Presente, Sempre Palavras* e outros... (TALENTO)

NICOLAU V (n° 47): 21, 22, mar., abr. 92. *Florbela Espanca. A Distraída do Alentejo.*

Liane Barcellos revelou a poeta portuguesa Florbela Dalma da Conceição Espanca, "expressão do eterno feminino", espécie de figura antiga ante os ícones bárbaros da modernidade.

(Destaque internacional/Memória)

NICOLAU VI (n° 50): 20-23, set., out. 93. *Os "Freak" de Lewis Carrol.*

Sérgio Medeiros analisou a criação literária de Lewis Carrol, literatura mítico-poética revelada em *Sylvie and Bruno*, *Preparativos para uma conferência* e *A conferência*.

NICOLAU VII (nº 52): 26, 27, mar., abr. 94. *Cartas ao Dr. Alceu.*

Mário de Andrade, Murilo Mendes e Drummond.

Nicolau publicou pela primeira vez as cartas endereçadas a Alceu Amoroso Lima escritas por Drummond, Murilo Mendes e Mário de Andrade.

NICOLAU VII (nº 53): 10, 11, maio, jun., 94. *Nestor Victor - O crítico fronteiriço.*

Wilson Martins.

O ensaista Wilson Martins recompôs a trajetória do escritor paranaense Nestor Victor (1868-1932), autor de *Paris*, *Signos* (1987), *Amigos* (1900), *Parasita* (1928), *Transfigurações* (1902) - poesia e outras produções e ensaios.

(MEMÓRIA)

NICOLAU VII (nº 53): 13-15, maio, jun. 94. *A Monja ensangüentada.*

Matthew Gregory Lewis.

Texto do livro *The Monk* (O Monge). escrito por Mathew Gregory Lewis, traduzido por Sérgio Medeiros que conta a lenda da *Monja ensangüentada*.

(OURO ANTIGO)

CRÍTICA LITERÁRIA: Quadro geral da seção

Os artigos referentes a estudos e apreciação dos textos literários estão dispersos ao longo das publicações de uma forma bem variada, sem qualquer sistematização, por isso, a identificação de tais textos fica por conta do repertório do leitor. Só a partir do número 40 é que o *Editorial* passou a inserir, na primeira página das edições, um índice, colocando títulos nos artigos, como: *Talento, Ouro Preto, Resgate, Ensaio, Memória,* etc., fornecendo, assim, pistas para a leitura.

Cada enfoque dado pelos articulistas era variado, e os artigos se revestiam de características de ensaios, estudos teóricos da literatura, estudos referentes à história da literatura e outros.

Os artigos que tratavam da história das narrativas de ficção apareceram em um número bem elevado; muitos artigos sobre autores consagrados como José J. Veiga,[242] Nélida Pinõn,[243] Lygia Fagundes Teles,[244] Murilo Rubião,[245] Marcos Rey,[246] Roberto Drummond[247] e outros.

---

[242] **Nicolau**, nº 5
[243] **Nicolau**, nº 9
[244] **Nicolau**, nº 29
[245] **Nicolau**, nº 21
[246] **Nicolau**, nº 32
[247] **Nicolau**, nº 40

Alguns destes ocuparam posição relevante com estudos sobre autores estrangeiros como Jorge Luis Borges,[248] Lewis Carrol[249] e Matthew Gregory Lewis[250], pretendendo traçar um paralelo dentro da literatura brasileira.

Alguns outros tiveram como objetivo a (re)descoberta de autores esquecidos como David Gonçalves,[251] um escritor descendente de espanhóis, considerado um caso raro na literatura nacional.

Outros artigos, ainda, se propuseram a fazer revisões do passado como é o caso de Cassiana L. Carollo[252] que analisou *No Hospício*, de Rocha Pombo, romance metafísico com características simbolistas.

Houve também artigos que ocuparam duas linhas de estudos: artigos relacionados com a História e artigos sobre fatos ou épocas da história da literatura brasileira. Na primeira linha ocuparam posição relevante os de escritores estrangeiros numa tentativa de encontrar uma imagem latino-americana; neste aspecto cita-se Juan Manuel Marcos,[253] autor de *Roa Bastos* que escreveu *Yo El Supremo*, o livro sobre Francia, personagem polêmica, artífice da independência paraguaia. David Willian Foster,[254] também expôs para os leitores este mesmo escritor, merecendo, portanto, dois artigos no *Nicolau*, por ser

---

[248] **Nicolau**, nº 11
[249] **Nicolau**, nº 50
[250] **Nicolau**, nº 53
[251] **Nicolau**, nº 33
[252] **Nicolau**, nº 33
[253] **Nicolau**, nº 4
[254] **Nicolau**, nº 7

considerado um dos marcos da ficção latino-americana. Em relação aos artigos que estudaram fatos ou épocas da história da literatura brasileira, se fez presente uma tese sobre Monteiro Lobato, revendo sua posição dentro do modernismo, e estudos sobre a década de 40, quando surgiu uma geração que conferiu à literatura um caráter mais estetizante, rastreando também muitas "Revistas" de cunho paranaense que proliferaram a partir desta data, como *Tinguí, Joaquim* e outras, na tarefa de atualização da linguagem, na discussão das questões do presente e na modernização da mentalidade atual.

Estudos sobre a poesia, foi o assunto que mereceu maior espaço no *Nicolau* dentro dessa seção.

Entre os artigos, expressivo número foi dedicado aos poetas simbolistas paranaenses como Dario Vellozo,[255] Nestor Victor,[256] Emiliano Perneta,[257] Silveira Neto[258] e Emílio de Menezes,[259] numa tentativa de despir a sua experiência sígnica e descobrir o que se escondia por trás de toda a parafernália simbolista.

Além dos poetas simbolistas, outros poetas paranaenses foram destacados como Alice Ruiz,[260] haicaisista, cujo projeto estético sintonizava-se com a melhor produção poética atual,

---

[255] **Nicolau**, nº 8
[256] **Nicolau**, nº 53
[257] **Nicolau**, nº
[258] **Nicolau**, nº
[259] **Nicolau**, nº 37
[260] **Nicolau**, nº 29

Helena Kolody[261] cujos poemas, através de Paulo Leminski, foram revisitados por *Nicolau* e Ada Macaggi,[262] poeta também curitibana que já adotava o verso livre em plena efervescência simbolista. Todas as seções se voltaram para estudar e comentar Paulo Leminaki, este poeta considerado o grande agitador cultural do momento.

Encontravam-se ainda artigos que focalizavam a produção de poetas consagrados como Manuel Bandeira,[263] João Cabral de Melo Neto,[264] cuja obra veio a ser, depois de 1956, modelo de linguagem, pela sua contenção do impulso lírico e pela sua objetualidade discursiva.

Em outro exemplar, a escritora Lygia Fagundes Telles[265] analisa a própria criação literária tentando descobrir os motivos do ato criador que se identificavam com a mais importante função da literatura, que seria a de "estimular o difícil homem a viver neste planeta dificílimo". No texto não se pode observar a separação entre as funções "crítica" e "criadora". Tal como a linguagem da literatura, a linguagem crítica compunha-se de diferentes vozes, registro, ponto de vista, figuras de linguagem, ritmo, estilo, e terminou por não se distinguir da linguagem literária como tal.

Em relação aos artigos sobre os assuntos teóricos, esparsos na seção, os temas abordados eram variados, desde

---

[261] **Nicolau**, nº 46
[262] **Nicolau**, nº 9
[263] **Nicolau**, nº 11
[264] **Nicolau**, nº 10
[265] **Nicolau**, nº 29

anotações de leitura, que relacionassem teóricos discutindo o "erro" dos formalistas, até as transparências de Octávio Paz,[266] revelando no verso os problemas existenciais mais fundos do ser humano. Definiram-se ficção científica, formas barrocas e manifestações das vanguardas européias (Futurismo), em Curitiba. Havia, também certa constância sobre os temas que abordavam as artes orientais como a japonesa e a origem do "Tanka",[267] a forma de poema mais antiga do Japão.

Muitos artigos se propuseram a resgatar textos, vasculhando artigos e documentos de autores como o Padre Francisco Saraiva,[268] que deixou uma produção vastíssima, inclusive o dicionário latino-português, considerado o melhor que já se havia publicado na época; Serafim Barth,[269] *Notas sobre Apedrejamentos;* o poeta da Catalunha, Salvador Espriu,[270] pouco conhecido, que teve sua obra analisada de uma maneira equivocada; Adelino Magalhães[271] e muitos outros escritores desprezados pela crítica, e ainda o resgate de duas cartas de Machado de Assis,[272] expondo sua angústia frente à morte e revelando seu domínio sobre as palavras.

---

[266] **Nicolau**, nº 2
[267] **Nicolau**, nº 31
[268] **Nicolau**, nº 8
[269] **Nicolau**, nº 1
[270] **Nicolau**, nº 9
[271] **Nicolau**, nº
[272] **Nicolau**, nº 21

Um exemplar de *Nicolau* foi dedicado especialmente a Paulo Leminski[273] (1945-1989), para resgatar sua produção literária e suas reflexões sobre a teoria do "in-utensílio" da poesia.

Em relação à crítica e estudos dos textos, encontrados nesta seção, alguns posicionamentos são mais conservadores, presos à biografia dos autores, outros às críticas de cunho sociológico e psicológico e ainda outros que buscaram mais os elementos intrínsecos da obra literária, tendo como objeto de estudo a obra em si e não as circunstâncias externas que a condicionaram.

O prof. Afrânio Coutinho em sua obra Crítica e Teoria Literária (Eufe) faz uma diferença entre "Crítica" e "Review", que envolvem duas atividades diversas, duas perspectivas diferentes em face do fato literário. O "reviewing" é principalmente uma função noticiosa; na crítica a ênfase é posta sobre a avaliação, no "reviewing" sobre a informação. As informações do "reviewer", mesmo quando encerram juízos, diz ele, são meras extensões de sua função de noticiarista, são informações baseadas em seu julgamento ou opinião, mas não podem chamar-se no sentido pleno, crítica. "Para se tornar crítica, o "review" deveria elevar-se acima de seu propósito imediato (a informação pura e simples)". O crítico se preocupa com toda obra de um autor, de um grupo de escritores, ou de um período, enquanto o "review" visa apenas a uma obra, sobre a

---

[273] **Nicolau**, nº 25

qual focaliza o seu interesse. A crítica considera que o leitor conhece a obra e o autor discutido, ao passo que o "review" não pode levar em conta essa possibilidade, pois o leitor de jornais é presumidamente menos informado do que o de trabalhos de crítica. Para bem servir o público, o "review" tem que consentir maior efusão de suas reações e impressões, tem que ser mais objetivo, mais expositivo, mais repórter. Daí o êxito popular dos impressionistas. E a impopularidade da crítica objetiva, impessoal, que não é feita para o jornalismo nem para o grande público (...). No entanto, com ser diferente não quer dizer que o "review" seja divorciado da crítica, ao contrário, deve inspirar-se em padrões críticos para bem preencher sua finalidade precípua.

Assim, para os estudiosos, o "review" é um gênero jornalístico, é um tipo de crítica aplicada à informação jornalística. A crítica exige diferentes métodos e critérios que tornam o seu resultado incompatível com o exercício periódico e regular em jornal e é mais incompatível com o próprio espírito do jornalismo, que é a informação ocasional e leve. No Brasil, não há dois termos na língua portuguesa, para designar as duas atividades, o que ocasiona uma confusão sob a denominação de crítica.

Segundo, ainda, Afrânio Coutinho, a crítica brasileira tentou uma conciliação entre os dois procedimentos. Superado este procedimento, tal crítica é incompatível, hoje, com os

fins e o público atual do jornalismo. O público leitor não está interessado na crítica literária, ele só é acessível ao "review" leve, informativo. Crítica, portanto, no Brasil, é a que se exerce nos jornais periodicamente, em folhetins ou rodapés: o que se designa como crítica é o "review" (notícias, comentários e crítica jornalística), embora façam crítica, mas não com regularidade jornalística, não como militantes, mas esporadicamente em livros, revistas ou mesmo jornais; esses não são críticos, porém ensaístas e o seu trabalho é um ensaio.

Portanto, com base nos postulados teóricos, acima mencionados, as matérias que se publicaram no *Nicolau*, atenderam às características do "review", com notícias de livros, ou comentários. Embora tendo como objetivo, por se tratar de um texto jornalístico, atingir o público de jornais, os procedimentos dos articulistas do *Nicolau*, demonstraram uma opinião autorizada de seu trabalho, partiram da crítica, pois com "reviewer", demonstraram ter experiência literária e conhecimento dos problemas literários e críticos.

É o que se pode afirmar, por exemplo de Josely Vianna Baptista, que traduziu e analisou *Sobre Poesia*, conferência de Lezama Lima feita no Congresso Cultural de La Cabana, em janeiro de 1968 e *Poesia, ao chegar à sua identidade*.[274]

A propósito, escreveu Paulo Leminski:

---

[274] **Nicolau**, n° 01, de julho de 1987

"Nem há muitas cidades no Brasil onde se ache tradutora e crítica literária do nível de Josely Biscaia Vianna Baptista, recriadora de Carpentier e do *Paradiso* de Lezama Lima, editada pela Brasiliense e Companhia das Letras."[275]

Outro exemplo:

Paulo Leminski,[276] em *Curitiba, Poesia: Três Antologias* - a partir do título de sua matéria já acentua a distinção entre crítica e "review". Suas afirmações em relação às três antologias: *Feiticeiro inventor, Oss e Encontrovérsia* são puramente noticiosas, colocando ênfase sobre a informação em detrimento da avaliação. As informações do "review", mesmo encerrando juízos, são extensões de sua função de noticiarista, baseados em seu julgamento ou opinião; na matéria afirmou Paulo Leminski:

"Na minha opinião, o número de poemas apresentados devem ter sido, drasticamente reduzidos, para que cada poeta comparecesse só com seu melhor; um poema por página."[277]

Não se pode afirmar ter feito uma crítica no sentido pleno, embora esta aparecesse em algumas frases no decorrer do texto. Mesmo porque o texto jornalístico está preso a um certo número de linhas, num determinado espaço, sendo, desta forma, improcedente analisar criticamente três antologias.

---

[275] **Nicolau,** nº 04, p. 10
[276] **Nicolau,** nº 01, p. 17
[277] **Nicolau,** nº 01, p. 17

No exemplar de n° 46, Paulo Leminski prestou uma homenagem a Helena Kolody, apresentando alguns de seus poemas ficando, portanto, preso à sua biografia e bibliografia.

Por sua vez, Wilson Martins, autor de *Um Brasil Diferente, História da Inteligência Brasileira* (1976/79), um monumento de erudição, *O Modernismo, Introdução à Democracia Brasileira*, entre outros, professor titular da Universidade de Nova Iorque, um dos intelectuais mais brilhantes no campo da análise e crítica literária, como tal, ofereceu aos leitores do *Nicolau*,[278] prefácios de livros como o da carioca Vasda Landers, doutoranda da "New York University", defendendo a tese sobre a verdadeira posição de Monteiro Lobato no quadro do Modernismo, sob a sua orientação; apresentou, ainda, um estudo sobre as três artes poéticas de Manuel Bandeira, mostrando os equívocos de sua posição frente ao Modernismo da Semana de 22;[279] como ensaísta recompôs a trajetória do escritor paranaense, Nestor Victor (1868-1932), autor de clássicos como *Paris*, considerado por Sílvio Romero, "O livro de viagens mais notável de nossas terras".[280]

Seu ensaio, (diferente do "review"), se revelou como, além de ser um breve discurso, um compêndio de pensamento, experiência e observação.

Frente aos postulados teóricos do professor Afrânio Coutinho, mostrado anteriormente, constatou-se que os

---

[278] **Nicolau,** n° 2, p. 16
[279] **Nicolau,** n° 11, p. 23
[280] **Nicolau,** n° 53, p. 10,11

procedimentos críticos do *Nicolau*, de um modo mais abrangente, ficaram presos aos "review", leve e informativo, diferente da crítica literária, mais complexa, incompatível com o público leitor de jornais.

No *Mosaico,* Jorge Mautner, que o influenciou a transportar sua "eterna-moderna poesia para a direção da música popular e transformá-la em poesia-letra, também o reconheceu como o "samurai-poeta, o além-poeta da tempestade".

Também, Nelson Capucho, falando em década, afirmou que foi possível aquela ser lembrada principalmente pelo que lhe haviam tirado: Ana Cristina César e Paulo Leminski, que "foram convocados prematuramente para exercer o ofício em outra dimensão do universo".

Alice Ruiz, analisou sua poesia que desenvolveu toda uma teoria estética, dentro da mais ousada e criativa metalinguagem sobre o fazer (inutensílio) poético.

Ainda, Denise Guimarães, ao rastear a poesia de invenção do anos 70/80, acompanhou a trajetória poética de Paulo Leminski, sintonizada com a busca de uma "linguagem poética nova, concisa e de alta definição".

No *Mirante*, Luís Dolhnikoff, retomou os próprios versos do poeta para defini-lo e homenageá-lo: o paulo**leminski**/ é um cachorro louco/ que deve ser morto/ a pau a pedra/ a fogo a pique/ senão é bem capaz/ o filhodaputa/ de fazer chover/ em nosso pequenique" (Paulo Leminski).

Rodrigo Garcia Lopes fez ainda nesse mesmo exemplar, uma vista aérea de sua poesia, que ele "fazia como quem respira".

Na seção *Poesia*, foram publicados poemas do livro inédito: *La vie en close*, "vida que se fecha como um diafragma em torno do desejo da poesia, dos amplos espaços da linguagem em liberdade, esse vento onde tudo cabe".

Josely Vianna Baptista analisou o *Catatau* publicado em 1975, obra que foi elevada a um grau que não tinha sido praticada anteriormente na prosa em português. O procedimento crítico usado pela analista, correspondeu ao que Leyla Perone Moisés chamou de crítica genética, pois, ao estudar e expor os manuscritos do *Catatau*, através do "prototexto", mostrou o movimento seguido desde a primeira versão até a última forma original. Assim, eu seu fragmento final, pôde-se notar, cotejando-o com o texto da edição de 1975, que as primeiras 30 linhas foram cortadas na íntegra e, a partir daí, feitas alterações mínimas, mas essenciais ao seu "condensare exuberante".

O exemplar n° 25, publicou o *Wanka, o dia em que as pedras falaram*, conto inédito do escritor.

Ainda muitos poetas o homenagearam como Régis Bonvicino, Wilson Bueno (*Leminskaia*) e Haroldo de Campos (*Celebração do poeta Leminski*) e Domingos Pellegrini.

No artigo de Bóris Schinaiderman é apontado o sofisticado trabalho tradutório do "hábil fabbro Leminski" que polia de

Mischima e Beckett (e outra pedra-de-toque) com raro rigor criativo.

Finalmente, a resenha de Antonio Risério, também se debruça sobre o *Catatau*, relançado pela Editora Sulina, de Porto Alegre, enriquecido com prefácios do próprio autor e textos críticos que norteiam a viagem poético-intelectual que é a sua leitura.